



UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA

DA CIÊNCIA À TRANSCENDÊNCIA

Epistemologia da Motricidade Humana

Manuel Sérgio



Da Ciência à Transcendência

Título Da Ciência à Transcendência: Epistemologia da Motricidade Humana

Autor Manuel Sérgio

Coleção Cátedra Manuel Sérgio – Desporto, Ética e Transcendência

Coordenação científica Alfredo Teixeira, João Eleutério

© Universidade Católica Editora

© Manuel Sérgio

Revisão editorial Maria João Carmona

Capa Ana Luísa Bolsa | 4 ELEMENTOS

Imagem da capa Boris Thaser | Flickr

Paginação acentográfico

Impressão e acabamento Sersilto – Empresa Gráfica, Lda.

Depósito legal 0

Tiragem 500 exemplares

Data novembro 2019

ISBN 9789725406731

ISBN e-Book 9789725406748

Universidade Católica Editora

Palma de Cima 1649-023 Lisboa

Tel. (351) 217 214 020

uce@uceditora.ucp.pt | www.uceditora.ucp.pt

Licença: este trabalho encontra-se publicado com a

Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0



SÉRGIO, Manuel

Da ciência à transcendência : epistemologia da motricidade humana / Manuel Sérgio ; pref. de Alfredo Teixeira. – Lisboa : Universidade Católica Editora, 2019. – 152 p. ; 23 cm. – (Cátedra Manuel Sérgio. Desporto, ética e transcendência / coord. científica [de] Alfredo Teixeira e João Eleutério). – ISBN 9789725406731 . ISBN 9789725406748 (E-book)

I – Tit. II – TEIXEIRA, Alfredo, pref. e coord. científico III – Col. IV – ELEUTÉRIO, João José, coord. científico

CDU 796.011

Da Ciência à Transcendência: Epistemologia da Motricidade Humana

Manuel Sérgio

UNIVERSIDADE CATÓLICA EDITORA
Lisboa, 2019

Índice

Prefácio	7
Introdução	13
 Capítulo I	
Epistemologia e Motricidade Humana	17
1. Uma reforma paradigmática	17
2. As epistemologias regionais	20
3. Novos paradigmas e complexidade	22
4. A complexidade e a galáxia da Internet	24
5. Uma ciência hermenêutico-humana	26
 Capítulo II	
Temas e Problemas	29
1. Para um desporto novo	29
2. A ciência do futebol	35
3. A crença gera biologia	38
4. A década de 1980	41
5. A onnipresença do futebol	44
6. A propósito do treino: uma aproximação ao existencialismo	47
7. A rutura com o senso comum na ciência da Motricidade Humana	50
8. Conhecemos muito, ignoramos muito mais	54
9. Dar o melhor de si	58
10. O futebol tem violência, não é violento	61
11. O futebol: um fundamentalismo	64
12. O tempo é intemporal	69
13. O que fazem os filósofos	75
14. Desporto e transcendência	80
 Capítulo III	
Instituições e Pessoas	83
1. O Sporting Clube de Portugal e o necessário corte epistemológico	83
2. Saudade do Barcelona, de Artur Jorge e de José Mourinho	87
3. José Maria Pedroto: saudades do futuro	91
4. Jorge Araújo: a paixão do saber	94

5. O futebol e Jorge Semprún	97
6. Liberalismo e epistemologia (introdução a Karl Popper)	101
7. O padre Manuel Antunes, um especialista em humanidade	106
8. Teilhard de Chardin: a ciência, a filosofia, a teologia	109

EXCURSUS I

Manuel Sérgio – Entrevista conduzida por José Lima	113
---	-----

EXCURSUS II

Razões para uma cátedra	122
--------------------------------	-----

EXCURSUS III

Para um currículo da disciplina de Epistemologia da Motricidade Humana	129
---	-----

Bibliografia	148
---------------------	-----

Prefácio

A emergência histórica de uma modernidade desportiva transportou, permanentemente, a discussão sobre os valores que orientam tais práticas e que alicerçam diferentes culturas desportivas. A expressão «culturas desportivas» recolhe um conjunto amplo de práticas, técnicas, objetos, dispositivos, mitos, valores, narrativas e símbolos próprios das modernidades múltiplas, observáveis tanto no campo desportivo especializado como no âmbito do desporto-lazer inscrito nos quotidianos urbanos.

O século XIX conheceu uma particular aliança entre desporto e moral – a *performance* desportiva foi pensada como uma via de musculação moral do indivíduo. Nos itinerários históricos mais recentes, o corpo atlético de alto rendimento tornou-se uma figura da superação de si e um lugar de sacralização dos quase ilimitados recursos tecnocientíficos. Por outro lado, no quotidiano dos cidadãos, a nova moral passa pela ascese desportiva, em ordem ao bem-estar e à realização de si.

A atual proliferação de algumas metáforas – na linguagem corrente, no jargão do comentário, ou no discurso analítico – sinaliza a existência de vários nexos entre o desporto e o sagrado: o espaço separado, o sacrifício, a ascese, o milagre, a transgressão, a *lectio* regular de revistas e jornais especializados, os heróis, os santos e os mártires, a iconografia devocional, etc. Tais linguagens transcrevem a complexidade do desporto enquanto dramatização de representações coletivas e de crenças que dão um sentido ao quotidiano e ao curso da vida social. Trata-se de uma dramática que envolve tanto a pertença coletiva como a afirmação da individualidade. Assim, o desporto pode ser interpretado como uma dramaturgia capaz de condensar e simbolizar o mundo da vida.

É particularmente pertinente a aproximação entre a prática desportiva e a experiência da transcendência. Mesmo que se trate de uma forma de

transcendência horizontal – em relação a si e em relação aos outros –, mobiliza a necessidade de uma espiritualidade e de uma ética do esforço e do domínio de si. Por outras palavras, uma ascese. O desporto pode exprimir uma vontade de superação da humana incompletude existencial – de modo mais evidente na intensidade do desporto de alto rendimento.

Para além de outras aproximações disciplinares, torna-se, pois, crucial o desenvolvimento de uma filosofia e de uma teologia do desporto. Respondendo a este desafio, desde 2015, a Faculdade de Teologia, no âmbito dos seus centros de estudos e unidades integradas, desenvolve atividades de formação e disseminação do conhecimento, com o apoio do Instituto Português do Desporto e Juventude, no âmbito da linha temática «Desporto, Ética e Transcendência» – com um particular empenho do coordenador do Plano Nacional de Ética para o Desporto, o Dr. José Lima. Sob proposta do Centro de Estudos de Religiões e Culturas, unidade de investigação entretanto remodelada, a Universidade Católica Portuguesa havia já assinado um protocolo com o Instituto Português do Desporto e Juventude, a 20 de maio de 2015, que tem como objeto a cooperação na promoção de *workshops*, conferências, investigação científica, entre outras iniciativas relativas aos domínios do desporto, das culturas desportivas e da ética desportiva. Foram realizados já dois colóquios internacionais, no quadro desta temática. Para dar uma maior consistência a esta colaboração, foi lançada a cátedra «Manuel Sérgio – Desporto, Ética e Transcendência», no dia 12 de março de 2019, na Universidade Católica Portuguesa, com a presença da reitora, a Prof. Doutora Isabel Capelo Gil, e o secretário de Estado da Juventude e do Desporto, o Dr. João Paulo Rebelo.

Seria difícil encontrar melhor inspiração – tomando a obra de Manuel Sérgio como corpo e semente – para uma cátedra que elege a prática do desporto, a ética desportiva e as culturas desportivas como objeto. A cátedra procurará contribuir para a abertura de novas linhas de futuro para este pensamento inovador, interagindo com diferentes saberes dentro da universidade e convocando, para esse projeto, atores e instituições dos domínios desportivo e educativo. A criação deste «lugar» universitário, para além da vontade do Prof. Doutor Manuel Sérgio e do interesse do Instituto Português do Desporto e Juventude, tem em consideração os seguintes pressupostos:

- i. Parte-se do reconhecimento do papel que a obra de Manuel Sérgio teve, na segunda metade do século xx, na construção de uma nova epistemologia do desporto. A sua dissertação de doutoramento, repetidamente reeditada, apresentou os fundamentos de uma nova ciência social e humana, a ciência da motricidade humana, identificando a motricidade humana como movimento intencional de transcendência;
- ii. Constata-se que o pensamento de Manuel Sérgio procurou tornar evidente que a prática desportiva e a educação motora dizem respeito à complexidade humana – biopsíquica, social e espiritual;
- iii. Tem-se em conta que Manuel Sérgio é, no universo intelectual português, um dos autores que mais inovação trouxe ao pensamento sobre a motricidade humana, tendo sido o primeiro a pensar o desporto à luz das grandes aquisições do pensamento epistemológico do século xx;
- iv. Sublinha-se, também, que a obra de Manuel Sérgio sobre o desporto se inscreve numa tradição de pensamento humanista, que conta com um importante influxo do humanismo cristão, que é uma das matrizes da identidade da Universidade Católica Portuguesa;
- v. Este contributo tem sido reconhecido socialmente de forma muito diversificada, entre outros por: Medalha de Mérito Desportivo do Governo Brasileiro; Medalha de Mérito Desportivo das Forças Armadas do Brasil; Medalha de Ouro da Câmara Municipal de Almada, Honra ao Mérito Desportivo do Governo Português; Colar de Honra ao Mérito Desportivo do Governo Português; Comenda da Instrução Pública do Presidente da República Portuguesa. Recorde-se que é, atualmente, Provedor de Ética no Desporto;
- vi. Apesar da sua ampla receção, em particular no universo da lusofonia, crê-se necessário encontrar, no espaço académico, formas institucionais que permitam prolongar o estudo e a reflexão a partir das vias epistemológicas abertas pelo filósofo Manuel Sérgio.

No quadro dos objetivos da cátedra, esta publicação inaugura uma coleção que se quer apresentar como um dos principais veículos de projeção da sua atividade de investigação, formação e serviço à comunidade. Este projeto não visa substituir ou concorrer com outros já existentes, mas ser um instrumento

de aprofundamento do humanismo desportivo, na senda do pensamento inovador de Manuel Sérgio. Não partimos para esta viagem com a arrogância de pensar que se está simplesmente a começar alguma coisa, mas com a convicção de que, com outros, estamos a dar um contributo importante para alargar a comunidade de pensamento humanista sobre o desporto e as culturas desportivas, no quadro da complexidade do fenómeno humano, exigindo, por isso, abordagens inter e transdisciplinares.

Esta coleção apresenta-se, pois, como um meio (*medium*) na construção de uma tradição de pensamento. Talvez seja interessante dar atenção aos étimos latinos do termo «tradição». *Tradere* refere-se a algo que se dá, se vende ou se deixa para alguém, um artefacto ou um bem espiritual, numa operação de mudança de proprietário – daí a necessidade de um contrato, de um acordo matrimonial, de um testamento, ou de uma ação de venda ou oferta. *Transmittere*, por seu lado, põe em destaque o lugar do herdeiro – individual ou coletivo –, no quadro de uma ação de transmissão concreta. Assim, podemos destacar três elementos fulcrais na experiência da tradição. É necessário um suporte ou veículo, que atravesse o tempo e os espaços numa trajetória entre o passado e o presente. Mas essa dimensão «material» depende de dois atos humanos: o ato de transmitir e o ato de receber. Transmissão, receção, veículo (*medium*) – eis o que tece esta modalidade de ação, pela qual os grupos humanos incorporam fragmentos da dotação cultural dos que os precederam, mobilizando-os para a construção da realidade. Esta coleção assume esse lugar de reinvenção sem o qual uma tradição de pensamento é uma letra morta.

Começar a coleção com uma coletânea de textos de Manuel Sérgio é um gesto que não precisa de explicação. É um ato fundador, com a força simbólica própria dos gestos que dão origem a uma história. Em grande medida, os leitores encontrarão aqui um conjunto de crónicas do filósofo antes dispersas e agora reunidas neste corpo que é o livro. A escrita mantém o estilo próprio da crónica, prescindindo de alguns aspetos próprios da gramática rigorista do texto científico, mas procurando a acutilância e a comunicatividade características de um texto que quer trazer a exigência do pensamento para a quotidianidade da cultura. A crónica dá uma dimensão pública ao pensamento, ou seja, convoca para o debate, abre-se ao diálogo, suscita a resposta, como um direito e um dever. Esta «meditação» sobre o desporto é, assim, uma forma de pensar o mundo da vida. E, por isso, deve habitar os lugares que favoreçam o

debate, na demanda de uma ética mobilizadora – «dar o melhor de si». O pensamento inquieto e desinquietante de Manuel Sérgio é, certamente, um dos melhores pontos de partida.

Alfredo Teixeira
*Coordenador da «Cátedra Manuel Sérgio –
Desporto, Ética e Transcendência»,
Universidade Católica Portuguesa*

Introdução

Todo o meu modesto trabalho científico, no âmbito das ciências hermenêutico-humanas, procura mostrar, em primeiro do mais, que não é legítimo transformar o objeto em sujeito, nem o sujeito em objeto. Quando adianto que, na ciência da Motricidade Humana (como eu a entendo, logicamente), o que se estuda é o ser humano, no movimento intencional e em equipa da transcendência, não quero dizer outra coisa. Portanto, para mim, o grande pecado é tratar os sujeitos como objetos e os objetos como sujeitos. Tudo o que venho escrevendo não passa de um neo-humanismo, com o intento primeiro de enfatizar na epistemologia as questões antropológicas. Se bem os entendo, o que Marshall McLuhan, Jacques Ellul, Lynn White Jr., Alvin Toffler e outros mais defendem, como «causa das causas» das transformações sociais, são a tecnociência e as tecnologias; os fatores sociais e humanos, para eles, pouco valem, ou permanecem em lugar secundário, em qualquer momento genesíaco. Ora, se bem penso, não há jogos, há pessoas que jogam. Não há «periodização tática», há «periodização antropológica e tática», pois que a «periodização tática» deve ser enriquecida pela preparação intelectual e moral do (da) praticante que concretiza a tática, que afinal corporiza os valores necessários à sua motivação, tendo em conta o sentido e a finalidade do agir. Cito de cor o que li em Maurice Merleau-Ponty, quando estudei a sua *Phénoménologie de la Perception*: se eu conhecesse a vida sexual de uma pessoa, poderia conhecer integralmente a sua personalidade (Merleau-Ponty 1945). Com isto, não diria que o ser humano é principalmente sexualidade, mas que a sexualidade é parte (e bem importante, acrescente-se) da complexidade humana. E o todo emerge de cada uma das partes que o constituem. Também já ouvi este dito sentencioso de pessoa por quem nutro sincera estima: «Diz-me como jogas, dir-te-ei quem és». De facto, «o homem está todo em tudo».

O homem (ou mulher) é um ser «prático». E em processo, portanto. E porquê? Porque um «ser carente». E, portanto, é um ser que se faz fazendo, ou seja, que sente necessidade de transcender o que tem e o que é, tantas são as suas carências e limitações. Uma planta concentra, na semente, tudo aquilo de que precisa para o seu desenvolvimento; o animal traz consigo, ao nascer, as virtualidades que lhe permitem rapidamente adaptar-se ao seu meio natural – o ser humano, ao invés, quando nasce, nem velocidade, nem força, nem um quente revestimento de pelo, enfim tudo lhe falta, ao nível das condições naturais e primitivas. Aliás, morfologicamente, não se descobre, no ser humano, nenhuma especialização. De facto, biologicamente, é de um aflitivo primitivismo. É que o seu meio natural é a cultura, ou melhor: é uma natureza que se faz cultura. A sua não-especialização permite-lhe a transcendência das suas limitações físico-biológicas e poder criar uma «segunda natureza», que é a cultura, que em poucas palavras assim defino: o resultado da criatividade e do trabalho e do desejo humanos. Também a multiplicidade das formas de movimento intencional manifesta a capacidade de transcendência do «rei da criação» e sublinha porque são tantas e tão variadas as modalidades desportivas. Ser humanamente é agir, para ser mais – no jogo, no desporto, na vida. Só que a transcendência, para se realizar, exige uma rutura, um corte, com o atual modelo de crescimento, com uma competição que é a guerra por outros meios – a guerra que parece a categoria estrutural do agir do homem do nosso tempo! Confrange-me observar o comportamento de alguns dirigentes desportivos, incapazes de reavivar a chama de um novo espírito desportivo, que não se reduza a mera «evolução na continuidade» e que saiba «des-sacralizar» o desporto do «pensamento único» neoliberal.

Um «pensamento único» que se transforma em «monismo epistémico», na prática das ciências, mais dada ao progresso quantitativo do que ao desenvolvimento qualitativo, à primazia das ciências físico-naturais sobre as hermenêutico-humanas, para que estas se afastem, ou se esqueçam, do processo de emancipação e libertação de toda a humanidade. A transcendência é também tecnocientífica, mas urge superar o excesso de meios e a carência de finalidade, rumo a um desporto (a um mundo) onde o ser humano possa existir humanamente e se estabeleçam por isso novas relações com a natureza e entre os povos e as nações. O pensamento (e o desporto e a dança) determinam-se, hoje, antropológicamente, mas assiste-se também ao esforço de certas pessoas, alçadas ao poder, que tudo pretendem reduzir ao modelo de uma

ciência única, completamente esvaziada de significação axiológica. Hegel já o disse, no prefácio aos *Princípios da Filosofia do Direito*: «É apenas no início do crepúsculo que a ave de Minerva levanta voo». Atravessamos uma idade crepuscular? Pois é precisamente aí que a esperança renasce. E completo este pórtico com Robert Musil de *O Homem sem Qualidades*: «Se há um sentido do real, deve haver também um sentido do possível» – no desporto, incluindo o paralímpico, e no jogo e no lazer desportivos e nos vários tipos de dança e na ergonomia e na reabilitação e na motricidade infantil e no circo e em todas as práticas corporais, em movimento intencional e em transcendência.

Capítulo I

Epistemologia e Motricidade Humana

1. Uma reforma paradigmática

Começa a referir-se a inelutável necessidade de saberes básicos, ou competências fundacionais, para o século XXI, dado que se encontra em curso a *quarta revolução industrial*, onde a tecnologia e a digitalização preparam uma inesperada mutação na vida de todos nós, ainda não visionada por todos os que têm cadeira no areópago dos sábios. Edgar Morin, no seu livro *La Tête Bien Faite*, que pode ler-se em tradução portuguesa (Morin 2002) fala-nos de «uma reforma, não programática, mas paradigmática» dos nossos conhecimentos. No mesmo livro, o autor escreve também: «A filosofia deve evidentemente contribuir para o desenvolvimento do espírito problematizador. A filosofia é antes de mais uma força de interrogação e de reflexão, que trata dos grandes problemas do conhecimento e da condição humana» (2002, 25). Ora, se se apela a uma reforma paradigmática onde a filosofia assuma papel decisivo, ocorre-nos, sem grande esforço, a epistemologia, pois que, como quer Jean Piaget (1967, 7), ela estuda a «passagem dos estados de menos conhecimento aos estados de mais conhecimento». Ora, a *epistemologia geral*, embora mais centrada no conhecimento científico, insere-se no quadro global dos problemas respeitantes à *gnoseologia*, ou *teoria do conhecimento*. Karl Popper, no prefácio à edição inglesa da sua *Lógica da Descoberta Científica*, assinala que o «problema central da epistemologia foi sempre e ainda é o problema do crescimento do conhecimento», onde o conhecimento científico necessariamente se integra. Parece oportuna uma citação de António Damásio do seu livro *A Estranha Ordem das Coisas*: «Aumentar o conhecimento da biologia, desde as moléculas aos sistemas, reforça o projeto humanista» (Damásio 2018, 331). E falar de sistemas é obrigatoriamente falar de complexidade, já

que tudo é sistema e, portanto, tudo é complexo. São estes, segundo Edgar Morin, os princípios, com valor universal, da complexidade: o princípio da unidade complexa, próprio de qualquer sistema; o princípio da inseparabilidade da ordem e da desordem, pois que os ecossistemas não se alimentam apenas de ordem; o princípio da complexidade lógica, já que a conceptualização complexa nos impõe o recurso a macroconceitos, para explicar a realidade (macroconceitos que ligam termos que, em relação aos demais, são complementares, concorrentes e antagonistas); o princípio do pleno emprego de um pensamento generativo, já que a vida é um conjunto de qualidades emergentes, provenientes da auto-eco-organização; o princípio do pleno emprego da causalidade complexa; o princípio da incerteza; o princípio de contradição. As diversas epistemologias regionais fazem seus os problemas da epistemologia geral, ou seja, o distanciamento crítico em face dos dados imediatos da experiência e a justificação do conhecimento verdadeiro, mas, porque se ocupam especificamente de cada uma das várias ciências, encontram-se intimamente relacionadas com o processo histórico da construção da verdade em cada uma delas. «No entanto, é conveniente sublinhar, para evitar interpretações deformadoras, que toda a valorização do contexto histórico dos conhecimentos científicos, que o pensamento epistemológico tem sublinhado a partir de Thomas Kuhn, não responde a interesses de teor historicista, mas visa antes compreender que fatores intervêm na sua modelação» (Luz 2002, 14). O jornal *A Bola* de 6 de agosto de 2006 referia uma entrevista do antigo futebolista português, Luís Figo, ao canal televisivo do Inter de Milão: «Estou como o vinho do Porto. Sinto-me bem, cada vez melhor, pronto para ajudar o Inter, em todas as competições» afirmou ele, jogador que era desse clube italiano. Questionado sobre o excelente Mundial protagonizado pela seleção nacional portuguesa, em 2006, o médio português elogiava a boa preparação realizada, a enorme força de vontade e as fantásticas qualidades de Scolari: «É possível que ninguém esperasse que chegássemos tão longe. Mas nós sempre acreditámos. Essa força de vontade foi determinante. Mas o mais importante foi mesmo o papel de Scolari, que, nestes anos de comando da seleção, tem feito um trabalho espetacular, não só a nível técnico-tático, mas fundamentalmente no que respeita ao trabalho humano, na formação de um grupo fantástico». Na prática desportiva, como um dos aspetos da motricidade humana (há outros e a CMH assim o salienta), é precisamente o humano, na sua globalidade, que ressalta. Não é o desporto que constitui o fim do ser humano, mas é este que

é o fim do desporto. Realizar o humano no Homem – eis aí o objetivo primeiro do desporto, como afinal da dança, da ergonomia, da reabilitação, da motricidade infantil e outras práticas corporais, em movimento intencional e em transcendência. A ciência da Motricidade Humana (CMH) há de ser um humanismo. Mas um humanismo que rejeita tanto os dualismos clássicos como os atuais razão-fé, crer-saber, religião-ciência, factos-valores. Quando as ciências, nos séculos XVI e XVII, despontaram no mundo ocidental, foram forçadas a disputar, com outras formas do conhecimento, nomeadamente a teologia, os seus paradigmas. Acontece o mesmo, hoje, com a CMH, a mais nova das ciências humanas. A sua imaturidade permite que outras ciências pretendam apropriar-se das suas problemáticas. No entanto, se a epistemologia dá conta de que esta ciência se encontra em *período de formação* (para o autor deste trabalho, o «corte epistemológico» é um processo) assinala também a sua indispensabilidade. Os preconceitos anti-CMH têm raízes no passado e no presente: no passado, pelo cartesianismo e o positivismo reinantes, desde o século XIX até à segunda metade do século XX, onde só se consideravam «científicos» os métodos das ciências da natureza; no presente, por desfasamento cultural e reação de defesa, comportamentos típicos de quem se encontra instalado ou envelhecido e sem confiança e coragem para gerar transformações estruturais. Mas não nos podemos furtar a esta interrogação: o que nos impede, num tempo em que se anunciam novos saberes, a criação de uma nova tecnociência (sem, portanto, qualquer assomo de tecnofobia) onde algumas profissões encontrem a fundamentação científica que ainda não têm? As ciências do desporto, pela força multitudinária do próprio desporto e pelo dinheiro que nele circula, ganharam primazia. Mas será que o desporto é tudo, tendo em conta o ser humano em movimento intencional e procurando a superação, a transcendência? Será que o licenciado nesta área do conhecimento vê no desporto de altos rendimentos o único espaço onde pode exercer a sua profissão? De acordo com José Luis Pastor Pradillo (2007, 15): «Cualquiera que sea la elección que se realice para elaborar el cuerpo doctrinal en que se sustente una definición coherente del concepto de Motricidad exigirá la aceptación de una creencia previa, de un paradigma inicial». Assim pensamos e adiantamos, como paradigma inicial para os campos de intervenção típicos do desporto e da gestão do desporto e do desporto paralímpico, dança, ergonomia, reabilitação e motricidade humana em geral, a ciência da motricidade humana. Defendemos isto mesmo há mais de 30 anos. E com um paradigma inédito:

a energia para o movimento intencional e em equipa da transcendência (ou superação). E uma transcendência, repito-me, tão física como ética, para que o homem todo e todos os homens dela possam amplamente beneficiar e que, nela, uma antropologia relacional, que liberte e não manipule, seja capaz de desafiar o *homo œconomicus*, atualmente dominante no desporto de alta competição (ou de alto nível). Quantas vezes o «campeão desportivo» não passa de um «herói» manipulado, reificado, um verdadeiro «homem-máquina» ao serviço da selva institucional.

2. As epistemologias regionais

Na introdução do livro *Epistemologia*, Mario Bunge (2002) apontava, no alvorecer da década de 1980, que a epistemologia, ou filosofia da ciência, era o domínio mais importante da filosofia, nos últimos 50 anos. No livro atrás citado, da sua autoria, Piaget (1967) referia que a epistemologia ganha importância indiscutível em períodos de crise da ciência como a que hoje vivemos, dado que «existe a inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os nossos saberes separados, partidos, compartimentados entre disciplinas e por outro lado as realidades ou problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, globais, planetários. Nesta situação, tornam-se invisíveis: os grandes complexos, as interações e retroações entre as partes e o todo, as entidades multidimensionais, os problemas essenciais» (Morin 2002, 13). Assim, a introdução da epistemologia, num programa disciplinar, torna-se não só necessária como há-de pretender ultrapassar a «crise da degenerescência» do paradigma racionalista e positivista que, com a hiperespecialização, trouxe de facto conhecimento, mas também, usando as palavras de Edgar Morin, «a ignorância e a cegueira». Uma *epistemologia regional*, que deve informar cada um dos saberes (por isso é regional) deve ter em conta, conforme nos adverte Jean Piaget, que hoje se verifica uma tendência para a separação entre a filosofia e a epistemologia, ficando esta nas mãos de cientistas capazes de reflexão filosófica. Isto significa que é, através da *prática científica*, presente, por exemplo, em laboratórios e centros de investigação, que deverá estudar-se os fundamentos, a validade e os limites das várias ciências. Bachelard, Canguilhem, Lacan, Prigogine, etc. são exemplos de cientistas que se afastaram cautamente de uma epistemologia que não sabia conciliar a filosofia com

as ciências, que fazia dela uma disciplina do tipo «literário». Outros cientistas afirmam, sem receio, que ciência e religião não são incompatíveis. Como o não são razão e fé. O homem não é homem só porque pensa, mas porque ama também. Aliás, «amo, logo existo» é uma conclusão bem mais completa do que o cartesiano «penso, logo existo». Boaventura de Sousa Santos, na sua *Introdução a Uma Ciência Pós-Moderna* (Santos 1989) propõe a *primeira* e a *segunda ruturas epistemológicas*: a primeira construída contra o senso comum, «necessariamente conservador e fixista» (1989, 34); a segunda, pois que «uma vez feita a rutura epistemológica, o ato epistemológico mais importante é a rutura com a rutura epistemológica» (1989, 39), isto é, conceitos e preconceitos (ou até contemplação e ação) são elementos do mesmo todo e a síntese de ambos insere-os numa totalidade onde estão integrais mas superados. A CMH não é fruto tão-só de uma superior erudição, ou da meditação sobre informações eruditas – ela apresenta-se como instrumento de conhecimento e meio de ação, como afinal já o vêm reconhecendo alguns treinadores desportivos. A epistemologia da motricidade humana deverá percecionar, portanto, a CMH como teoria prática, desdobrando-se num feixe de especialidades que dela nascem. E, porque ciência humana, assumindo principalmente, sem negar o apoio laboratorial, os métodos da compreensão e da interpretação. Sabemos dos riscos de psicologismo e de subjetivismo (iguais aos exageros anteriores do conhecimento objetivo e instrumental) em que se pode incorrer. Como Clifford Geertz (1992), no âmbito da antropologia, sou em crer que a descrição mais fidedigna dos factos desportivos é uma correta interpretação, pois o que se vislumbra, na prática desportiva, são sinais, mensagens, textos, que podem ser interpretados e lidos. O mesmo poderemos dizer de todas as manifestações do «corpo em ato», ou motricidade humana, ou seja, o desporto e o desporto paralímpico, o jogo desportivo, a dança, a ergonomia, a motricidade infantil, a reabilitação, etc. Observa Le Breton (2001, 35) que «há uma inteligência do corpo como há uma corporeidade do pensamento». Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch (1993, 234) sustentam que a cognição é ação inscrita no corpo, ou *ação encarnada*. O corpo em ato (ou em movimento intencional visando a transcendência) também comunica. «De facto, a linguagem verbal está longe de desempenhar, na interação humana, o papel de quase exclusividade que tradicionalmente lhe tem sido atribuído» (Ribeiro 2003, 201). David Le Breton (2001, 33) ridiculariza mesmo a expressão «comunicação não verbal», dizendo a propósito que «designar assim o

conjunto dos processos simbólicos independentes da fala é, de facto, tão rigoroso como chamar não-peixe-vermelho ao conjunto dos peixes que não são dessa cor ou não-terra ao que tem a ver com a água ou com o ar». A função comunicacional do corpo deverá merecer especial atenção de quem lidera a prática desportiva e a dança e a ergonomia e a reabilitação. Sem descambar na «rendição cognitiva» a qualquer fundamentalismo, tanto religioso como científico, pois que ciência e religião se completam. A linguagem dos grandes cientistas, como a dos grandes treinadores, não é exclusivamente científica. No dia-a-dia dos altos rendimentos desportivos e na dança, emerge o sagrado, e com frequência inusitada.

3. Novos paradigmas e complexidade

Deverá exprobrar-se o expediente (mais frequente do que se julga) de proclamar crises e ruturas e não pensar em novos paradigmas. De facto, há quem seja useiro em assumir «ruturas na continuidade». Quanto à descontinuidade, olham-na com a sobrançeria dos tímidos. As revoluções científicas (Kuhn), as ruturas epistemológicas (Bachelard), os cortes epistemológicos (Althusser), os cortes epistémicos (Foucault) e as revoluções paradigmáticas (Morin) põem em causa o saber institucionalizado e burocrático, académico e ortodoxo. E, entre a normalidade administrativa e a loucura criativa, os carreiristas procuram vibrar a estocada mortal em tudo o que lhes pareça desviante do oficialmente estabelecido, ou do que é «moda» defender. Só que, hoje, a objetividade, em sua versão clássica – que asseverava existirem separados sujeito observador e objeto observado, ou que ao sujeito observador não restava outro caminho a não ser aceitar o objeto como real, absoluto e transcendente – está ultrapassada, sofre de uma visão anacrónica. Com efeito, o que o observador contempla é o que as suas próprias concepções, cosmovisões, ideologia e linguagem lhe permitem ver. O que observamos não são os ditames rigorosos da natureza, mas a natureza resultante dos nossos modos de questionamento. A certeza e a objetividade são uma necessidade do sujeito e não uma propriedade da natureza e resultam de uma concepção mecânica do universo. A incerteza, por outro lado, bem longe da ortodoxia e do dogmatismo, abre-nos as portas à heterodoxia, à criatividade, à liberdade, à democracia cognitiva. Até ao século XIX, por circunstâncias que não vale a pena rememorar, a ciência não era mais

do que a física, designadamente a mecânica newtoniana. A partir de princípios do século xx, com o surgimento da física quântica, é verdade que no mundo macroscópico se verifica algum determinismo do mundo microscópico e quântico; no entanto, só probabilidades emergem. As teses mais recentes sobre a física quântica não nos falam de objetividade à maneira clássica, mas de conexões e relações. As palavras de Heisenberg cabem perfeitamente, neste passo: «El mundo aparece entonces como un complicado tejido de acontecimientos, en el que conexiones de distinta índole alternan o se superponen o se combinan, determinando así la textura del conjunto» (Capra 1996, 50). Se nos é possível resumir o que aprendemos em Morin, em Luhman e em Maturana: ler a realidade implica um processo que a intui como algo complexo e multidimensional; as representações da realidade integram ordem-desordem-interações-organização; a realidade desponta de uma causalidade complexa, correlativa, determinista, aleatória, onde todos estes elementos mutuamente se inter-relacionam; um sistema aberto é de facto uma unidade complexa de diversidades, multiplicidades e antagonismos. É conhecida a perspetiva de Edgar Morin (1991), em *O Paradigma Perdido*, realçando o começo da era de uma teoria aberta, multidimensional e complexa. Daí, através da complexidade, a necessidade de novos paradigmas. A CMH apresenta um paradigma novo: *o ser humano, no movimento intencional e solidário da transcendência (ou superação)*. Trata-se, indubitavelmente, de uma teoria aberta, multidimensional e complexa, que está presente, por exemplo, em todos os ramos profissionais dos ainda denominados «professores de Educação Física». É a motricidade humana, ou o corpo no movimento intencional da transcendência, que eles trabalham e que estudam. No desporto, na ergonomia, na dança, na reabilitação, etc. o que está presente senão a motricidade humana, ou seja, o corpo em ato? E não nos acusem de idealistas empedernidos por adiantarmos o novo, por rejeitarmos qualquer estrutura imperialista – não é platonismo puro uma liberdade conscientemente edificada e vivida. Focando a possibilidade de novos paradigmas, no nosso campo de estudo, pergunta-se: é, ou não, a Motricidade Humana o que os licenciados em Desporto, Dança, Ergonomia, Reabilitação, etc. trabalham, no exercício da sua investigação e da sua profissão? E, na Motricidade Humana, é, ou não, a complexidade um saber básico e fundacional? De facto, usando palavras da UNESCO, para «aprender a ser» (e suas propostas subordinadas, «aprender a conhecer» e «aprender a fazer» e «aprender a viver juntos» a Motricidade está presente), a motricidade, que é a

complexidade humana em movimento intencional e em transcendência física, emocional, intelectual, espiritual.

4. A complexidade e a galáxia da Internet

Edgar Morin defende uma reforma geral do pensamento e, em particular, das ciências sociais, que assim se sintetiza: substituir o princípio determinista-mecanicista por um princípio dialógico em que ordem-desordem-organização apareçam em relações ao mesmo tempo complementares e antagónicas e em que os vários fenómenos estejam sujeitos ao azar, a instabilidades e a bifurcações de várias ordens; superar a oposição reducionismo-holismo por um conceito sistémico, que integre as relações complexas entre as partes e o todo; indivíduo, grupo, espécie, sociedade, cultura são sistemas autónomos, abertos, termodinâmicos, nas suas auto-organização e auto-eco-organização, ou seja, na sua organização que, embora autónoma, se encontra em relação dialética com outros sistemas circunvolventes; cada sistema social a observar é um polissistema composto por sistemas de sistemas. Qualquer sistema é complexo nas suas organização, funções e relações com a natureza e a cultura. Por seu lado, uma sociedade é uma *unitas multiplex*, ou seja, é unidade e diversidade, é um megassistema composto por elementos que, por sua vez, são sistemas de sistemas de sistemas, em contínuas interações, conexões e interpenetrações. Portanto, uma sociedade, ao ser una e múltipla, é necessariamente complexa, o que significa que as relações entre os seus elementos, processos e níveis são concorrentes, antagónicas e complementares.

Um ponto, no entanto, a realçar: enquanto nas ciências da natureza o domínio de investigação pertence a uma esfera de realidade diferente do sujeito, nas ciências humanas o objeto de estudo pertence à esfera de realidade do investigador. Daí não dever estranhar-se que Dilthey haja distinguido, metodologicamente, a *explicação*, própria das ciências da natureza, da *compreensão*, típica das ciências humanas. Ilya Prigogine e a dimensão histórica da natureza; Heidegger e a compreensão como um existencial do ser-aí; Gadamer e a historicidade da compreensão; Ricoeur e a necessidade de uma «lógica do duplo sentido»; Apel e Habermas e a natureza social do horizonte de compreensão; o conceito de complexidade, em Edgar Morin; a galáxia da Internet – são temas a estudar também numa epistemologia das ciências

humanas. No caso da CMH, quer ontologicamente (o estudo da natureza da motricidade), quer epistemologicamente (o estudo do conhecimento sobre a motricidade), a raiz fundadora é o ser humano. Ontologicamente, é o ser humano em determinado tipo de movimento; epistemologicamente, é o ser humano estudando e questionando as características científicas dos fenómenos vários (e não um só) que decorrem do movimento intencional que procura a superação. Qualquer investigação séria se processa num quadro de referência inicial. No desporto, na dança, na ergonomia, na reabilitação, na motricidade infantil, etc., é a pluridimensionalidade humana que surge como radical. Daí a CMH! Daí a complexidade! Daí a transcendência! Daí o método hermenêutico, ou a arte de compreender o sentido, porque se trata, de facto, de compreender sentidos, significações, intenções! O desportista, o dançarino (ou o bailarino), o trabalhador, o paciente, a criança, o idoso, etc. não fornecem «dados» ao estudioso, como o positivismo entende esta palavra, mas «o horizonte do indivíduo à luz do seu contexto cultural e histórico e o horizonte de uma cultura ou história, reconstituído à luz da vida e da experiência individual» (Yáñez Casal 1996, 55). Nesta perspetiva, a relação treinador-atleta (outro exemplo) processa-se, sobre o mais, ao nível do diálogo, da intersubjetividade. A compreensão, no desporto (como em toda a motricidade humana), é compreensão linguística, incluindo a linguagem corporal. Cabe, neste interim, Vergílio Ferreira (1994, 256): «A realidade última do meu ser é o corpo que sou, ou seja, o eu que ele é». A função do treinador e do professor resumem-se, em primeiro lugar, a um ato interpretativo. As práticas corporais, em movimento intencional e em transcendência, surgem assim como texto, contexto e sistema. Não se trata, portanto, de uma ciência da natureza à procura de leis, mas de uma ciência humana em busca de significações. Uma teoria não faz uma ciência, se se reduz a simples especulação, sem qualquer relação com a prática. No entanto, para finalizarmos este excurso, havemos de referir que são os treinadores desportivos e os professores mais conceituados que adiantam ser a implementação de novas relações humanas a chave dos maiores êxitos, nas competições desportivas e de superação em todos os subsistemas do sistema «motricidade humana». A teoria só se vincula decisivamente a um processo de transformação através da unidade e da dialética teoria-prática e razão-fé. As ideias não transformam o desporto (ou a dança, ou o jogo desportivo, ou a ergonomia, ou a reabilitação, etc.), se não encarnam em agentes desportivos, ou nos demais subsistemas do sistema «motricidade

humana», que objetivamente se encontram em condições de concretizá-las (e transformá-las) na vida.

5. Uma ciência hermenêutico-humana

Jean Ladrière (1977) divide as ciências em três grandes categorias: *ciências formais* (a que pertencem a lógica e a matemática), *ciências empírico-formais ou da natureza* (a que pertencem a física e as ciências que seguem o seu método) e as *ciências hermenêuticas ou humanas* (a que pertencem aquelas onde é preciso encontrar o sentido da ação humana ou de um acontecimento social). Para estudar e compor uma epistemologia regional (epistemologia da motricidade humana, epistemologia da sociologia, epistemologia da psicologia, epistemologia da química, epistemologia da enfermagem, etc., etc.), há que estudar os temas seguintes: epistemologia como filosofia do conhecimento científico; a ciência em Platão e Aristóteles; os fundamentos matemáticos da ciência clássica; Newton e a sua base axiomática dos fenómenos naturais; a lei dos três estados de Comte; Piaget e as suas críticas a Comte; a concepção piagetiana do «círculo das ciências» e a valorização da interdisciplinaridade; a perspectiva fenomenológica, nas ciências sociais (Husserl, Merleau-Ponty e A. Schutz); a percepção, em Merleau-Ponty, a forma por excelência do conhecimento; Dilthey, as ciências do espírito e as ciências da natureza; Heidegger e a compreensão como um existencial do ser-aí; Gadamer e a dimensão histórica da compreensão; Ricoeur e a necessidade de uma «lógica do duplo sentido»; diferença entre positivismo lógico e empirismo lógico; o *Tractatus* de Wittgenstein e as posições do Círculo de Viena; o construtivismo da epistemologia genética de Piaget; Gaston Bachelard, o corte epistemológico; Michel Foucault e as epistemas; Popper e a desvalorização da indução como método científico; Thomas Kuhn e a investigação científica; o anarquismo de Paul Feyerabend; a reforma do pensamento em Edgar Morin e o seu conceito de complexidade, onde reina, como primeiro princípio fundante, o princípio da unidade complexa, próprio de qualquer sistema; a primeira e a segunda ruturas epistemológicas, em Boaventura de Sousa Santos; a lei da complexidade-consciência em Teilhard de Chardin e a teoria da ação comunicativa em Habermas; logo nos recém-nascidos, o espírito do ser humano desenvolve-se principalmente na convivência social,

o que nos leva a dizer que o espírito não reside unicamente no cérebro, mas emerge do homem todo, corpo-mente-sentimento-desejo-natureza-sociedade; a evolução como movimento da transcendência (rumo aos outros e ao Outro) e a motricidade humana como movimento intencional e em equipa da transcendência; a «Galáxia da Internet» e a possibilidade de a ciência se transformar, paulatinamente, em senso comum. A partir daqui (e de tudo o mais que a *humanitas* exige) julgo ser possível a um especialista construir uma epistemologia regional da CMH. A bibliografia fundamentar-se-á nos autores e escolas acima citados e num ou noutro livro que se ocupe da problemática em que abunda esta área do conhecimento. No caso específico da motricidade humana, o *corpo*, o *movimento intencional* e a *transcendência* deverão analisar-se com particular atenção. A CMH, que não pode limitar-se a uma atividade da consciência, sabe que só quando uma teoria se apodera de agentes sociais pode nascer uma ciência. A transformação da realidade é um processo material que, para ser científico, há-de ter em seu favor pessoas e condições objetivas de vária ordem. Umberto Eco (1968), em *La Struttura Assente*, sublinhava que não se pode levar a cabo uma investigação teórica sem propor uma teoria, isto é, um modelo que sirva de guia. A prática deverá ser acompanhada por formas de consciência crítica (de consciência espontânea já se viveu demasiado tempo). Também aqui é preciso passar da potência ao ato, isto é, fazer ciência, lembrando sempre que a linguagem da motricidade humana não é a do simples movimento, mas do movimento intencional e solidário da transcendência. Por seu turno, a CMH é uma ciência hermenêutico-humana e não um projeto científico sempre adiado, pelo comodismo ou pela ignorância. Em poucas palavras, podemos concluir: os impropriamente denominados «professores de Educação Física» e os treinadores desportivos e os professores estudam e trabalham a motricidade humana, numa nova ciência humana. Donde se infere que a expressão Educação Física não é redutora tão-só ao nível da terminologia mas, sobre o mais, dos conteúdos. Aliás, quando se escreve «Educação Física e Desporto», queremos dizer que a educação física e o desporto se expressam como duas realidades completamente diferentes. Os «professores de Educação Física» e os treinadores desportivos e os professores que trabalham no âmbito da motricidade humana são, portanto, especialistas em humanidade, ultrapassando em muito os limites das ciências do desporto (sem as excluir) e de uma debilitada educação física. Como *leitmotiv* das nossas considerações, um

poema de Fernando Pessoa¹: «Para ser grande, sê inteiro; nada / teu exagera ou exclui. / Sê todo em cada coisa. Põe quanto és / no mínimo que fazes. / Assim em cada lago a lua toda / brilha, porque alta vive»².

¹ <http://arquivopessoa.net/textos/503>

² Este conjunto de ensaios termina com a proposta de um itinerário programático para um currículo de Epistemologia da Motricidade Humana (cf. *Excursus*).

Capítulo II

Temas e Problemas

1. Para um desporto novo

No meu pensar, os adeptos dos clubes, os apaixonados do futebol olham para o discurso, simultaneamente científico e filosófico, como um discurso que desconhece a realidade, como um discurso perfeitamente dispensável na análise de uma competição desportiva, nomeadamente de um jogo de futebol. Estou certo de que assim pensam também os tecnocratas de obediência vária; os logorreicos que falam, falam, falam e... não dizem nada; os próprios treinadores que mais tendem a salientar os efeitos de superfície do que a sondar o fenómeno desportivo na sua profundidade humana, já que não há jogos, há pessoas que jogam. É verdade: por entre a torrencialidade balofa de palavras acerca dos jogos das principais equipas; por entre as fraudes fiscais em que parece submergir-se o futebol mundial, escondem-se o braço secular de alguns políticos e os interesses económico-financeiros e doutros poderes estabelecidos (como a faturação dos direitos televisivos), afinal o que mais parece contar para as federações internacionais das mais conhecidas modalidades desportivas. Faltam outros valores, outros conceitos, que estimulem as pessoas a uma outra prática desportiva que recuse o específico e os objetivos (um exemplo, entre muitos) daquele Novo Plano de Superliga Europeia, que (se for verdade o que a imprensa refere) limita a inclusão de clubes apenas a cinco países: Inglaterra, Espanha, Itália, França e Alemanha. Os clubes fundadores, segundo uma hierarquia criada não sei por quem, são o Real Madrid, o Barcelona, o Manchester United, o Manchester City, o Chelsea, o Arsenal, o Liverpool, o Paris Saint-Germain, a Juventus, o AC Milan e o Bayern de Munique. Há depois, como convidados, o Atlético de Madrid, o Olympique de Marselha, o Inter de Milão, o Roma e o Borussia de Dortmund.

«Ainda de acordo com o documento analisado pelo *Expresso*, o atual plano para criar essa Superliga Europeia passa por constituir uma empresa em Espanha, formada pelos clubes fundadores, que serão assim os seus donos. Não há qualquer referência à UEFA, a organização que representa todas as federações nacionais europeias e que organiza a Liga Europa e a Liga dos Campeões. Na futura empresa da Superliga, o Real Madrid tem a maior posição com 18,77% do capital social, logo seguido pelo Barcelona com 17,61%, pelo Manchester United com 12,58% e o Bayern com 8.29%» (*Expresso*, 2018/11/3). E, porque economicamente os nossos «grandes clubes» se encontram fragilizados; porque todos parecem imóveis, sem movimento, diante de um «beco» e procuram aflitos uma «saída», a nascitura Superliga Europeia não é para eles. Relembro, aqui, o Dr. Medina Carreira, para quem a economia portuguesa é o primeiro, o mais grave e o mais difícil de todos os nossos problemas atuais. E, no mercado globalizado de hoje, sem economia sólida, os clubes vivem mais de guerras, de conflitos, de violência, de um caldo de cultura de simulacro e de simulação, de muitos meteoritos fabricados pelos *media*, do que de futebol, futebol autêntico. Resta-nos, a nós, estudiosos e aprendizes do desporto, uma intervenção cultural de plenitude e novidade, ou seja, resta-nos uma séria reflexão que nos convide a uma prática que se transforme em contestação do dado, do habitual, do costumeiro; que nos ensine, pela motricidade humana (quero eu dizer: pelo desporto, pela dança, pela ergonomia, pela reabilitação) a exprimir o mistério de um ser que transcende e se transcende. Por outras palavras: que, para inovar, tem de saber inovar-se. Para tanto, não basta um saber científico, quantitativo, neutro e objetivante. Fui, durante 28 anos (de 1964 a 1992), dirigente do C.F. «Os Belenenses»; lecionei (e muito aprendi) no INEF, no ISEF, na FMH e na FEF/UNICAMP (Brasil) – e cheguei à conclusão de que, para compreender o desporto, é preciso compreender antes as pessoas que o praticam (que não são unicamente os jogadores, como se sabe).

Por isso, no nosso tempo, se bem penso, um desporto novo deve apresentar as características seguintes:

a. Primazia do elemento antropológico sobre modelos e estruturas onde o economicismo neoliberal e o fisiologismo cartesiano e positivista imperam. Segundo Peter F. Drucker, no livro *Sociedade Pós-Capitalista*, que eu cito com alguma frequência, na sua tradução portuguesa: «De facto, o conhecimento é hoje o único recurso com significado. Os tradicionais factores de

produção [...] não desapareceram, mas tornaram-se secundários. Podem obter-se, e obtêm-se facilmente, desde que exista conhecimento. E conhecimento, com este novo significado, quer dizer conhecimento como utilidade pública, como um meio para obter resultados sociais e económicos. Estes desenvolvimentos [...] são as respostas a uma mudança irreversível: o conhecimento está a ser aplicado ao conhecimento. Esta é a terceira, e talvez a última fase da sua transformação. Fornecer conhecimento para descobrir como o conhecimento existente pode ser aplicado de modo mais adequado para produzir resultados é o que significa a gestão» (Drucker 2003, 55). No entanto, para mim, não me parece conveniente criticar um paradigma, sem um outro paradigma. Por isso, para o estudo do desporto, eu proponho uma nova ciência social e humana, a ciência da motricidade humana, onde cabem, evidentemente, as bases biológicas da motricidade humana. Um ponto ainda a salientar: tudo o que é histórico é, inevitavelmente, transitório. A força motora do progresso não reside em saberes que não sabem desconstruir-se. No entanto, na história, algo permanece, para além de qualquer desconstrução: o ser humano! Com um destino a cumprir: a criação de um mundo mais fraterno e justo e solidário e amplamente livre. Quero eu dizer: um mundo com aqueles valores, assumidos e vividos, sem os quais impossível se torna viver humanamente;

b. Primazia do elemento utópico sobre o factual e o tradicional: o elemento determinante do desporto, em Portugal, não pode ser o passado, que o tivemos, até 5 de Outubro de 1910 e durante o Estado Novo, particularmente reacionário, pobre e analfabeto. Cada sociedade determina um certo número de atributos que configuram o que os cidadãos devem ser física, intelectual, moral e politicamente. O corpo, em Portugal, foi politicamente produzido de acordo com os interesses da classe dominante. Foi considerado matéria tão-só e instrumento da razão. O dualismo antropológico refletia o dualismo senhor-servo. Hoje, na «sociedade do espetáculo», mais do que uma prática físico-motora, as atividades corporais limitam-se a fazer de cada pessoa um espectador em potência de um espetáculo mundialmente teledifundido. Esta pandemia desportiva está de tal modo presente, na vida de cada um de nós, que já muitos a exigem como necessidade primeira, ao lado do movimento, do beber, comer e dormir – pandemia com a sua linguagem própria de classificações, de recordes, de medidas, de competições e duma iconomania de incomparável carga afetiva, com novos deuses e novas guerras, riscadas de

feridas por cicatrizar. O desporto é assim apresentado (jamais tematizado e problematizado e produzindo pensamento) como um culto do rendimento, da *performance* física (fazedora de bestas esplêndidas) e completamente neutra em relação a ideologias ou políticas. No entanto é neste desporto que adormece as pessoas para a recusa da sociedade injusta que também se descobrem grandes negociatas, corrupção de toda a ordem e alienação de impossível neutralidade. Não esqueço quando, após o Mundial de Futebol de 1998, Zinedine Zidane foi eleito «o francês preferido por todos os franceses», chegando a gritar muito rosto amarrotado pelo sofrimento: «Zidane a presidente!». Martin Rees, membro da Academia dos Lordes e cientista de informação exaustiva e de excepcional destreza de raciocínio, sublinhou que não existe um Plano B, ou melhor, um Planeta B. Temos de viver neste planeta e salvar este planeta. Ora, este planeta só pode salvar-se com uma cultura diferente, para mim com as características fundamentais do franciscanismo (e que, julgo, o Papa Francisco abraçou): o fim de todos os dualismos, incluindo aqui também o dualismo antropológico cartesiano e a dicotomia contemplação-ação; colaboração fraterna, com os pobres, os marginalizados e a natureza (neste passo, ocorre-me o *Deus sive Natura*, de Espinosa); uma cultura científica e crítica, mas com a consciência de que, lembrando palavras de José Tolentino Mendonça, «a razão é clamorosamente insuficiente para interpretar a vida»; uma cultura visando um humanismo integral, ou o homem integral que transcende e se transcende numa íntima articulação com o desejo, o inconformismo, a justiça, a liberdade e, por último, a fé («Tudo o que sobe converge», na conhecida expressão de Teilhard de Chardin). Não foi por falta de ciência que aconteceu Auschwitz. Aliás, a ciência, sem outros valores, já foi cúmplice da mais torpe barbárie;

c. Primazia do elemento crítico sobre o tradicional e dogmático. Quero eu dizer: um desporto novo tem futuro se integrar, na sua definição e na sua prática, o trabalho de reconstrução da própria ideia de desporto, como revolução cultural. Para Eduardo Lourenço, a cultura somos nós próprios, «a cultura é a consciência que nós temos, cada um de nós tem, do mundo que o rodeia, é a maneira como (digamos) guardamos dele sinais que podem ser transmitidos de seguida a outras gerações. E cultura é nós mesmos como sujeitos, como expressão da vida consciente de si próprio, que é o Homem (AAVV 2016, 17). Daqui se infere que uma cultura meramente livresca, elitista, majestática se torna de flagrante inoportunidade, dado que a importância do conhecimento

não reside, unicamente, em teorizar a realidade mas em transformá-la, com honestidade e competência e tendo em conta o «bem comum»;

d. Primazia do social sobre o individual, pois que a marginalização social de largas porções da população, acrescida de defeitos estruturais, que transcendem os indivíduos, conduz, quase sempre, a uma nítida marginalização, principalmente no âmbito da iniciação desportiva. Fazem-me o favor de ser meus amigos dois hermeneutas de excepcionais elucidação e refontalização da cultura portuguesa: José Eduardo Franco e Miguel Real. De um deles, o Miguel Real, em livro que é uma síntese magnífica (talvez incomparável) da cultura portuguesa (Real 2017), encontrei um texto de flagrante oportunidade, referindo-se ao livro de Guilherme d'Oliveira Martins *Portugal – Identidade e Diferença* (Martins 2007), onde colhi o seguinte: «Segundo Guilherme d'Oliveira Martins, Portugal, reafirmando a sua complexa identidade cultural passada, mas recusando simultaneamente “o triunfalismo e o miserabilismo” (2007, 20), tem hoje, nos princípios do século XXI, integrado na Europa, a grande oportunidade de superação dos seus traumas históricos, normalizando-se, racionalizando as estruturas sociais e estatais, unindo “pensamento e acção” (2007, 19), integrando ambos num projeto completo e multidimensional, sumamente caracterizado pela abertura ao outro» (2007, 177). E acrescento eu: porque abertura ao outro, privilegiando as ciências sociais e humanas sobre as chamadas «ciências exatas»; e, no desporto, não dando único lugar de relevo ao campeão, ao atleta mediático, à unidimensionalidade em que descambam, com maior ou menor efervescência, os *media*, esquecendo, demasiadas vezes, o lazer desportivo e o desporto-educação e os princípios da ética desportiva. Uma pessoa que luta pela excelência física, intelectual e moral, ou seja, que a mediocridade não satisfaz, é sempre digna de louvor e de aplauso. É evidente que ressaltam falsos absolutos do hodierno desporto de elites e que os *media* amplificam, designadamente o mais despudorado individualismo, o mais vazio vedetismo. Ora, não há modalidade desportiva que não lembre o seguinte: o desporto é uma «escola de vida», na medida em que ensina, sem cessar, que preciso dos outros (principalmente dos colegas, mas também dos adversários) para atingir os objetivos que me propus alcançar. O desporto, uma escola de vida, porque uma escola de solidariedade. Não esquecer ainda que o todo pode ser mais do que a soma das partes.

Boaventura de Sousa Santos e António Sousa Ribeiro, em sintonia com Hans Robert Jauss e Reinart Koselleck, defendem a «antropologização do

saber». E escreve António Sousa Ribeiro (2002, 203): «O problema, naturalmente, é como levar a cabo esse desiderato na era da informação, em que, aparentemente, a dimensão antropológica está condenada a diluir-se por inteiro na rede global». São muitos os valores que o desporto oferece a quem o faz e o compreende: o espírito lúdico, a competição fraterna, a disciplina, a coragem, a humildade, a cooperação, a jovialidade, a promoção da igualdade e da justiça. E outros valores mais poderia lembrar. A laicização da ética e a secularização do sagrado, no entanto, roubaram aos valores a essência teológica e, com o desprezo da teologia, nasceu a era do «pós-dever», da «pós-moral», onde mais se procura uma felicidade centrada nos sentidos, no consumo, no espetáculo, do que nos mandamentos de Jesus que reconhecem em Deus o sentido último do ser humano, da vida, da sociedade e da história. A ética republicana e kantiana, professando o culto das virtudes laicas, ao dispensar o elemento religioso e ao apresentar um evidente teor racionalista, perdeu o imperativo ilimitado dos deveres e o carácter sagrado dos valores. Daí as palavras de Jesus Cristo: «O Reino de Deus não vem de tal forma que a gente possa contar com ele. Nem poderá dizer-se: ele está aqui ou ali, porque afinal o Reino de Deus está dentro de vós» (Lc 17, 20-21). Com isto, Ele não diz que o Reino de Deus é puramente espiritual, mas que se fundamenta nos nossos mais profundos anseios. Por isso pode proclamar, ao sol de uma grande alegria: «Eis que faço novas todas as coisas». O Homem é o único ser da natureza que não nasce unicamente programado, para ser natureza. Ele é cultura sobre o mais e, portanto, mais do que instinto e matéria e natureza, sem negar o instinto, a matéria e a natureza. E, como cultura, ele é espírito, como constitutivo inalienável da natureza e da existência humanas.

Mas o mal, como o bem, surge também humanos e tão misteriosos um como o outro. No Homem, há Deus e há Diabo. E daí a dificuldade tremenda de a ética, totalmente razão, encontrar forças e fundamento na luta contra os tempos de astúcia, suborno e calculismo em que vivemos. Relembro a voz de D. Helder Câmara, bispo do Recife, donde emergia uma rouquidão própria da velhice (e que encontro também na minha velhice) mas, nele, uma rouquidão que parecia feita de melancolia e ternura: «Quando dou de comer a um pobre chamam-me santo. Mas quando me pergunto porque os pobres não têm comida chamam-me comunista». É com homens como D. Helder Câmara, como o Papa Francisco, como Nelson Mandela, como Martin Luther King, que pode vislumbrar-se que o Homem é mais do que estrita humanidade

e portanto é religioso, antes de ser o crente de uma determinada religião, ou de uma qualquer metafísica que se aproxime do sentimento religioso. Muitos dos jogadores e dos atletas, imediatamente antes das competições em que participam, assim o dão a entender. Na época da «retirada da religião» (Marcel Gauchet) o desporto protagoniza, carregadas de desejos e promessas, práticas religiosas, ou narrativas metafísicas configurando um qualquer hiperrurâneo platónico. Seja como for, o jogo é um ato espontâneo e voluntário e, como se estuda, elemento fundamental do desporto. Ora, no meu modesto entender, é mesmo a condição lúdica que faz do desporto uma prática humanista. Uma competição, sem ludismo, expurga, sem dificuldade, qualquer ideia de desporto. Embora não esqueça o aviso de Jacques Derrida (1990), no seu *Du Droit à la Philosophie*: «il n'y a pas de hors-philosophie» (p. 515). O que há de novo e valioso, tanto no desporto como no espetáculo desportivo, não são os problemas táticos, mas aprender a dar mais do que a receber. Como José María Cagigal dizia aos amigos: «O egoísta jamais compreenderá o desporto».

2. A ciência do futebol

O futebol, como qualquer outra modalidade desportiva, é, para mim, uma das formas da motricidade humana – como é lógico! Embora a pretensa cientificidade de muitos comentadores do futebol seja proporcional à sua «desumanidade», quero eu dizer: quanto mais falam de futebol, menos humano se revela o seu discurso. É verdade que, desde os inícios do pensamento moderno, mormente com Galileu e Descartes, o «homem» e a «ciência» sempre se constituíram como duas realidades estranhas uma à outra: a inteligência, a personalidade, os sentimentos humanos não podiam pesar-se, medir-se, quantificar-se – não eram, com toda a certeza, científicos. Demais, a ciência moderna nasce e desenvolve-se mecanicista. O universo é uma imensa máquina, composta por um enorme conjunto de máquinas cujas leis importa conhecer. E, por isso, Deus é o divino engenheiro, onipotente criador de um universo que pode ser estudado matematicamente. Não é de estranhar assim que os filósofos e os cientistas de mais ampla inteligência teorizadora tenham comparado o mundo a um relógio. O homem-máquina de La Mettrie (1709-1751), filósofo materialista e médico que pretende ensinar que, no mundo todo, só matéria se encontra e é dessa matéria que o ser humano (e tudo)

nasce e de que o ser humano é feito – La Mettrie, minucioso e irónico, não abandona o mecanicismo, apontando as leis mecânicas que regem, segundo ele, as funções do corpo de um ser vivo. Um ponto a realçar: a partir desta altura, o sábio deixa de ser o clérigo aristotélico-tomista e passa a ser um leigo, uma pessoa que sabe que não tem a verdade, mas que imparavelmente a procura, pela razão e pela reflexão e pelo método experimental. No meu modesto entender, a história das ciências, que vai de Copérnico (1473-1543) a Newton (1643-1727), é de um progresso admirável e prepara o Iluminismo e informa, claramente, a Revolução Francesa.

Não surpreende portanto que ciência, razão e progresso caminhassem de mãos dadas e que quando, pela primeira vez, no século XVIII, a expressão educação física (que integrava a ginástica, os jogos e os desportos) tenha surgido no vocabulário científico, os exercícios ginásticos se destinassem ao homem-máquina, a um corpo-instrumento que a razão esclarecia. Vale a pena reler a Proposta de Lei de 25 de Fevereiro de 1939, apresentada à Assembleia Nacional para a criação do INEF (Instituto Nacional de Educação Física) português, onde assim se define a educação física: «é uma acção intencional que o homem, devidamente dirigido, exerce sobre si mesmo, pela prática racional, sistemática dos exercícios físicos – ginástica, jogos, desportos – metódica e conscientemente executados, como complemento essencial dos restantes meios educativos e higiénicos e tendo como objectivos imediatos a saúde, beleza, força, resistência, disciplina, prontidão, espírito de solidariedade, optimismo, confiança em si, domínio de si próprio, coragem, prudência, carácter, personalidade, tornando o corpo o digno instrumento de uma vontade esclarecida». Como se vê, uma antropagogia, ou teoria da formação do ser humano, assente no corpo-instrumento e apontando para uma antropologia declaradamente dualista. Enfim, a dicotomia corpo-mente, sentimentos-consciência, natureza-cultura emergia da educação física até meados do século XX. Muita gente que pontifica, no desporto nacional e internacional, ainda não ultrapassou nem o mecanicismo cartesiano, nem o solo epistemológico do positivismo. Ousaria mesmo escrever que, no futebol, há muita gente que pensa que sabe explicar o futebol, sem nunca o ter compreendido. Compreendido? Sim, porque ao nível do humano nada escapa à ordem dos valores e das significações, mesmo como exigência do rigor metodológico.

O que eu aconselharia aos «agentes do futebol»?... Digo isto, após uma severa autocrítica (porque, à boa maneira socrática, só sei que nada sei): um

corte epistemológico, em relação à pré-ciência de um senso comum que analisa o futebol, sem descontinuidade, nos problemas e na linguagem. O curso de um conhecimento verdadeiramente científico não é linear, o seu grande objetivo é respeitar o Passado, mas construir o Futuro, o que implica pôr de lado e rejeitar muito do que a tradição nos oferece. «A exigência de objetividade, no sentido de objetivação, leva-nos necessariamente a descartar o caráter meramente acumulativo e continuista do saber, bem como a fazer da ideia de progresso descontínuo a espinha dorsal de toda a cientificidade. Se é assim, também esse progresso precisa ser pensado em termos de ruptura» (Japiassu, 145). Ruptura, em primeiro lugar com uma organização apressada e desleixada dos clubes. Há dirigentes desportivos de exemplar amor pelos seus clubes, mas sem especialização bastante para, atualmente, organizarem um clube com alta competição, ou alto rendimento. Já é clássica a definição de Peter F. Drucker (2003, 61-62): «Uma organização é um grupo humano composto por especialistas que trabalham numa tarefa comum [...]. Uma organização é sempre especializada. Define-se pelas suas tarefas [...]. Uma organização só é eficaz, se se concentrar numa tarefa. Uma orquestra sinfónica não tenta curar doentes, toca música. Um hospital cuida dos doentes, mas não procura tocar Beethoven [...]. A sociedade, a comunidade e a família são; as organizações fazem. E, para as organizações fazerem, é imprescindível o contributo de direções competentes.

Donde logicamente se conclui que organizar é tornar produtivos os conhecimentos. Mas, no âmbito das ciências humanas, um especialista é tanto mais eficaz quanto mais tiver em conta a complexidade humana, presente em todos os elementos que a constituem. Num treino de dominância física, o jogador de futebol (o atleta) é um ser de sentimentos. E se ele se encontra incompatibilizado com o treinador?... E se nesse dia o pai está gravemente doente?... E se um dos filhos ficou em casa, com febre alta?... É evidente que, assim, o treino se transforma num espaço de insanável aborrecimento e, nalguns casos, de aversão. Não passo sem sublinhar as palavras de António Damásio à revista do *Expresso* de 2017/10/28: «Os humanos não têm apenas a inteligência, têm por exemplo a linguagem. E temos uma socialidade muito mais complexa do que a de outras criaturas. E os impulsos criativos. E, analisando estas respostas, vemos a ideia. A ideia forte é a de que tudo o que há de bom e de bem, tudo o que ajudou instrumentalmente a criar culturas nunca teria acontecido se não tivéssemos sentimentos. Sentimentos, ora de dor e sofrimento,

ora de plenitude e prazer». E diz mais adiante, numa entrevista superiormente conduzida por uma jornalista com dotes notórios para o jornalismo (o que nem sempre sucede) e pessoa culta, que se topa no seu infatigável interrogar: «O sentimento é a representação do imperativo homeostático». O que é peculiar no jogador, por ser homem, é secundário e acaba por reduzir-se às necessidades primárias da tática, nos «estudos» de alguns pseudoespecialistas. Não, eu não digo que a tática não é importante, o que eu digo é que, antes da tática, está o homem-jogador. Só podemos esperar respostas humanas dos jogadores se os respeitarmos (e estudarmos) como homens. Só assim podemos fazer ciência... nas ciências humanas.

3. A crença gera biologia

O Prof. José Antunes de Sousa, quando ambos lecionávamos (e, para lecionar, estudávamos) no Instituto Piaget, em Almada, muitas vezes me acompanhou em diálogos vários sobre um desporto de perfil humanista, onde o facciosismo clubista não cabe – um desporto que fomente o civismo e a cidadania e portanto se transforme num espaço privilegiado de socialização e de integração. E terminava a sua colaboração, nos meus trabalhos, com uma frase que não esqueço: «A crença gera biologia». Relembro, neste momento, Konrad Lorenz, que distinguia no desporto uma inigualável forma ritual de luta que nos ensina a dominar, a humanizar o que, em nós, é instintivamente violento. Não há competição desportiva que, para ser verdadeiramente desportiva, não se afirme, pela competição, por uma vontade imparável de vitória, mas... com normas, com regras, com ética. São precisamente estas normas, estas regras, esta ética, que fazem do desporto uma indispensável pedagogia. A combatividade, a agressividade, no desporto só se justificam, quando reguladas, quando eticamente responsáveis. Daí que possamos escrever, sem medo de errar, que o desporto tem, como poucas outras atividades sociais, uma indiscutível missão civilizadora, começando pelo ensino de uma linguagem de não-violência. O desenvolvimento do desporto, designadamente o de alta competição, ou de alto rendimento, supõe planeamento e gestão, organização e produtividade e ainda medidas integradas e especialistas, interessadas numa tarefa comum. Ora, tudo isto recusa, dispensa, exclui a violência, a desordem, o caos. O desporto é um jogo competitivo e, portanto, uma práxis

que nunca pode deixar de perder a sua condição lúdica, o seu espírito lúdico. Por isso, porque é jogo e não é guerra, ganhar ou perder, no desporto, exige um clima de respeito mútuo, pois que os que ganharam e os que perderam foram iguais, no esforço, no pundonor, na vontade de vencer.

Um estudioso como o Prof. Sílvio Lima escreveu, na década de 30 do século passado, que «o verdadeiro desporto não é para ser fruído como espetáculo senão de quando em quando e à maneira helénica, pura, cultural. Quem considera o desporto uma disciplina formadora do homem, isto é, quem faz do desporto um método pedagógico, maiêutico, humanístico, sentirá sempre um arrepio invencível (um *sacer horror*) por todo o exibicionismo. Há um pudor, uma frágil pudicícia desportiva, que importa defender» (Lima 1939, 40). Confesso o meu pecado: no desporto, sempre fui mais espectador do que ator. Em rapaz, as Salésias foram a minha «segunda casa», mas sem nunca pisar a relva do primeiro campo relvado do País. O futebol, o basquetebol, o andebol, o rãguebi, nunca os pratiquei, como jogador federado. Mas sempre alegremente os acompanhei, desde criança, ao lado do meu saudoso Pai, para aplaudir os atletas de camisola azul e cruz ao peito. Nesses recuados anos (se bem me lembro) os treinos eram trissemanais; a preparação física poderia assim sintetizar-se: corridas à volta do campo e um pouco de Ling, para completar; e, no «treino de conjunto», já se topavam treinadores taticamente engenhosos. Só que o profissionalismo ainda não se implantara e, tecnologicamente, nada havia ainda de significativo. Sim, havia de facto um «amor à camisola» que morreu, anos depois, quase definitivamente. Mas era pouco, muito pouco, diante do que hoje prescrevem a metodologia do treino desportivo e a própria medicina desportiva e as exigências, de rigor extremo, do profissionalismo no futebol. E, assim, com este panorama como ponto de partida, o futebol que eu contemplava, embevecido, nas Salésias não poderia ter o ritmo, a intensidade, a força do futebol atual.

Hoje, ganha quem tem os melhores jogadores, os melhores treinadores, a melhor organização e... sabe o que faz e porque faz! Chega a ser uma crença, inteiramente necessária à coesão do grupo. Já em textos anteriores citei Bruce H. Lipton, autor do livro *The Biology of Belief*. Volto a ele: «A ciência revelada neste livro define o modo como as crenças controlam o comportamento e a actividade genética e, consequentemente, o desenvolvimento das nossas vidas» (Lipton 2015, 243). Há valores em que se torna absolutamente indispensável acreditar, se queremos uma sociedade mais humana. O meu amigo,

Doutor Pedro Abreu, professor de Engenharia Informática da Universidade de Coimbra, teve a gentileza de facultar-me uma entrevista de Nuccio Ordine³, professor, filósofo e crítico literário italiano, especialista em Giordano Bruno (1548-1600), um dos mais conhecidos filósofos da *Renascença*, onde colhi o seguinte: «Temos gente superespecializada e que perdeu o sentido geral e global do saber. Hoje, as escolas e as universidades preparam os alunos para seguirem uma especialização e isso é perigoso, porque as escolas e as universidades não proporcionam uma cultura geral. Einstein já dizia que a especialização pode matar a curiosidade e esta está na base do avanço da ciência e da tecnologia. Por exemplo, a atual diretora do CERN (o laboratório europeu de física de partículas) é uma italiana, Fabíola Gianotti, que fez estudos clássicos, aprendeu piano durante dez anos e é, simultaneamente, uma especialista em Física de renome mundial. Os maiores arquitetos italianos, como Renzo Piano, fizeram estudos clássicos. Uma cultura geral de base é absolutamente indispensável a qualquer especialista». No meu modesto entender, é indispensável porque sem prévia revolução das mentalidades não há revolução científica...

Voltando à entrevista de Nuccio Ordine: «O que vemos na City, em Londres, no centro financeiro britânico, são pessoas de grande elasticidade mental, pessoas que vêm dos estudos clássicos ou da filosofia, porque compreendem melhor o mundo do que os especialistas em economia e programação». Para mim, as escolas e as universidades não devem ensinar aos alunos «generalidades», ou um confuso sincretismo, ou um maçudo enciclopedismo, mas os princípios estruturantes, ou fundantes, do saber. Qualquer especialidade nasce de um tempo e de um espaço; tem a sua individualidade histórica; deverá exercer-se criticamente, para esclarecer o sentido e a significação da sua prática. Todos estes grandes setores pedem bem mais do que é habitual fazer-se, numa prática profissional. Numa palavra só: pedem «cultura», que se concretiza na crença e na vivência de determinados valores. Sem iniciação ao pensar, não há ciência. A formação universitária será absolutamente lacunar, se ensinar uma ciência que não é cultura, se esquecer os valores que humanizam a própria vida. Recordo Gilles Deleuze (1983,1985) de *L'Image-Mouvement*, que sublinhava como os autores de cinema deviam ser comparáveis a pensadores. E Jean-Luc Godard, em *Jean Luc-Godard par Jean Luc-Godard*

³ https://www.rtp.pt/noticias/pais/filosofo-italiano-chama-a-atencao-para-os-saberes-apa-arentemente-inuteis_v1098549

esclarece: «Há muitas maneiras de fazer filmes. Como Jean Renoir e Robert Bresson, que fazem também música. Como Serge Eisenstein, que fazia também pintura. Como Stroheim, que também escrevia novelas faladas, nos anos do cinema mudo. E como Rossellini que faz simplesmente filosofia» (Godard 1983, 238). Enfim, para saber de cinema, é preciso saber mais do que cinema. Em tudo há um perfil cultural que é preciso descobrir, para entender o conhecimento científico, para nos entendermos a nós mesmos e ao mundo onde estamos. Em tudo, há valores, para além das ciências, em que é preciso acreditar e que até podem tornar mais forte e consciente do seu valor uma equipa de futebol.

4. A década de 1980

O desporto altamente competitivo precisa sempre de um clima heróico para se perpetuar. Desde muito cedo o entendi quando, na década de 40, percorria as Salésias de uma ponta à outra, na quotidiana banalidade da minha vida de garoto pobre do bairro pobre da Ajuda, em Lisboa. Por vezes o «Manel do campo», o segurança do campo das Salésias, um tipo de personagem policial, olhos astuciosos e vivos, que não permitia à rapaziada ultrapassar determinados limites, ainda chegou a questionar-me: «Não tens de fazer os trabalhos da escola? O que andas aqui a fazer?». Respondia-lhe familiarmente, como se falasse a um velho amigo: «Gosto de ver o Belenenses a jogar à bola». E assim fiquei o resto da vida: a gostar de ver o Belenenses a jogar à bola! O «Manel do campo» era de uma simplicidade encantadora e bonacheirona e, por fim, com o andar dos anos, já nem me questionava, quando me via. Piscava-me um olho sorridente e nascia em mim a certeza de que, uma vez mais, podia ver o Belenenses a jogar à bola. Na minha velhice, polvilhada de recordações, não esqueço as horas e horas que passei nas Salésias e aquela paz que subia das entranhas da terra e do verde da relva, onde saltitavam bolas que os pés dos meus ídolos acariciavam. E escrevo «acariciavam» porque foi preciso chegar à velhice para conceber um jogo de futebol na convulsão e na incerteza do intervalo entre duas batalhas. Naquele tempo, não! Eu via um jogo de futebol com um fulgor de entusiasmo nos olhos e uma tranquilidade tão absoluta que só no Céu, se lá chegar, a voltarei a sentir! Nos treinos da década de 40, a ginástica antecedia sempre o jogo-treino – uma ginástica que poderia fazer

suas as palavras de Kant (1724-1804): «Ginástica é a educação daquilo que, no Homem, é Natureza»...

Até que, em outubro de 1968, a convite do Dr. Armando Rocha, diretor-geral dos Desportos (e depois um amigo que não deixarei de lembrar até ao fim dos meus dias) «disse adeus» ao Arsenal do Alfeite, onde trabalhara 13 anos, e ingressei no Centro de Documentação e Informação do Fundo de Fomento do Desporto, situado no INEF (Instituto Nacional de Educação Física). E, aí, em contacto quase diário com o Prof. Nelson Mendes e alguns alunos que intelectualmente o acompanhavam e, portanto, com o ambiente de preocupada atenção pelos problemas pedagógicos e científicos daquela escola – senti-me obrigado a revisitar a fenomenologia que estudara na Faculdade de Letras, designadamente o Maurice Merleau-Ponty que Nelson Mendes e o aluno Vítor da Fonseca sentiam uma necessidade quase instintiva de citar, nas nossas conversas. Por outro lado, pela leitura de Bachelard e Althusser e Adérito Sedas Nunes e Armando Castro, eu começava, por essa altura, a estudar epistemologia e a lidar com os conceitos que seriam depois fulcrais na minha tese de doutoramento, como o corte epistemológico, o obstáculo epistemológico e esta ideia que nunca mais esqueci: «Não temos o direito de separar os fatores intelectuais do seu enraizamento concreto. As condições históricas reais que possibilitaram o nascimento da ciência moderna temos de procurá-las no nascimento do capitalismo; no progresso do sistema bancário; na aceleração, cada vez mais rápida, da técnica; na promoção social dos engenheiros e dos artistas; nos Descobrimentos Marítimos e na Contra-Reforma». Está aqui, se bem penso, o chão, o terreno fértil que permitiu o surgimento da ciência moderna. Ocorre-me, neste momento, Galileu, no início de um dos seus *Discorsi*: «Senhores Venezianos, que grande campo de reflexão parece abrir-se aos espíritos especulativos que frequentarem o vosso famoso arsenal e, de modo muito particular, os vossos inumeráveis trabalhos mecânicos». Não se esconde, ou rejeita, a fundamentação teórica da ciência, mas não se esquece também que, sem prática, a teoria para pouco serve...

Em 1980, já com 12 anos de estudo e de convívio com inúmeros professores e alunos do INEF e do ISEF e a informação que podia colher nos meus diálogos soltos (mas atentos) com os treinadores que trabalhavam no Belenenses, e ainda os meus contactos periódicos com o talento multiforme, curioso de José Maria Pedroto e as minhas leituras, sem conformismos ou

conservadorismos, de Bachelard, Althusser, Foucault, Popper, Kuhn e Feyerabend – em 1980, já eu concluíra que a «pedagogia da certeza» que o cartesianismo e o positivismo instalaram no conhecimento científico deveria ceder o seu lugar relevante à «pedagogia da incerteza», pois que, nas ciências, não há «Verdade», há «verdades»; que era necessário formar e desenvolver um corte epistemológico na educação física donde surgisse uma nova ciência hermenêutico-humana, a ciência da Motricidade Humana (CMH), que poderá integrar o jogo desportivo, o desporto, a dança, a ergonomia, a reabilitação e mesmo a gestão do desporto; que a motricidade é o movimento intencional de um sujeito que forceja por transcender e transcender-se; que, porque o conteúdo de uma ciência humana é o ser humano, o treino desportivo deverá repensar-se, dando especial relevo às sínteses natureza-cultura (onde incluem também as artes e as humanidades), razão-fé, ciência-tecnologia e teoria-prática; que a história das ciências é contínua e descontínua e, nas fases descontínuas, crescem, diante do passado, inevitáveis ruturas. Tudo isto me veio à lembrança, durante o Portugal-Irão do Mundial que se efetuou, na Rússia, ao ver o Carlos Queirós (um treinador que conta, no seu currículo, com triunfos inesquecíveis, chegando mesmo, duas vezes, a campeão do mundo de juniores) – ao ver o Carlos Queirós como selecionador e treinador da equipa de futebol representativa da República Islâmica do Irão.

A propósito do Portugal-Irão, a equipa lusitana foi (é) tecnicamente superior. Mas a equipa iraniana, abrasada do supremo culto nacional e animada de uma crença religiosa que lhe aumentava as qualidades físicas e exacerbava a vontade de vitória, jogou (quase) de igual para igual com os portugueses e não escandaliza, de facto, o resultado final: um empate. Carlos Queirós não soube perder: na ironia, levemente desdenhosa, como classificou o trabalho do árbitro e noutras atitudes que bem se dispensavam, durante e após o jogo. No entanto, os abraços que, no fim do jogo, trocou com o engenheiro Fernando Santos, selecionador nacional português, constituíram um dos belos momentos que eu recorro daquele encontro internacional. Foi o abraço entre dois desportistas, quero eu dizer: entre duas pessoas que devem primar pela delicadeza e a simpatia que decorrem da compreensão e da generosidade do ideal desportivo. O desporto é isto e não os espetáculos de ódio e de violência que, sofrendo o vômito, vezes demais tenho contemplado na alta competição desportiva nacional. Impossível qualificar de desporto ou reconhecer o ideal desportivo nos antibenfiquismos, ou anti-sportingismos, ou antiportismos,

todos eles primários, pela poluição auditiva que nos fazem sofrer. E pela ruidosa chinfrineira da mais lamentável despolitização, coonestada aliás por alguns dirigentes desportivos, sempre em arroubos de uma excitabilidade espetacular! Topa-se, aqui e além, no nosso clubismo, principalmente futebolístico, o fulgor malévolo de verdadeiros patetas que se julgam nas alturas dignas dos visionários, ou dos profetas. O Futebol Clube do Porto, o Sport Lisboa e Benfica, o Sporting Clube de Portugal foram e deverão ser, hoje e sempre, verdadeiros templos onde se cultiva o que de mais humano e humanizante a vida tem. Como eu o comecei a aprender, na década de 1980.

5. A onnipresença do futebol

Em dias de febre alta, é possível que deliremos. Mas febre alta durante semanas – não há corpo que resista! Por isso, quando a vida nos traz à tona um «doente», seja dirigente ou simples adepto, de um clube de futebol e portanto com uma febre que o queima a ele e a tudo o que jaz à sua volta, não se estranhe o delírio, a exaltação, a confusão mental do paciente. Incapazes de um convívio que se transforme em colaboração e de um humanismo que transcenda qualquer egocentrismo, é no futebol que estes «doentes» encontram espaço para, de sangue a latejar-lhes nas veias, insultarem os árbitros, descobrirem faltas inexistentes dos futebolistas adversários, aparecerem com os lábios atravancados de certezas e com a agressividade de quem se bate por verdades incontrovertidas. Eu, que não sou (nem serei) Benfica, Porto, ou Sporting, como não sou (nem serei) antibenfiquista, ou antiportista, ou anti-sportinguista; eu, que não sou contra nenhum clube – porque preciso de todos eles, pois que ao longo da minha vida me têm proporcionado espetáculos que agradeço como uma dádiva rara – embalado pelas ondas traiçoeiras do mesmo mar revolto, olho-os com benevolência. É cegos no seu proselitismo que os querem alguns *media* e tudo e todos os que na sociedade representam a mais rasa mediocridade: para que dos textos alheios construam sempre contextos de suspeita, de ódio, de violência; para que vejam tudo e não entendam nada, principalmente o que no desporto é apaziguador e tonificante; para que não saibam situar-se ao lado de homens, na luta pela criação de mais homens. Interessa a muita gente que eles se julguem coroados de louros a sonhar utopicamente um mundo que nunca virá. Não são pessoas, são uma ficção. Mas

nunca a história, para os medíocres, que se abastecem no repertório de um acerado clubismo, foi mais do que uma ficção. Sim, é verdade que a identidade nacional é nas competições internacionais, mormente de futebol, que mais se produz e palpita. Há séculos, demos novos mundos ao mundo. Agora, damos futebol: um número incontável de treinadores e de jogadores portugueses percorre o mundo a ensinar o futebol. Ou seja, a dizer que o futebol só como tática tem bem pouco que ensinar.

Não me esqueço das palavras de Zinedine Zidane antes de um Sevilha-Real Madrid: «No futebol, liderar pessoas é muito mais importante do que a tática». É verdade: o futebol são pessoas que jogam futebol e, porque o futebol de que se fala é o futebol-espetáculo, para além das pessoas que jogam futebol há um número imenso doutras pessoas que vivem o futebol, formigando, alastrando à volta e dentro dos estádios, ou a face contraída, os olhos fixos, diante da televisão. É verdade: o futebol são pessoas que jogam e contemplam o futebol. A fria perfeição da engenharia tática; o conhecimento alquímico dos sociólogos e dos psicólogos – todos são necessários mas, porque o futebol são pessoas, muito do que dizem e escrevem me parece pré-lógico, por vezes uma sucessão de incontáveis disparates. Recorro ao *Livro do Desassossego*: «Quanto mais contemplo o espetáculo do mundo e o fluxo e o refluxo da mutação das coisas, mais profundamente me compenetro da ficção ingénita de tudo, do prestígio falso da pompa de todas as realidades» (Pessoa 2016, 200). Quem escuta e lê tanta gente a esquadrinhar, ou seja, analisar com minúcia o «fenómeno futebol», desde a mercantilização dos clubes-sociedades-anónimas, onde pontificam empresários e dirigentes, até ao facciosismo mais repelente de senhores e servos, de iletrados e de intelectuais; desde alguns especialistas no paradigma biomédico até aos que pensam que, no futebol, o mercado é o único regulador das relações sociais; desde os que ainda pensam, como o ex-futebolista Roberto Carlos (completou 11 épocas no Real Madrid) que a Juventus perdeu o jogo final da Liga dos Campeões por deficiente preparação física, até aos que defendem que pode estudar-se, trabalhar-se o corpo de um atleta, desprovido de valor simbólico, mera estrutura de órgãos e funções que, por fim, se decompõe em peças; desde os que falam de tudo e, por isso, falam também de futebol até aos que só sabem de futebol e, por isso, são tendencialmente ignorantes – quando os oiço ou os leio (a quase todos, não a todos, evidentemente) agradeço a Deus nada saber de futebol, nada saber deste futebol.

No entanto, é este o futebol que mais vezes ressurge das conversas, das leituras, das transmissões televisivas, em poucas palavras: é o que mais interessa. A onnipresença do futebol que resplandece nos olhos dos aficionados pode resultar, aqui e além, em generosidades e ternuras insuspeitadas mas, quase sempre, a triste notoriedade deste futebol resume-se a uma religião politeísta, com vários deuses e, como convém a qualquer integrismo religioso, fulminando excomunhões e proclamando dogmas. Quando Hannah Arendt foi enviada por uma revista norte-americana a Jerusalém, para cobrir o processo do nazi Eichman, executor do extermínio judeu, nas suas crónicas sobre este julgamento, muito polémicas e mal entendidas, falou da *banalidade do mal*. Assim ela classificou a prática profissional de criminosos que executam ordens, sem um assomo que seja de crítica e de auto-crítica. Agem como *robots*, não como pessoas eticamente responsáveis. Sem chegar ao ponto de ver Eichman nos encarniçados e acéfalos defensores dos ideais e da política de um clube português (não chego a tanto), descobre-se neles a banalidade de uma cegueira que não os deixa ver o que de belo, ou de oportuno, se descortina na prática desportiva. Para eles, designadamente um grande clube adversário não passa de uma ampliação gigantesca de muita coisa condenável e... pouco mais! A «busca de excitação», segundo Norbert Elias e Eric Dunning (1992) permite aos «amantes do futebol» a satisfação das necessidades de um racional descontrolo, de um comportamento dionisiaco que por vezes galga e cresce em cada um de nós e que afinal a sociedade não condena. O desporto é uma característica inalienável do ser humano? Não tenho dúvidas a este respeito, dado que o ludismo o é também e o desporto é jogo, marcadamente competitivo, que se institucionalizou.

Depois, a competição desportiva movimenta-se como uma iniludível força socializadora, já que, para competir, há necessidade absoluta de um adversário e, normalmente, o adversário é outra pessoa, ou outra equipa. Ninguém vive, indefinidamente, entre parêntesis. Formar, educar, instruir, empreender e participar – ninguém faz tudo isto sozinho. Não contesto que fazer desporto é um ato heróico: o atleta arrisca-se ao fracasso. O vencedor é um só. Mas em todos fica a consciência de que, ganhando ou perdendo, cada um fez o melhor que pôde, em proveito próprio e alheio. Não vejo melhor educação permanente. Para Sartre o ser humano não é outra coisa senão a sua permanente disposição para decidir o que pretende ser. Aliás, a verdadeira história assim se define: é a criação do Homem pelo Homem ou, por outras palavras: é a

revelação, pelo ato de criar, da divindade do ser humano. O objetivo final da vida não é, simplesmente, viver, mas transcendê-la rumo a um Absoluto que pareça mais do que a própria vida. A excelência, no desporto (no futebol) implica um ato de fé numa perfeição que se procura, que nos diz que a nossa vida tem o valor da nossa transcendência, da nossa capacidade de superação. Todos os que estudámos Edgar Morin nos recordamos de que, neste autor, ordem-desordem, acaso-necessidade, acontecimento-sistema, desorganização-criação são inseparáveis, em qualquer percurso evolutivo. Sim, no futebol (no desporto) é preciso sofrer, para vencer, para nos vencermos a nós mesmos. Talvez por isso se atribua a Albert Camus frases imperecíveis como esta: «Tudo o que sei de moral foi no futebol que o aprendi». E o António Manuel, um invisual dos meus tempos de espectador nas Salésias, relatava-me, emocionado, os golos do Belenenses. Nunca vira um jogo, mas via os jogos todos. O futebol restituía-lhe a vista. Que pena não restituir o juízo a alguns dirigentes, empresários e comentadores desportivos que vão subsistindo desprovidos da mais elementar ética desportiva.

6. A propósito do treino: uma aproximação ao existencialismo

«*A existência precede a essência* – esta que é a palavra de ordem fundamental do existencialismo não pretende, no quadro do pensamento de Sartre, repudiar a ideia de uma essência, a respeito da existência humana. Pelo contrário, para o existencialista, a essência é realmente a questão central com que se debate cada um, na sua existência. É, de forma exacta, a posterioridade da existência, a partir do que esta faça de si mesma» (Barata 2014, 363). Mas, vejamos agora o que Jean-Paul Sartre (1943), o autor que mais (digamos assim) «publicitou» o existencialismo nos diz, no seu livro *O Ser e o Nada*, sublinhando que o homem é fundamentalmente o desejo de ser Deus. Por isso, é um ser que a si mesmo se faz. Nas coisas, nos objetos, a essência precede a existência; ao invés, no ser humano, é a existência que precede a essência. O «ser percebido» remete a quem percebe, o «ser conhecido» remete a quem conhece. E, porque para Sartre Deus não existe, «há pelo menos um ser em que a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito». E continua: «O Homem não é mais do que a

si mesmo se faz». Só em liberdade pode mostrar-se e conhecer-se e definir-se! Em Sartre, a liberdade é um dado ontológico. Os próprios deuses se diluem, quando o ser humano toma consciência da sua liberdade. Júpiter parece não duvidar do poder do Homem: «Sabes, Orestes: tudo isto foi já profetizado: um homem virá um dia anunciar o meu crepúsculo. És tu, então, esse homem?» (Sartre 1943). A revolução torna-se possível quando o ser humano o quer e pode superar todos os determinismos que o envolvem.

Para mim, o anseio de transcendência supõe a liberdade e esta (e não qualquer determinismo) é o postulado necessário do corte epistemológico e político ou, por outras palavras, de qualquer revolução. Voltemos a Sartre: «ser livre não é poder fazer o que se quer, mas querer o que se pode» (1968, 287). E, porque no ser humano a existência precede a essência, eu vivo na medida em que liberto e me liberto. Segundo o existencialismo, nem as estruturas sociais, nem a história, nem a biologia, nem a genética deverão considerar-se os códigos determinantes do nosso comportamento. Porque o homem é e será aquilo que faz de si mesmo. Antes das ciências, perfila-se a liberdade como a «causa das causas». Há, atualmente, dois grandes materialismos: «um materialismo histórico-sociológico, que sustenta que somos determinados, de modo exaustivo, pelo contexto sócio-histórico em que fomos educados; um materialismo naturalista [...] que, em última instância, é a nossa infra-estrutura biológica, genética, nomeadamente a neural, que determina o essencial do que somos» (Ferry e Vincent 2003, 17-18). Edgar Morin, no seu livro, já de boa idade, *Ciência com Consciência*, escreve: «Quanto mais complexa é a organização, mais comporta as desordens que se chamam liberdade» (Morin 1982, 182). Portanto, à luz da filosofia existencialista, mais do que por influência do treinador, ou das virtualidades do treino, é o jogador, como sujeito que é, que se faz a si mesmo. Diz Edgar Morin nesse mesmo livro: «As nossas ideias não são reflexos do real, mas traduções do real» (1982, 194). O treinador aconselha, o treinador determina – mas é a liberdade do jogador que decide, por fim.

Do alto do pedestal das suas convicções, o positivismo, o cientismo, o historicismo, o psicologismo, o estruturalismo proclamaram, cada qual à sua maneira, diversos princípios de inteligibilidade da condição humana. O positivismo, por exemplo, «obrigou» a medicina a prestar vassalagem à anátomo-fisiologia, quase esquecendo o psicológico e o espiritual, na origem de inúmeras doenças. A educação física, que nasceu sob as normas e os preceitos do

paradigma biomédico (nasceu e, para alguns que são conhecidos por uma insofismável estagnação de processos e de ideias, continua) encontrou também na anátomo-fisiologia o suporte fundamental da sua problemática. A história da medicina é, hoje, um manancial de sugestões e estímulos donde se divisa uma crítica unânime a determinadas crenças tradicionais do modelo biomédico, que parecia desconhecer a convergência biologia-sociedade-cultura, no diagnóstico das doenças – convergência irreduzível ao modelo fisiologista e mecanicista de Descartes e anunciador da teoria dos sistemas como metáfora dominante. Recordo *A Condição Pós-Moderna*, de Lyotard (1989) – a meta-narrativa perdeu a sua credibilidade. Nem a biologia, nem a cultura, de costas voltadas uma para a outra, podem transformar-se nas metanarrativas da explicação das doenças. Por esta razão muito simples: para um ser complexo, toda a causalidade é complexa. Nele, há distinção, mas não disjunção, entre o corpo e a alma, entre o biológico e o cultural. Explicar o ser humano, ou só pelo biológico, ou só pelo cultural, é transformar uma ciência em doutrina, ou em religião, e não há dogmas, no conhecimento científico. «A ciência não é, nem deusa, nem ídolo; ela tende cada vez mais a confundir-se com a aventura humana de que proveio» (Morin, 1982, 14).

Encontrei na *História da Filosofia* de Fernando Savater (2011) o texto seguinte: «Nas coisas a essência (a sua definição) precede a existência mas, no caso humano, é a existência que precede a essência, quer dizer: o homem mais não é do que pura liberdade», tendo de escolher constantemente o que quer ser e de responsabilizar-se por isso perante a sua consciência». E conclui: «estamos condenados a ser livres» (2011, 180). Enfim, o futebolista é um homem e, porque é homem, o seu progresso, como jogador de futebol, radica, em primeiro lugar, na sua liberdade. De facto, o homem é organização físico-química, mas a sua conduta, a sua liberdade, não se reduzem ao mundo físico-químico, porque é a inteligência, a vontade de transcendência, a cultura, que as determinam, em última instância. A fenómenos simples correspondem teorias simples; para fenómenos complexos, a explicação é necessariamente complexa e portanto com quantidade e... qualidade! Até ao dealbar do século xx, as ciências fundantes eram a matemática e a física. Só que tanto a biologia, como a antropologia não cabem em qualquer pensamento disjuntivo e redutor; por esta razão, acima do mais: tudo o que é vivo é complexo! O maior erro da ciência clássica residia no facto de conceber o universo como completa e totalmente determinista. Mas no universo há evolução e,

onde há evolução, há movimento e a desordem anunciadora de uma nova ordem, tantíssimas vezes imprevisível. Nasceu uma «ciência nova» que muita gente no futebol (e não só) não conhece e... deveria conhecer! Uma «ciência nova», a ciência da motricidade humana, que nos ensina, entre outras coisas, o seguinte: o conhecimento não se reduz a informações, pois que precisa de mentalidades novas, que deem sentido às informações que recebem. E as mentalidades novas são mais difíceis de encontrar do que as informações.

7. A rutura com o senso comum na ciência da Motricidade Humana

«Como a história comprova, cada disciplina só acede ao estatuto de ciência, quando constrói um seu objeto próprio – quando, delimitando um conjunto de problemas solucionáveis, abandona as questões cuja abordagem se poderia fazer apenas no registo da filosofia, da religião ou da ideologia e se situa a um nível de abstração e generalidades que lhe permite elucidar regularidades, formular leis, construir modelos interpretativos. Em consequência, ciência é também procurar *soluções* para problemas. Ela própria elabora e testa os meios necessários: conjuntos coerentes de conceitos e relações entre conceitos (as teorias), uma linguagem conceptual adequada e tanto quanto possível exclusiva, instrumentos técnicos de recolha e tratamento de informação, métodos de pesquisa» (Silva e Pinto 1989, 12). Neste inverno, de árvores despidas, com o ar a esfriar-se, folheio o livro de A. Sedas Nunes *Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais*, onde colhi o seguinte: sendo o ser humano um facto total, uma totalidade complexa, tentar separar, como incompatíveis, o material do espiritual, o espírito da carne, o individual do social «só podem representar, no melhor dos casos, abstrações provisórias que implicam sempre grandes riscos para o conhecimento. É por isso que o investigador deve sempre esforçar-se por reencontrar a realidade total e concreta mesmo quando sabe que só lá pode chegar duma maneira parcial e limitada; para esse efeito, deve integrar no estudo dos factos sociais a história das teorias acerca desses factos e, por outro lado, ligar o estudo dos factos da consciência à sua localização histórica e à sua infraestrutura económica e social» (Nunes 1993, 39). Viver é unir, ligar, relacionar, fraternizar. Crer apenas na força é a fraqueza da força!

José María Quintana Cabanas, com uma portentosa obra, teórica e prática, no domínio da ciência da educação (ou pedagogia), é com vibração, com entusiasmo, que se refere à epistemologia da ciência da educação. Diz ele: «conviene que la Pedagogia tenga una epistemologia bien elaborada. No solo para tener una Pedagogia bien construída y completa como ciência, sino también para que sea posible una buena formación de los pedagogos, ya que no puede haber un plan de estudios pedagógicos adecuado y bien concebido si no se tiene, antes, un esquema equilibrado de lo que es y debe ser la Pedagogía» (prólogo a Boavida e Amado 2006, 7). Mas são, hoje, muitos os obstáculos epistemológicos a vencer, principalmente os que decorrem do senso comum. O paradigma que julgo mais interessar à CMH resume-se a uma síntese de três paradigmas: o positivista, o fenomenológico-interpretativo e o crítico. O paradigma positivista, descritivo e factual, na CMH, lembra-nos que as intuições, as especulações, as emoções humanas deverão submeter-se aos métodos específicos das ciências da natureza, ao paradigma positivista descritivo e factual. A perspetiva fenomenológico-interpretativa (e portanto qualitativa) visa a compreensão da complexidade humana, onde nem tudo se expressa por números, nem tudo o laboratório explica. Portanto, o quantitativo e o qualitativo, como paradigmas e metodologias, deverão complementar-se mutuamente, tendo em vista uma expressão mais ajustada do humano e até a dimensão histórica do fenómeno humano. A perspetiva crítica diz-nos com meridiana nitidez que, no humano, a explicação, a compreensão e os interesses emancipatórios e políticos constituem uma totalidade dialética. Portanto, a ciência da motricidade humana (o desporto, a dança, a ergonomia, a reabilitação, a gestão do desporto e a educação motora, tradicionalmente conhecida por educação física) é uma ciência hermenêutico-humana que estuda o ser humano, no movimento intencional e em equipa (em grupo) da transcendência.

Importa ultrapassar o senso comum, no desporto, principalmente neste mundo intimidativo onde o terrorismo campeia; temos uma carga de anos e anos a alijar, em que a prática desportiva não se coíbe de sobrevalorizar os máximos princípios do economicismo, de uma saúde fisiologista e mecanicista e, ostensivamente, esquece que a cultura desportiva é uma preocupação do homem pelo homem, é uma pedagogia do humano e onde, por isso, viver não é só durar e, como tal, onde há necessidade de tomar partido, na singularidade de situações múltiplas, em defesa do ser humano. A cultura desportiva deverá surgir como um complemento e um acabamento de «um animal heurístico»,

ou seja, de um ser humano que pretende conhecer e conhecer-se melhor, que procura o sentido e o significado do que faz. O Vaticano II apresentou «uma definição de cultura que é, a um tempo, das mais complexivas e completas de quantas, até hoje, nos foram dadas. Depois de aludir ao nexo, necessário, entre natureza e cultura e depois de afirmar o princípio de que o homem não atinge um nível verdadeira e plenamente humano senão por meio desta última, o concílio continua assim: «Pela palavra Cultura, em sentido geral, indica-se tudo aquilo com que o homem afina e desenvolve os seus múltiplos e diversos dotes espirituais e corporais» (*Brotéria*, Novembro de 2018, p. 655). Nuccio Ordine (2013), num livro que frontalmente intitulou *L'Utilità dell'Inutile*, sublinha que a felicidade não passa unicamente pela procura desesperada do dinheiro e do poder. «Se o útil é o que produz lucro, então as humanidades podem encerrar. Elas não só não dão rendimento a uma economia, como exigem custos elevados, hoje considerados supérfluos. Estudar latim ou sânscrito, ler Aristóteles ou Shakespeare, conhecer os filósofos, fazer *ballet* ou cantar polifonia antiga não aumenta as receitas de um país endividado» (Miranda 2018, 566). De facto, «não aumenta as receitas de um país endividado», mas pode ensinar-nos a sermos felizes! Um dia, na terra dos meus pais, uma aldeia de Trás-os-Montes, escutei a um idoso, com um rosto de ossos e de sombras, uma frase inesquecível: «Na vida, há quem se entristeça porque as rosas têm espinhos, mas há também quem se alegre porque os espinhos têm rosas».

Segundo a CMH, o desporto é uma das suas especialidades. E, se a CMH é uma ciência social e humana, o desporto só como ciência social e humana poderá estudar-se e praticar-se. «As disciplinas sociais são especialmente permeáveis às interpretações do senso comum. Ao passo que a física ou a astronomia romperam já há alguns séculos, por vezes em circunstâncias dramáticas, com o senso comum, construindo uma linguagem conceptual e processos de demonstração específicos que as imunizam, em grande parte, à influência daquele, as ciências sociais, mais recentes, não possuem ainda, em geral, códigos e instrumentos exclusivos» (Silva e Pinto 1989, 30). E é muito mais fácil ao senso comum fazer do desporto um biologismo, ou visio-ná-lo pelo paradigma positivista, ou sujeitá-lo às interpretações do dualismo natureza-cultura, do que percecioná-lo como motricidade humana, ou seja, como ações que, até há bem poucos anos, não se estudavam com o devido rigor, separando-as do tempo, do espaço, do contexto e da filosofia que as informam. Por outro lado, vale a pena ver (e ouvir) a ligeireza como algumas

peessoas comentam o futebol, sem as correspondentes pesquisas quantitativa e qualitativa, ficando o que dizem estritamente vinculado a mitos, a crenças e às mais variadas expressões apaixonadas dos adeptos, dos espectadores, diante de um jogo de futebol. Mas, para compreender a motricidade humana como ciência, não bastam as «representações crentes». As ciências nascem com teorias, métodos, conceitos, emoções, desejos, interesses e reproduzem um velho conflito entre o novo e o velho, a tradição e a renovação, a ideologia e a ciência. Ora, há demasiada coisa velha, bem pouca renovação e uma ideologia gasta e trôpega nalguns comentários ao desporto (e até nalguns estudos do desporto). Na unidade e na multiplicidade do conhecimento, descobre-se sentimento e razão também e... a necessidade de interdisciplinaridade entre o sentimento e a razão!

Para mim, continua a ser senso comum a ciência de orientação positivista, que blasona de objetiva, friamente analítica, política e eticamente neutral, esquecendo lamentavelmente, entre tíbios sorrisos profissionais, que não ter partido significa tomar partido pela indiferença, pelo desinteresse, pela não-posição. Na visão incontornável de Sócrates, quem sabe julga que nada sabe. Senso comum é também o argumento de autoridade que julga que tudo sabe. A realidade não é só complexa, é também imprecisa. As ciências, portanto, procuram tratar com precisão uma realidade imprecisa. Embora nos interesse sempre mais escutar o cientista do que a cartomante, pois que o método do cientista parece ser mais fiável. Quem estudou *O Fim das Certezas*, de Ilya Prigogine (1996), de certo sublinhou que o possível é mais rico do que o real, ou seja, que é do caos que o novo pode esplender mais intensamente. Demais, num universo governado pela entropia, o caos aparece inevitavelmente, mais tarde ou mais cedo – o caos e, como consequência, a possibilidade do novo. No entanto, o cientista mais constrói do que descobre. O trabalho, o estudo, teorizar a prática e praticar a teoria são absolutamente necessários, tendo em conta o desenvolvimento das ciências. Poderia lembrar, aqui, uma frase do célebre «Magic» Johnson: «O talento, o génio mesmo, nunca são o suficiente. Com algumas exceções, os grandes jogadores, os grandes atletas são os que mais trabalham, porque mais sentem a necessidade de trabalhar». Na alta competição (desportiva ou não) não há vida fácil, não há estreia fácil, não há êxito fácil. Até uma certa dose de religiosidade é necessária! E de sabedoria? Aquela sabedoria que os jogadores experientes praticam com natural desenvoltura e que sabem fazer e não sabem explicar? Quem percebe a

realidade como um todo sabe, com um saber de experiência feito, que a vida é bem mais do que ciência. É também senso comum. Afiança-o e reabilita-o o ditado popular: «Voz do povo é voz de Deus».

8. Conhecemos muito, ignoramos muito mais

Das consultas que por vezes faço, há bem 40 anos, na *Lógica das Ciências Sociais*, de Karl Popper (2004), retive algumas ideias que se me antolham sejam o ponto fulcral deste livro. Sumariando, começemos por esta: conhecemos muito, mas ignoramos muito mais. Ao nível do conhecimento, mormente do conhecimento científico, ignorância e conhecimento completam-se, pois que, no princípio e no fim de um conhecimento, sempre se descobre uma tensão constante entre o conhecimento e a ignorância. «Portanto [argumenta Karl Popper] poderíamos dizer que não há nenhum problema sem conhecimento, mas também não há problema, qualquer que ele seja, sem ignorância». Um outro ponto quero salientar: as ciências sociais e humanas começam com problemas, como as chamadas «ciências exatas». A pobreza, o analfabetismo, a democracia, a política (incluo, aqui, a política desportiva), etc., etc. são problemas práticos que conduzem à especulação, à teorização – em poucas palavras, a problemas teóricos. É impossível expungir a teoria da prática e a prática da teoria, no conhecimento humano. Quando John Locke (1632-1704), como empirista que era, escreveu «Nada está na inteligência que primeiro não tenha estado nos sentidos», tornou assim evidente que o corpo sobreleva a razão, o todo as partes e a unidade a multiplicidade, no ato cognoscitivo. Para Newton e os físicos do seu tempo, as teorias inferiam-se, deduziam-se dos fenómenos, não de criações do espírito humano; em poucas palavras: deduziam-se tão-só por abstração da experiência. Tratava-se portanto de uma conceção das ciências que excluía formalmente a atividade da imaginação. Além disso, acreditou também piamente que a mecânica de Newton descrevia a realidade de modo rigorosamente exato e objetivo. No entanto, a teoria da relatividade veio colocar em questão essa verdade que parecia inquebrantável» (Japiassu 1981, 22).

Aliás, a questão do método, nas ciências, não é pacífica. Paul Feyerabend (1924-1994), sempre com um fichário de grande atualidade, ofereceu inúmeros exemplos de teorias de indiscutível rigor que chegam a não ser aceites pela

comunidade científica. Um método que contenha princípios firmes inalteráveis e absolutamente obrigatórios que norteiem a prática científica tropeça em dificuldades consideráveis, ao ser confrontado com os resultados da investigação histórica. Descobrimos então que não há uma só regra, por plausível que seja e por firmemente baseada que esteja na epistemologia, que não seja infringida numa ou noutra ocasião. Torna-se evidente que essas infrações não são acontecimentos acidentais, consequência de uma falta de conhecimento, ou de atenção, que poderia ter-se evitado. Pelo contrário, vemos que são necessárias para o progresso» (Feyerabend 1981, 53). Depois do *princípio da incerteza* de Heisenberg, em 1927, e do surgimento das *geometrias não-euclidianas*, despontou um extenso questionamento do próprio conceito de evidência. Por seu turno, fugindo à tirania da tradição e do corporativismo e à férula do princípio da verificabilidade (só um enunciado verificável, pela observação ou pela experiência, transmite informações factuais), Karl Popper, partindo do pressuposto de que não se encontra critério seguro para avaliar a racionalidade de uma teoria, pois que da razão pode despontar uma longa e árdua maratona de interpretações várias, levanta a questão: então, qual o critério que nos permite distinguir a ciência da não-ciência? Para Popper, o mais fiável critério de cientificidade não é a verificabilidade, mas a falsificabilidade, ou seja, uma teoria que não sabe, nem pode, formular as condições da sua própria falsificação não deverá considerar-se uma ciência. E, se bem penso, a história das ciências não se apresenta, desta forma, como um «objeto dado», mas como um «objeto construído».

Do positivismo comtiano dizia J. Piaget, no seu *Biologie et Connaissance* (1967, 43), que ele tinha em mente um duplo objetivo: ideológico, isto é, delimitar as fronteiras das ciências contra qualquer intromissão metafísica; e metodológico, ao fixar de uma vez por todas os princípios e os métodos destas mesmas ciências. No positivismo, entre os pecados que se lhe podem assacar, eram muitas as certezas e as verdades. Mas não é verdade que a história das ciências não passa de um processo de «verdades» provisórias? Aliás, se há ciência, tal se deve ao facto de ao processo cognoscitivo em curso faltar mais evidência. Por maior que sejam o academismo e a afetação, na hora da proclamação das certezas a evidência plena é sempre de uma indigência confrangedora. A ciência é processo, nada mais do que processo. A evidência plena é credence, ou cegueira, ou dogma. Ainda há pouco me questionaram sobre se eu, prestes a atingir os 86 anos de idade, considerava

feita a minha obra. Respondi-lhes: «Falaram em obra feita? Mas eu não tenho uma obra feita; tenho, sim, algumas ideias em permanente devir. Por isso, o meu pensamento se encontra tão inextrincavelmente ligado à escola hegelomarxista. A lógica dialética é-me indispensável, para entender a história. Eu sei que rodeia a dialética um círculo ondulante e agressivo, onde topo Hannah Arendt, Edouard Bernstein e outros». E uma alegria juvenil me tomou, quando perguntei: «E é possível a transcendência, sem dialética?». Eu sou, em 40% do meu pensar, hegelomarxista e, nos 60% finais, sou cristão, profundamente cristão, sem recusar a dialética mas introduzindo nela o objetivo final da transcendência. Gostava de ter conhecido, pessoalmente, Teilhard de Chardin, para o interpelar vivamente. É que me sinto muito próximo dele e do Papa Francisco, quando penso na transcendência. Com eles aprendi que a própria ideia de transcendência é um processo em permanente construção. É da compreensão crítica da dialética que a transcendência surge mais instrutiva e mais instigante. Baudelaire escreveu que a modernidade significa tensão entre o efêmero e o eterno. Por mim, direi que a vida significa tensão entre o efêmero e o eterno – pela dialética da imanência, a caminho da transcendência...

Mas a dialética da transcendência traz-me à mente o «mundo-da-vida» da fenomenologia [aproveitado depois por Habermas (1988), na sua *Teoria da Ação Comunicativa*], que assim tento definir: «é o conjunto de crenças, sentimentos e valores que traduzem significados da vida quotidiana. E, ao produzir conhecimentos, o mundo-da-vida surge como um pressuposto pré-científico de significados emergentes das práticas culturais». Ou seja, o jogo, o desporto e a dança, quando são investigados e estudados cientificamente, já trazem consigo os valores, as crenças coletivas, que presidiram ao seu nascimento histórico e presidem, depois de racionalizados, à sua prática habitual. O «mundo-da-vida» é o mundo do *homo sapiens sapiens*, consciente do seu ser histórico, temporal e da sua relação com os outros seres falantes (e portanto com quem se pode dialogar). Parece-me oportuno relembrar as *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein (2008), onde toda a linguagem é solidária de uma determinada «forma de vida». A linguagem não blasona de «qualquer coisa de único e de sublime, como uma dádiva dos deuses ou uma faculdade transcendente que faria o ser humano participar num mundo imaterial, imutável, ideal, espiritual. De facto, a linguagem é empírica, evolutiva e complexa, integra afinal a história natural e cultural dos seres humanos» (Hottois 2003, 314). Daqui se infere que podemos fazer a distinção entre

«valores do desporto» e «valores no desporto»: aqueles são o fundamento onde assenta o modo-de-ser do desporto, uma prática físico-motora informada de valores morais; estes são os valores que o processo histórico, na sua dialética incessante, acrescenta aos valores do desporto. Sou até em crer que de uma síntese, entre os *valores do desporto* e os *valores no desporto*, poderá resultar uma inelutável metalinguagem, onde o jogo, o desporto, a dança e a motricidade humana em geral, porque não são apenas biologia, nem inteligência tão-só, possam evidenciar a complexidade humana, no movimento intencional da transcendência.

Convivi muito com o Acácio Rosa. Foi das primeiras pessoas, em Portugal, a jogar basquetebol e andebol, ou seja, indubitavelmente, um pioneiro do desporto lusitano. Jantava, todas as semanas, com ele e com o Mariano Amaro, futebolista internacional do Belenenses das décadas de 30 e 40. Recebia-me sempre, com muita festa. Começava a ouvir o que eu lhe expunha, normalmente assuntos ligados à documentação e à informação do desporto. Mas, a certa altura, o nome de um desportista, a menção de um estádio, o afloramento de uma data suscitavam-lhe a memória de factos distantes da vida do Belenenses, ou do desporto nacional. E então era o Acácio que falava, ininterruptamente. Recordo perfeitamente que, para ele, a figura primeira do nosso futebol era o Cândido de Oliveira (o meu amigo-irmão Homero Serpa dizia o mesmo). Jogador, treinador, selecionador nacional, jornalista, ideologicamente um democrata sem mácula e deixando uma obra variada e multiforme de um verdadeiro pensador do futebol – Mestre Cândido, para o Acácio Rosa, tem lugar ímpar na história do futebol português. E notava, por fim: «E homem bondoso, simples e acessível, capaz de dar a própria camisa a quem dela necessitasse». Desportistas, como o Acácio Rosa, «homens da prática» (como é hábito dizer-se), são importantes para os historiadores para que os factos históricos não desponham descontextualizados e precedidos de especulações simplistas e simplificadoras. Em geral, os desportistas, normalmente pessoas aprumadas, disciplinadas, de olhar firme e voluntarioso, conhecem mal o papel da filosofia na formação da história do desporto. Vivem o desporto como uma atividade autónoma, que se desenvolve sem qualquer relação com a vida económico-social e com o mundo das ideias, quero eu dizer: que converge fatalmente para a «verdade», sem o arrimo dos conceitos filosóficos e da realidade histórica, no seu conjunto. Enfim, uma conceção idealista da história. E só com a «filosofia espontânea dos cientistas» a história pode converter-se

numa revoada de lugares comuns, postos a correr na base da superficialidade e da falsidade, onde se aceita como verdade apodítica o que se julga a via do progresso, dos «amanhãs que cantam». Ora, não há revolução que não apresente também desmandos da liberdade, uma avultada conta de vítimas e um número razoável de mentiras. E muitas vezes a história se faz escondendo o que seja considerado ao arrepio da vontade dos vencedores. E também aqui conhecemos muito, mas ignoramos muito mais.

9. Dar o melhor de si

Quando um estudioso sério faz um exame crítico da cultura ocidental, das suas origens, do seu desenvolvimento, das suas tendências, dos seus significado e valor, em todos os momentos da história da cultura ocidental o cristianismo está presente como elemento substancial. Acentuemos, sem receio, que o cristianismo, com as qualidades e os defeitos dos homens que dizem vivê-lo, é uma herança que enforma as instituições do nosso direito, a imaginação dos nossos escritores, o rigor dos nossos cientistas e as raízes da nossa ética. Pode dizer-se mesmo que a Europa, no que de mais autêntico ela tem, nasce da admiração fervorosa pela mensagem cristã. O próprio Augusto Comte e o seu notável discípulo Emílio Littré reconheceram na Idade Média uma «obra política da sabedoria humana», precisamente pelo monoteísmo da sua mensagem político-religiosa. A meu juízo, para imortalizar a Idade Média, a *Divina Comédia*, a *Canção de Rolando*, a *Suma* de S. Tomás, S. Alberto Magno (físico, botânico e naturalista), a *Opus Magnum* de Rogério Bacon (1214-1292), os estilos românico e gótico – a meu juízo, para imortalizar a Idade Média, basta citar estes homens e estas obras. Auguste Comte (1899), no seu *Cours de Philosophie Positive*, nota, na Idade Média, «um profundo sentimento de dignidade, de respeito, de elevação, pela pessoa humana» que o introdutor do positivismo filia no sistema católico de clara distinção entre o poder político e a hierarquia religiosa, proclamando assim uma incontroversa autonomia da moral e da religião, em relação a qualquer sistema político. O conceito de «pessoa humana» é, nitidamente, de origem cristã, pois que defende o respeito e o culto pelo «ser humano», antes e acima das leis e dos decretos régios e governamentais. À luz do Evangelho, em cada um de nós, há uma vida moral independente do próprio Estado.

O cristianismo é, de facto, a matriz da civilização e da cultura europeias. Não se estranhe por isso que, no Vaticano, o Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, sob sugestão do Papa Francisco, ocupe uma boa parte da sua reflexão, procurando abrir o desporto à mensagem do Evangelho. Desta reflexão nasceu um documento, *Dar o Melhor de Si* (Dicastério 2018) com prefácio do Papa Francisco, em forma de carta aberta ao cardeal Kevin J. Farrell, prefeito do dicastério acima referido. São palavras do Papa: «O desporto é um *lugar de encontro*, em que pessoas de todos os níveis e condições sociais se unem para alcançar um objetivo comum. Numa cultura dominada pelo individualismo e pelo descarte das gerações mais jovens e dos mais idosos, o desporto é um âmbito privilegiado, em torno do qual as pessoas se encontram, sem distinção de raça, sexo, religião ou ideologia e onde podemos experimentar a alegria de competir para alcançar juntos uma meta, fazendo parte de uma equipa em que o êxito ou a derrota são partilhados e superados. Isto ajuda-nos a pôr de parte a ideia de conquistar sozinho um objetivo, centrando-se exclusivamente em si mesmo». Portanto, para o Papa, no desporto, não se desenvolve um indivíduo, para viver uma vida egoísta de paixões, fazendo dos seus interesses o centro de tudo e de todas as coisas e... acabando escravo dos bens passageiros que o *marketing* e a publicidade lhe oferecem, para o manipular. Para o Papa, o desportista não se confunde com um indivíduo, porque é uma pessoa! E aprende isto mesmo no desporto, que deverá transformar-se num *veículo de formação*. Escutemos, uma vez mais, o Papa Francisco: «Por isso, é necessária a participação de todos os atletas de qualquer nível e idade, para que os que fazem parte do mundo do desporto sejam um exemplo em virtudes como a generosidade, a humildade, o sacrifício, a constância e a alegria».

Por fim, o Papa sublinha o papel do *desporto como meio de missão e santificação*: «O desporto é uma fonte riquíssima de valores e virtudes, que nos ajudam a melhorar como pessoas. Como o atleta durante o treino, a prática desportiva ajuda-nos a dar o melhor de nós, a descobrir sem medo os nossos próprios limites». Por seu turno, o documento *Dar o Melhor de Si* começa por mostrar o seu tronco original: «Hoje em dia, a universalidade da experiência do desporto, a sua força comunicativa e simbólica, as suas grandes potencialidades educativas e formativas são reconhecidas e evidentes. O desporto tornou-se um fenómeno de civilização, que habita de pleno direito na cultura contemporânea, permeando os estilos e as opções de vida de muita gente. Isso

impele-nos a repropor a interrogação retórica de Pio XII: Como poderia a Igreja desinteressar-se dele?» (Dicastério 2018, 10). E insiste, na página seguinte: «O magistério da Igreja apela continuamente à necessidade de promover um *desporto para a pessoa*, capaz de dar sentido e plenitude à vida, capaz de valorizar integralmente a pessoa, o seu crescimento pessoal e moral, social, ético e espiritual. O interesse da Igreja pelo desporto concretiza-se numa presença pastoral variada e difusa, tendo como ponto de partida e como fim o interesse do ser humano». Por isso, não tem sentido o «desporto pelo desporto». Sempre que o desporto não é meio e o ser humano não é fim, ou seja, sempre que não se põe o desporto ao serviço da eminente dignidade da pessoa humana, é evidente que a prática desportiva para pouco mais serve do que para adormecer as pessoas para a recusa da sociedade injusta estabelecida. A clara noção de dignidade e independência do ser humano deve ressaltar, numa sociedade moderna, ou hipermoderna (Gilles Lipovetsky), da prática desportiva e, afinal, de tudo o mais que seja verdadeiramente humano. Por isso, a Igreja não defende «um desporto cristão, mas uma visão cristã do desporto», a qual acrescenta à ética desportiva habitual a certeza da filiação divina dos desportistas pois que, enquanto pessoas, são filhos de Deus. E, assim, é o desporto que é ordenado para os interesses eternos da pessoa humana.

É esta a definição de desporto que o dicastério propõe: «O desporto é uma atividade física em movimento, individual ou de grupo, de carácter lúdico e competitivo, codificado mediante um sistema de regras, que gera uma prestação confrontável com outras, em condições de iguais oportunidades» (2018, 23). Segundo o que venho estudando, há 40 anos, o desporto é, de facto, um dos aspetos da motricidade humana, com seis elementos essenciais: jogo, movimento, agonismo, transcendência, instituição e projeto. E com duas palavras indispensáveis: movimento e transcendência. José Tolentino Mendonça escreve, com a alma toda, como é seu hábito, no seu livro *Elogio da Sede*: «Jesus sabe que um simples copo de água não é banal, não é apenas isso. Esse gesto dialoga com dimensões profundas da existência, porque vai ao encontro daquela sede que está presente em todo o ser humano, que é sede de relação, de aceitação e de amor» (Mendonça 2018). Para mim, é evidente que esta sede, esta vontade de transcendência, que em nós habita (transcendência de toda a complexidade humana) é a mais elevada expressão de humanidade, pois que funda a dignidade e o valor do homem, na superação dos seus limites, dos seus vícios, das suas imperfeições. Verdadeiramente,

fazer desporto deverá ser isto mesmo: uma tentativa, com a ajuda dos colegas e dos adversários, de superação dos nossos limites, dos nossos vícios, das nossas imperfeições. Mas vale a pena voltar ao Papa Francisco: «Quando o desporto é considerado apenas segundo parâmetros económicos, ou de consecução da vitória a todo o custo, corre-se o risco de reduzir os atletas a mera mercadoria lucrativa». Ora, o desporto, como educação, como saúde, como espetáculo, como cultura da inclusão, do encontro e da paz é bem mais, sem as dispensar, do que economia e finanças. A Igreja Católica (e daqui, na minha modéstia, a saúde, por isso) está a ocupar-se, com rara finura, do «fenómeno desportivo». Vai nascer um desporto novo?

10. O futebol tem violência, não é violento

Já há mais de um ano, n'A *Bola*, de 2017/5/3, o jornalista José Manuel Delgado realçava o núcleo das suas atuais preocupações, no que ao nosso futebol diz respeito: «O futebol português anda a ferro e fogo, perdeu o bom senso, abdicou do equilíbrio e esqueceu os princípios básicos do desporto». Mas eu pergunto: esqueceu os princípios básicos do desporto, ou desconhece-os? O ser humano imprime necessariamente, ao longo e ao largo da sua vida, as condições do seu ser. Ora, porque acredito que alguns dos nossos dirigentes desportivos foram *in illo tempore*, em tempos idos portanto, pessoas de bom senso e exemplar conduta; os seus constantes extravios, de hoje, em relação à ética desportiva só podem significar que, sabendo muito de economia e finanças, de compra e venda de jogadores, não sabem o que é, nem o que vale, o desporto como forma superior de humanização. Eles costumam falar *ex cathedra* e talvez por isso me deem um olhar lateral e suspeito – a mim, um atrevido que só encontra neles ignorância redonda, pois que não quer cometer o pecado de neles descobrir as «causas das causas» do clima de inquietude e de mútua suspeição e a multiplicação passional de qualquer problema, por mais insignificante que seja, em que descambou o «pontapé na bola» da lusitana gente. Até o *El País*, um dos grandes jornais europeus, já salientou também «cuspidelas, insultos, ameaças, instruções aos comentadores, denúncias nos tribunais e visitas aos árbitros» (cfr. *A Bola*, de 2017/5/3) como «coisa absolutamente normal» na «república das bananas» em que alguns querem transformar o futebol português. É evidente que um campeão europeu

não pode ser só isto. Não se ganha um campeonato europeu sem rigor, sem generosidade, sem organização, sem excelência. Mas, enquanto se confundir futebol com guerra e adversário com inimigo e os tropismos de bandos criminosos com «amor ao clube», podemos ganhar campeonatos, mas não ganharemos nunca o respeito dos verdadeiros desportistas e dos estudiosos de estudo planeado e cumulativo.

É um inestimável contributo dos gregos o princípio de que não há educação sem desporto. Os gregos praticavam de facto, com igual interesse, o desporto e a filosofia. Recordo o célebre livro *Paideia*, de Werner Jaeger (2001), onde se refere que o ateniense se sentia melhor, mais senhor de si, no ginásio do que em sua casa, onde dormia e comia. E porquê? Porque no ginásio praticava-se naturalmente ginástica e, findo o tempo dedicado à educação físico-motora, escutava-se e discutia-se, com exemplares elevação e seriedade, o que os filósofos diziam. Platão (2005) não esconde que educar é proporcionar ao corpo e à alma toda a perfeição possível. No seu diálogo *Timeu* diz-nos, numa das passagens mais comentadas: «O matemático, ou o que faz qualquer outra intensa prática intelectual, deve também praticar os movimentos corporais típicos da ginástica; de igual modo, o ginasta, ou o que cultivava adequadamente o seu corpo, deve dar à alma, através da música e da filosofia, o mesmo cuidado que dispensa ao corpo – para que em ambos o Belo e o Bom cresçam, simultaneamente». Esta convergência entre ginástica e filosofia e arte emerge da civilização grega, como o atesta a escultura de Mirón, Policeto e Lisipo. Ainda em Platão (2010), em *O Banquete*, Pausanias distingue nos gregos o orgulho, que não escondiam, de cultivar, como partes do mesmo todo, a filosofia e a ginástica. Deverá referir-se que esta «interdisciplinaridade» (se cabe, aqui, nos tempos de Platão, qualquer similitude com um hodierno trabalho interdisciplinar), encontramos-la também na medicina de Hipócrates (460-377 a.C.) e Galeno (130-201 d.C.). Com efeito, num e noutro sobressai o intento de realçar que a doença não era um castigo divino e que portanto a ginástica poderia transformar-se no remédio ideal para muitas doenças. Não relembro, neste passo, o tributo (inevitável, através das idades) exigido aos anunciadores de tempos novos. Também Hipócrates e Galeno sofreram a perfídia dos mediocres e o mal contido despeito da inveja...

Não deverá deixar de assinalar-se, no entanto, em Platão (e nos gregos) um indiscutível dualismo antropológico, onde a noção de homem parece

atribuir-se, nalguns escritos seus, ao composto alma-corpo e, noutros, unicamente à alma. Escreve Platão (2000) no *Fédon*: «A alma é a que mais semelhança tem com o que é divino, imortal, inteligível, uniforme, indissolúvel e mais se parece ao que mantém sempre, de igual modo, a sua identidade. Depois que o corpo e a alma se juntaram no mesmo ser, ao corpo cumpre, por natureza, sujeitar-se e ser governado e à alma dirigir e dominar», pois que o corpo não é companhia fiável e salubre. Volto ao *Fédon*: «Enquanto possuímos o corpo e a alma estiver mergulhada nesta corrupção, impossível nos é alcançar o que desejamos, isto é, a verdade». Concluindo: para conhecer, devo separar a alma do corpo, pois que só a alma sabe examinar os objetos e verdadeiramente conhecê-los. Transcorreram séculos e eis que o filósofo francês Maine de Biran (1766-1824) «inaugura inesperadas, interpelantes e vigorosas possibilidades de uma *filosofia do corpo*» (Umbelino 2010, 2). Em Biran, no estudo do ser humano, há físico no psíquico e psíquico no físico. «É uma tese central, para Biran, não há pensamento sem corpo» (2010, 487). De facto, a tese de doutoramento de Luís Umbelino revela-nos que a noção de «corpo vivido», de Merleau-Ponty, já se vislumbra em Maine de Biran. Tenho de agradecer ao Prof. Luís Umbelino, da Universidade de Coimbra, a lição que nele colhi e me ensinou portanto que o ideário de *Muscular Christianity*, de Thomas Arnold, que tanto entusiasmou Pierre de Coubertin já tinha uma incipiente fundamentação científica. Por isso, o desporto não é saudável só pelo movimento físico, mas porque o desporto é uma ética em movimento.

Todo o ser tem o direito de ser em plenitude, porque o ser é mais do que o nada e porque é o caminho da plenitude, ou seja a transcendência, iluminada pelos valores éticos, que nos aproxima da felicidade. Não acredito que o niilismo de um mundo que se vive por mero capricho possa ser saudável. Viver sem valores, sem justificação, sem sentido afinal (são os psiquiatras a dizê-lo) não dá, de facto, saúde a ninguém. No ser humano aviva-se a noção de *sistema* e portanto cada um de nós encerra duas ideias primaciais: a ideia de relação e a ideia de organização. A vida pujante de um sistema supõe relação entre os seus constituintes e uma organização que permita o seu eficaz (e o mais perfeito possível) funcionamento. O ser humano é corpo-mente-sentimento-natureza-sociedade-cultura. E assim não basta uma descrição exaustiva, meticulosa de cada um dos elementos do todo, mas também a relação entre todos eles e a relação do todo com o meio envolvente. Daqui se infere que, na prática desportiva, porque prática sistémica, correr ou saltar ou rematar ou

encestar ou nadar podem não ser saudáveis, se não se tem em conta a relação corpo-mente-sentimento-natureza-sociedade-cultura. A medicina é uma ciência que estuda inúmeras situações psicopatológicas, com nítida influência no que é biológico ou mais especificamente fisiológico. Quando fui adjunto do treinador e meu querido amigo Jorge Jesus, pude rapidamente concluir que os problemas mais difíceis de resolver pelo treinador são os psicológicos e os culturais (na relação do treinador com os jogadores e com os próprios dirigentes). Alguns comentadores agem e falam por simplificação. Reduzem o complexo ao simples, ou seja, a complexidade humana aos erros dos árbitros (um exemplo). Não pensam que em todas as derrotas há culpas do derrotado – que os dirigentes, após um jogo, ou vários jogos, menos felizes das suas equipas, são incapazes de salientar, no intuito de empurrar os sócios a uma análise impetuosa, defeituosa, ilógica das competições. Eu não vejo a realidade como ela é, vejo-a como é a complexidade que eu sou! Se eu for violento, o futebol que eu pratico é violento também, embora as regras e as leis que lhe dão um carácter humanizante. A violência, no futebol, deve começar a extirpar-se na escola. E até no ambiente familiar. É que leis não faltam e a violência no futebol continua. O futebol não é violento – o futebol tem violência! Por culpa de muitos dos seus agentes.

11. O futebol: um fundamentalismo

Eu julgo que o sentido da vida está próximo da noção de sagrado. De facto, é o sagrado que nos dá o sentido da vida. No cristianismo, Deus fez-Se homem, na pessoa de Jesus Cristo, para que pudéssemos entender, de modo diáfano e transparente, que a vida tinha sentido, se amássemos a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos. E foi mais explícito ainda: sempre que damos de comer a quem tem fome, ou de beber a quem tem sede, sempre que vestimos os nus e visitamos os encarcerados – a Ele, Jesus Cristo, o fazemos, porque Ele está presente em cada uma das criaturas de Deus. Escutemos a sua Palavra: «Eu estarei convosco todos os dias até à consumação do mundo». No cristianismo, portanto, encontra-se o sentido da vida, amando a Deus e amando o próximo. A partir do Iluminismo e, mais declaradamente, dos «mestres da suspeita», a secularização, a laicização simbolizam, hoje, o advento de um espaço sociopolítico onde a vida, a sociedade,

a cultura e a história não se deixam conduzir pelas encíclicas papais, pois que, em matéria de religião, a vida social e política deverá distinguir-se por uma rigorosa neutralidade. A moral, o direito, a medicina, a engenharia, o conhecimento científico enfim (designadamente na Euro-América) perderam (ou esqueceram) qualquer vínculo ao Deus de Jesus Cristo e o positivismo, o cientismo, o materialismo e outras escolas filosóficas falam da religião como um assunto privado, decisão de cada um de nós, ou circunscrito aos templos, aos santuários, às igrejas, longe portanto da esfera pública, longe portanto do conluio trono-altar, como ardentemente o desejava, nos primórdios do século xx, o integralismo lusitano. E uma questão fumega de toda esta neutralidade religiosa, ou do discurso dos propugnadores de um mundo sem Deus: o sentimento religioso atravessa momentos agónicos?

Não deixo sepultar no cesto dos papéis a pergunta e repito: o sentimento religioso atravessa momentos agónicos? Aceito perfeitamente que «não é preciso religião nenhuma para se ser honesto ou caritativo», mas há ou não necessidade de transcendência, nos «jogos de vida ou de morte» e nas frases «vamos deixar a pele no campo» e «este jogo é das coisas mais importantes da minha vida»? E eu questiono, também: e a transcendência, mesmo à luz de uma simples metafísica da subjetividade, não se aproxima do sentimento religioso? Quando abordamos questões extremas, como estas: Donde viemos? Para onde vamos? – porque os argumentos da física se alicerçam sobre a observação, a experimentação e a matemática, cientificamente entramos num espaço de nulos, ou nada, enfáticos que, sobre este assunto, pouco têm a dizer. Uma pergunta interpela-nos a todos: porque existe a realidade e, pelo contrário, não existe nada? Mesmo que nos deixemos capitanear pelo mais distinto cientista, respostas convincentes, não as encontramos, por mais que as procuremos. Há, em todas as coisas e em todos os homens e mulheres, um segredo primordial da realidade que escapa ao poderio fantástico da nossa tecnociência. Este segredo primordial, coonestado pelos cientistas e filósofos, precisa, para sua resolução, de Deus, religião e fé? «Não precisa!» diz-nos Comte, em reverente dobre de espinha, diante do «Grand Être», ou seja, a humanidade em geral, a nova igreja de que ele se considerava o «pontífice máximo». O verde translúcido dos seus olhos vê assim o progresso da humanidade: do mito passou à metafísica e desta à ciência positiva. E, no século xx, em antítese ao positivismo de Augusto Comte, eis que surge o padre Teilhard de Chardin (1881-1955), um homem simultaneamente místico e cientista.

Teilhard, filho intelectual de Henri Bergson (1859-1941) e portanto da filosofia vitalista deste filósofo e das suas ideias de uma evolução criadora (*élan vital*) – Teilhard (1959) tem uma visão genético-histórica da realidade, desde a cosmogénese à cristogénese, passando pela biogénese e pela noogénese. Que o mesmo é dizer: o Mundo, o Homem e Deus, através da lei complexidade-consciência, fazem uma síntese em Cristo. E assim do que precede se infere que tudo está em Deus e Deus está em tudo. Leonardo Boff, um dos próceres da teologia da libertação, escreve luminosamente no seu livro *Jesus Cristo Libertador*: « Se tudo foi criado por, para e em Cristo, de tal forma que tudo possui traços do rosto de Cristo, então, de forma muito especial, o homem, irmão dele, segundo sua humanidade. O homem não é apenas imagem e semelhança de Deus, é também imagem e semelhança de Cristo [...]. Por isso, cada homem faz lembrar o homem que foi Jesus» (Boff 2001, 161). E eu acrescento: mesmo um jogador de futebol, mesmo um campeão de qualquer outra modalidade desportiva? Álvaro Magalhães (2004, 244) elucida-nos, a propósito: «Estando na sua origem ligado ao mítico e ao sagrado, o futebol nunca passou plenamente para o plano profano (embora seja hoje vulgarmente classificado como indústria, negócio, espetáculo) e mantém uma estrutura coerente desse sagrado. Ele vive da fé e da penitência de milhões de fiéis propensos à conversão e é a instituição que une as pessoas e lhes permite atingir estados de êxtase emocional anteriormente associados às cerimónias religiosas. Mais importante ainda, ele re-liga, cria laços. Por isso, é frequentemente considerado um análogo da religião ou, como disse Robert Coles, uma religião substituta».

E uma religião substituta porquê? Porque ninguém pode viver sem religião. E se, como alguns querem, Deus morreu, são inúmeros os deuses que por aí resplandecem, rodeados de famintos de milagres. Enfim, se Deus morreu, o sentimento religioso continua vivo e a hipnotizar os ateus e os agnósticos que nos rodeiam. O que são José Mourinho, Pep Guardiola, Fernando Santos, Jorge Jesus, Sérgio Conceição e Ronaldo, Messi, Mbappé, Neymar, Modric. Griezmann, Pogba (e mais outros nomes poderia escrever) senão deuses da pós-modernidade? O desporto moderno nasceu, e não o dissimulou, em pleno seio do cristianismo. Na primeira metade do século XIX, o cónego Thomas Arnold e outros clérigos anglicanos (e não só anglicanos) descobriram, no desporto, um inigualável espaço pedagógico, capaz de habituar os mais jovens à vivência daqueles valores que devem informar um comportamento intelectual

e moralmente desejável. «De resto, ainda hoje há clubes que mantêm capelas nos estádios e aí celebram missas, em que a bandeira do clube é erguida, no momento da elevação, e quase todos promovem a bênção de jogadores e instalações» (Magalhães 2004, 244-245). Em *Kant e o Problema da Metafísica*, Heidegger *dixit*: «Nunca nenhuma época obteve tantos e tão diversificados conhecimentos sobre o ser humano como a nossa. E, no entanto, nenhuma outra época mostrou saber tão pouco sobre o homem como a nossa». O homem perdido nas colunas compactas do coletivismo (vejam o que se passa na Venezuela) e nas interpretações do estruturalismo; o homem reificado pelas grandes centrais de manipulação da opinião pública; um homem que, definitivamente, não sabe quem é porque «Deus morreu» – este homem morreu também. Já Foucault o disse, já Sartre o sentenciou, em *O Existencialismo É Um Humanismo*: não há natureza humana, porque não há um Deus que a conceba.

E, no meio deste indiferentismo, deste agnosticismo, deste ateísmo pós-modernos, em relação ao Deus de Jesus Cristo, no futebol não há pensamento sem um sistema que se apresente como absoluto. O sistema está antes de todos nós. O sistema, no futebol, é o clube e o clube, como todos os sistemas, é a alienação suprema, porque apaga as raízes da alienação. Marx utilizava a noção de estrutura na crítica do existente e não na sua apologia. As figuras primeiras de certos clubes dizem todas o mesmo, com as mesmas palavras, os mesmos objetivos e desenham os mesmos gestos rituais. São pessoas que têm a verdade e ao sistema convém súbditos acrílicos, crenças devotos, com horas e horas de televisão e «especializados» em títulos de jornais. Robôs autênticos, nas palavras do *pontifex maximus* de um sistema encontram a unanimidade indispensável para atear a discórdia, com palavras e atos que envergonhariam os sentimentos impolutos dos fundadores dos clubes, que sabiam que, pelo desporto (e, portanto, pelo futebol) se poderia exaltar os grandes valores morais da humanidade. A missão de um desportista, antes de qualquer outra, não é cultivar o ódio, mas a paz, o encontro fraterno. Como já salientou Sílvia Lima (2002, vol. II, 1081): «O estádio deve desempenhar sempre uma dupla função: 1.º Ser uma verdadeira *escola* do desporto, uma palestra (de *pale*, luta) no rigoroso significado etimológico helénico, quer dizer, um local onde a mocidade se entrega, sob vigilância médica, aos exercícios desportivos, quer individuais, quer colectivos; 2.º Um *templo*, onde em determinados dias o público pode assistir, como fiel devoto, a certas provas

desportivas, espécie de *offícios* sacros, de festivais olímpicos». E, depois do insigne ensaísta, Sílvio Lima, dos maiores da nossa história literária, respigo meia dúzia de palavras da Carta de Princípios do Provedor da Ética no Desporto (PNED-IPDJ-SEDJ): no desporto, deverá conciliar-se o exercício físico com «a exigência de uma Cultura baseada numa atitude de constante tolerância e respeito, pela dignidade humana». Daí, o estádio, como exemplarmente refere Sílvio Lima, ser uma *escola* e um *templo*...

Atribuindo significação a tudo, o clube significa-se. E como é o *pontifex maximus* que sempre fala, em nome do clube, o *pontifex maximus* (ou, se quiserem, o presidente) tem sempre razão. O adepto não tem de saber, não tem de criticar, tem de lembrar-se das palavras-de-ordem de quem manda... *super omnia*. Nada mais! O pessoano (do heterónimo Álvaro de Campos) «merda, sou lúcido» é tão perigoso como as «heresias» de Galileu aos cardeais do Santo Ofício. Que um adepto seja lúcido é tudo o que não interessa à classe dominante de certos clubes de futebol profissional. E assim tão fundamentalistas são os espasmos e a gritaria descabelada da rapaziada que assalta as academias e os centros de treino como a prepotência e a esclerose dos dirigentes que se julgam fadados por Deus à eternidade, nas suas altas funções clubísticas. Tanto a uns como aos outros, impele-os um código moral, onde o mal e o bem não têm cabimento, porque a moral que os rege não é moral, é capricho, descontrolo, pura arbitrariedade, nos adeptos furiosos, e maquiavelismo, nos outros, aguilhoados por interesses, que valem muito dinheiro, se continuarem no poleiro do poder. Enfim, nuns e noutros, o seu *citius, altius, fortius* não decorre do património axiológico que nos legaram a filosofia grega, o espírito jurídico latino e a mensagem judaico-cristã, não corporiza o ideal humanista do Padre Manuel Antunes, que reduzia a dois os arquétipos dos humanismos: aberto e fechado: «É aberto todo o humanismo que, qualquer que seja o seu ponto de partida ou o seu centro de gravidade, não exclui que o homem venha a ser aperfeiçoado nas suas virtualidades em certas das suas aspirações mais fundas por uma revelação gratuita. É fechado todo o humanismo que excluisse, por sistema, toda a possibilidade do sobrenatural» (*Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, palavra «Humanismo»).

Se bem entendo a mensagem de Coubertin, relacionar desporto, educação e valores (éticos e estéticos) é fundamental para que o olimpismo se cumpra. Por isso, não há desporto sem valores. Não há desporto neutral. O respeito pelo clube que serve, o profissionalismo, o «um por todos e todos por um»,

a coragem, a disciplina, a generosidade, o companheirismo, o *fair play* são valores que devem esplender no comportamento de um atleta. Treinar, para um treinador, não consiste em ensinar apenas técnicas e táticas, mas também comportamentos e atitudes, maneiras de ser e mundividências. Eu (e não sou só eu) entendo por pós-modernidade o tempo posterior à modernidade, isto é, o tempo posterior à queda do gangrenado Muro de Berlim. O filósofo Zygmunt Bauman, falecido, em Londres, em 2017, chamava à pós-modernidade a «modernidade líquida», onde nada é sólido, nada é durável, tudo é descartável, tudo é para consumir e deitar fora. Governada por políticos, artistas na oposição e desastrados no poder, pujantes de simpatia, entre os mais jovens, para quem a cultura dos mais velhos é mera repressão – a «modernidade líquida» tem o seu desporto, tem o seu futebol, que se distingue pelo «pensamento único» (ao serviço do casino financeiro internacional) com que atacam os principais problemas. Mas não é só o futebol que o capital especulativo transnacional governa; os próprios Estados, diante dele, perderam a sua identidade. A própria noção de soberania tinha os seus símbolos. A moeda? Com a moeda europeia comum, não há por aí país europeu que por ela possa sentir-se representado e definido. As fronteiras? As Forças Armadas? Tudo é comum. Onde começam e acabam a pátria e o Estado? Restam-nos a bandeira e as equipas de alta competição desportiva, principalmente as equipas de futebol. Cada vez se produz mais, sem que se distribua fraternalmente (não somos todos irmãos em Cristo?) o produzido. Mas também aqui o futebol tem um importante papel a desempenhar, em favor de uma oligarquia da mediocridade: como o venho dizendo, há um bom par de anos, há um futebol que adormece o povo para a recusa da sociedade injusta estabelecida. *Fiat lux*, para que vejamos, nitidamente, o presente boçalizado de um certo futebol. Para concluir: o futebol é modalidade desportiva, nasceu para educar e completar o lazer de quem trabalha. As suas virtudes pedagógicas são inúmeras. Ele não é fundamentalista, *tem* o fundamentalismo que nele deixamos.

12. O tempo é intemporal

A frase não é minha, mas atribuída a Péguy: «O tempo é ele mesmo intemporal». Quando se chega à minha idade, este inciso rápido e sincopado parece-me cada dia mais verdadeiro. De facto, quando se chega à minha idade, é

a verdade o que mais conta. Por isso, quando vejo um facto, procuro o valor (ou os valores) que o fez (ou o fizeram) nascer. Qualquer memorialista, ao relatar a sua vida, ou a vida do seu semelhante, distingue, antes do mais, as qualidades intelectuais, morais, físicas da figura central do seu livro, do seu artigo, do seu ensaio. Quero eu dizer: os factos só existem para esclarecer os valores. Se bem entendi a vida dos principais filósofos, todos eles eram pessoas de inegáveis honorabilidade e solidariedade. Muitos deles morreram mesmo na miséria, sem ambições políticas ou económicas. «Palermas...» dirão alguns habituados a baboseiras que se manifestam por poucas sílabas. No entanto, quem não se impressiona com a perenidade de certos conceitos de certos filósofos, com a pujança especulativa de Kant, Hegel, Marx, Nietzsche, Heidegger, etc., etc.? Para além da ciência, há a filosofia e a teologia. E é precisamente na filosofia e na teologia que eu encontro os valores que dão sentido à vida, alguns *sub specie aeternitatis*. Um diálogo entre o futebol e os valores, mostrou-o Diego Simeone quando, ao analisar o trabalho do futebolista português João Félix, declarou: «O João tem muitas qualidades. Está a adaptar-se, rapidamente, ao que a equipa exige dele. A sua visão do jogo permite-lhe adaptar-se, com admirável rendimento, a várias posições. Mas a sua qualidade primeira é a vontade de aprender. O talento é inato, mas a vontade de aprender é o caminho mais curto e mais seguro para um jogador desenvolver o talento». Que o jogador nasce e, pelo trabalho sério e honesto, desenvolve as suas aptidões para a prática do futebol é um axioma que nos deixa cegos de tanta e tanta verdade! Um dia, na década de 60, assisti a um jogo de futebol de juvenis Belenenses-Benfica, na companhia do treinador Peres Bandeira, que Deus haja. Jogava, nos juvenis dos «azuis», o Minervino Pietra, hoje treinador-adjunto do SL Benfica – jogava e com habilidade rara. Nunca mais esqueci o comentário do *mister* Peres Bandeira: «Este, se quiser, vai ser um jogador de classe». E o Pietra quis e foi internacional de futebol...

Portanto, se eliminarmos o supérfluo, o contingente, o acessório, serão sempre determinados valores a desenhar, em traço bem personalizado, o que faz o jogador, como profissional de futebol. Não é preciso apurar muito, nos desabafos, ou nas confidências, dos «agentes do futebol», para concluirmos que não é, normalmente, o 4x3x3, ou o 4x4x2, ou o 4x2x3x1, o fator decisivo, nas vitórias, ou nas derrotas – é o ser humano que pratica futebol. Porque para mim o desporto (o futebol) nasce com o individualismo moderno, que

é uma forma de antropocentrismo. O indivíduo que as teorias do Contrato Social realçam é um ser independente, autossuficiente, preocupado unicamente com as suas manutenção e conservação, liberto de tudo o que tradicionalmente constitui a vida do homem em sociedade: influência das pessoas, umas em relação às outras, pertença a redes de relações, subordinação a uma comunidade adotiva. E, numa sociedade de indivíduos, independentes de valores morais e absorvidos no imediato, a «guerra de todos contra todos», de Hobbes, é servida naturalmente e sem olhar a meios. Tenho para mim que a ciência investiga e descreve os fenómenos e a filosofia e a teologia procuram o Absoluto que justifica os fenómenos. Quando afirmo que «o desporto reproduz e multiplica as taras da sociedade do rendimento, ou altamente competitiva» refiro-me ao conhecimento científico, às ciências sociais e humanas (ou hermenêutico-humanas), penso a autonomia do social e, no meu caso, defendo a contribuição do pensamento sistémico para uma ciência hermenêutico-humana. Mas, quando apelo à necessidade de um desporto com ética, capaz de superar as tentações do consumismo que nos des-sensibiliza ao encontro com o Princípio e o Fim de todas as pessoas e de todas as coisas – eu adentro-me na filosofia e na teologia, cada qual com a sua resposta à pergunta: o que é o Homem? Nem o filósofo, nem o teólogo sustentam a posse da resposta absoluta. Dizem-nos tão-só que há momentos na vida em que é preciso escolher entre o tudo e o nada. Quero eu dizer: em que «é preciso repensar o já pensado, para pensar o ainda não pensado» (Heidegger) e acreditar no mistério de um Absoluto que não se sabe explicar, mas que é absolutamente necessário compreender.

«Por exemplo, o corpo dos bailarinos de certas coreografias modernas é constantemente percorrido por formas de vitalidade (abandonando as figuras do *ballet* clássico e do expressionismo). Que faz esse corpo? Junta heterogéneos, fazendo deslizar uns nos outros, ritmando intensidades diferentes, associando a brusquidão de uma interrupção a outra vinda de outras paragens. Combina assim formas de vitalidade, que se encontram abstratamente em cada elemento heterogéneo, um gesto extraído de Martha Graham liga-se a um fragmento de uma ópera de Verdi, os dois acentuando a força *em crescendo*. As formas de vitalidade contraem os conteúdos sensíveis, que põem em contacto. Quando uma ária de Mozart se conecta com a luz colorida que ilumina os corpos dos bailarinos, cria-se uma espécie de metáfora gestual que condensa, num grau de abstração superior, o som da ária e a claridade dos

corpos» (Gil 2019, 92). Também o corpo abstrato do atleta de alto rendimento é o corpo de forças em movimento, pensadas pelo treinador, desejadas pelo atleta, sempre renascidas e nunca amadurecidas. Que digo eu? Digo que, nos infinitos gestos do corpo do atleta, há um todo abstrato e concreto que renasce sempre novo, não desde uma qualquer perspectiva alheada e neutra, porque ao serviço de uma grande vontade de vitória. E, quando o consciente falha, mobiliza-se o inconsciente, pois que o desporto, no seu mais alto nível, é uma transformação simbólica do mundo. No Benfica, segundo informação de *A Bola*, de 7 de agosto de 2019, começando em Luís Filipe Vieira, o responsável máximo pelo futebol encarnado, até à base, «são mais de 40 os elementos que integram a estrutura de apoio ao futebol profissional. Onde tudo funciona como num laboratório bem afinado» – são mais de 40 os elementos que compõem o *staff* do futebol profissional, a estrutura material e humana da determinação de um pensamento primeiro. Na forma dialética da unidade matéria-espírito, o tempo é intemporal: há sempre mais do que moderníssimas instalações, no Benfica de hoje.

O conhecimento perfaz um longo itinerário. Necessita de muito estudo? Com toda a certeza. Mas, se me dão licença, eu leio um texto da página 30, da edição da Gallimard, da *Critique de la Raison Dialectique*, de Sartre (1960, 30): «A única teoria do conhecimento, que pode ser válida, é aquela que se fundamenta sobre esta verdade da microfísica: o experimentador faz parte do sistema experimental. É a única que permite afastar toda a ilusão idealista, a única que mostra o homem real, no meio do mundo real. Mas este realismo implica necessariamente um ponto de partida reflexivo, quer dizer: a descoberta de uma situação faz-se na práxis que a altera». Em poucas palavras: só se conhece o que se vive e se transforma. No ato cognoscitivo, treinador-jogador-tática-estratégia-objetivos definem-se em termos de uma totalidade dialética e não como soma de vários conjuntos distintos. A transcendência, visando a superação, rumo ao Absoluto, para que se tende e nunca se alcança, reflete o movimento do real e mostra-nos as suas várias ordens (o material e o espiritual) e a articulação entre elas. De facto, somos matéria que se faz espírito, natureza que se faz cultura, carência que se faz desejo, razão que em fé se converte. Para transcender e transcender-me não basta a *experiência mensurante* da física, da matemática e, em certo sentido, da filosofia. Necessária é, sobre o mais, a *experiência vivida*, fonte da linguagem simbólica, quero eu dizer: do mito, da poesia, da arte, da religião e de boa parte do desporto. As

palavras de São Paulo: «Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim» ressoam na emoção dos jogadores de futebol quando, após o golo, beijam o emblema do clube, na camisola. Quantas vezes eu senti emoção igual, após os golos fantásticos do Matateu, no Estádio do Restelo, numa loucura de azuis misturados de céu, de imaginação e de Tejo! Sem a *experiência vivida*, não há grandes jogadores (e treinadores) de futebol. Sem a *experiência vivida* que é símbolo e alegoria e metáfora e finalmente conceito, ou seja, ciência e filosofia e teologia – conceito que pode ser explicado e definido, na passagem do *mythos* ao *logos*, com os recursos da linguagem, sem apelos a vivências.

Nuno Delgado, extraordinário atleta, entre os maiores da história do desporto nacional, é também alguém que pensa como os que sabem pensar; tocou, em conversa comigo, na (digamos assim) noção sintetizadora do meu conceito de motricidade humana: «o ser humano é movimento físico, porque é movimento intelectual e moral e é movimento intelectual e moral porque é movimento físico. Mas não um movimento qualquer; o que o distingue é que o seu movimento físico, intelectual e moral resulta de uma necessidade permanente de transcendência». O que se tem, o que se é volve-se consciência dos limites. E é na consciência dos limites, na insatisfação diante do relativo, do contingente, do parcial que eu encontro o sentido da vida: a transcendência. Na teoria da motricidade humana, como movimento em direção ao mais-ser, transcender é transcender-me, transcender é aproximar-me de um inalcançável Absoluto que dá sentido e direção à própria vida. Portanto, a transcendência confirma o meu distanciamento em relação ao Absoluto, mas diz-nos qual o caminho a seguir. Frequentava eu a Faculdade de Letras de Lisboa quando John Lennon cantava: «Somos mais populares do que o próprio Cristo». Ao substituir o amor cristão, nessa época de julgamento-rejeição-crise (que eu intensamente vivi) por uma espécie de sacralidade, baseada no amor profano e numa ou noutra ideologia política, a superação imobiliza-se, fica sem tino, olhos marrados no absurdo de uma vida humana que, na morte, não sabe produzir mais e melhor vida humana, mas o nada tão-só! Esta é a ideia que mais me aproxima do cristianismo: a morte é também transcendência, a suprema transcendência em direção a uma forma de vida, que se desdobra interminavelmente em eternidade, em liberdade, em Amor e em tudo o mais que eu não sei ainda. Creio, mesmo, que a vida *post-mortem* não é um epifenómeno da matéria. Pelo contrário: como inteiramente espiritual, será a pré-história do Inefável, do Inexperimentável de uma vida melhor. E, aqui, se Deus

tivesse morrido, como Nietzsche proclamava, com voz grossa de convencido, os ateus também não teriam nada de interessante para nos dizer.

Estas «metafísicas» do tempo físico, material não são questões ultrapassadas, porque estão por resolver. Uma questão ultrapassa-se quando se resolve. Porque há tanta gente a discutir a tática das equipas de futebol? Porque, para a tática, há respostas. E há problemas, no futebol, que até parece que não são do futebol. E, para estes, ou são difíceis as respostas, ou não há respostas mesmo. Como já trabalhei no futebol de altíssimo rendimento (embora 13 meses tão-só) e tenho sido amigo de alguns treinadores de futebol capazes de um diálogo vivo entre a razão e a fé, julgo poder acrescentar que a dimensão religiosa da alta competição desportiva manifesta que ao ser humano não lhe bastam o relativo, o parcial, o redutor. E que o Todo, não o sabemos, nem podemos, dizer. Encontrei em Adorno, já não sei onde, que «é preciso tomar consciência da espécie de ignorância sobre a qual está constituído o nosso saber». Martin Heidegger, como génio que é, sai assim da monotonia permanente de alguns críticos da arte: se quer saber de Van Gogh, ponha-se diante de um quadro de Van Gogh e escute o desvelamento da pintura do célebre pintor holandês (Heidegger 1990, 12-27). Eu há muitos anos venho dizendo que... «quem não pratica não sabe». A propósito, poderia escutar-se o Nietzsche da *Origem da Tragédia*: «Todo o homem que for dotado de espírito filosófico há-de ter o pressentimento de que, atrás da realidade em que existimos e vivemos, se esconde outra muito diferente e que, por consequência, a primeira não passa de uma aparição da segunda» (Nietzsche 1972, 37).

O repensamento e a revitalização da «cultura do clube» onde tudo se propõe para que o atleta possa transcender e transcender-se, isto é, descubra (e pugne por) valores, no termo dos treinos e das competições, não pode limitar-se à convicção (teoria) – tem de ser práxis, sobre o mais. E assentando sobre um pilar: tudo se faz e se pensa, solidariamente, desde o presidente ao menos cotado dos adeptos. A motricidade humana assim se define: é o movimento intencional e solidário da transcendência. E, portanto, na motricidade humana, palavras e ações, emoções positivas e emoções negativas, tudo se observa à luz de um valor supremo: a transcendência da complexidade humana. A ciência da motricidade humana (CMH) não contribui para o nascimento de um novo modelo cultural, mas pretende ajudar à criação de um clima, de uma atmosfera, de uma reciprocidade, de uma compreensão onde preparar um atleta passa pela sua mais completa humanização e preparar um homem,

para a vida, passa pela sua mais completa educação corporal. O aspeto mais significativa da CMH não se situa nas vitórias, ou nos recordes, ou em espetáculos artísticos inolvidáveis, mas na intencionalidade da promoção do humano, no desporto e no jogo desportivo e na dança e na ergonomia e na reabilitação e na motricidade infantil e na gestão de todos estes subsistemas do sistema «motricidade humana». A CMH não ensina a durar, mas a viver; não ensina tanto a competir quanto a cooperar (porque não o neologismo: coopetir?); não ensina à primazia do dogmático, mas do crítico, nem do individual, mas do social. Na CMH, «o homem (e a mulher) de pensamento» é necessariamente um «homem (e mulher) de ação» e um «homem (e mulher) de ação» é necessariamente um «homem (e mulher) de pensamento». São três as experiências humanas básicas, em Hannah Arendt: a primeira é a do *animal laborans* (as experiências do trabalho); a segunda encontra-se nas experiências do *homo faber*, ou seja, do artesão e do artista; a terceira significa as experiências da liberdade para participar democraticamente no espaço público da *polis*. Falta a quarta, no meu modesto entender: a transcendência. É ela o núcleo essencial da mensagem que a teoria da motricidade humana nos pretende oferecer.

13. O que fazem os filósofos

Li, já não sei onde, que um dia um jornalista perguntou a uma cozinheira da casa de Alexandre Herculano o que fazia habitualmente o notável historiador e escritor. E ela, expressiva e rápida, mordiscando uma peça de fruta: «O Senhor Herculano? Não faz nada. Só lê e escreve». Durante os três primeiros anos da década de 1980, trabalhei no Centro de Medicina Desportiva de Lisboa, como adjunto do Dr. Aníbal Silva e Costa, médico cirurgião e diretor-geral do Apoio Médico. Como licenciado em Filosofia, todos me tratavam por «senhor doutor» e cheguei mesmo a passar por cirurgião, quando uma vez, um cavalheiro, já avelhentado, me agradeceu uma cirurgia que eu lhe teria feito «e que correu muito bem», dizia ele – eu, que de medicina e cirurgia (e de tudo o mais) só sei que nada sei. Mediante recursos de uma certa oralidade folclórica, tentei informá-lo de que era um simples funcionário administrativo do Ministério da Educação e professor do ISEF/UTL. Acompanhava-me o Dr. Maia Ferreira, médico fisiatra, que desfez o equívoco junto do meu inesperado e confuso interpelante: «De facto, o doutor Manuel Sérgio não é médico, não faz Medicina,

mas faz outras coisas que esta direção-geral precisa que se faça». Eu trabalhava na edição dos *Cadernos de Medicina Desportiva*, uma obra oportuna e coesa que mereceu palavras de gratidão de alguns médicos de Medicina do Desporto, exercendo a sua profissão em clubes desportivos de Norte a Sul do País. Vendo bem as coisas, na Direção-Geral de Apoio Médico, eu só lia e escrevia, ou seja, segundo a empregada da casa do Alexandre Herculano, não fazia nada. No entanto, no escárnio serôdio ao labor dos filósofos (ou dos modestos aprendizes de filosofia, como eu) que em alguns deles até deu frutos bem sazoados, há um desconhecimento de que os filósofos sempre mostraram um interesse muito especial por um trabalho que não se confunde com qualquer solitária especulação filosófica.

Vejamos: Sócrates, após o serviço militar, que cumpriu com exemplar pun-donor, andava pelas ruas interrogando as pessoas e procurando conduzi-las à Virtude, ao que, para ele, era Bom e Belo e Justo. Em 408 a.C., encontrou Platão, fizeram-se amigos e foi Platão quem escreveu e deu a conhecer as ideias socráticas, dado que Sócrates nada deixou escrito. Platão fundou ainda uma academia e manifestou interesse pela vida política. Descartes foi militar, durante vários anos. Pascal inventou, para o pai, uma máquina de calcular, e um coche de cinco pisos, para transporte público. Leibniz teve uma intensa e profícua atividade diplomática. Espinosa polia lentes e os filósofos das Luzes filosofavam e não escondiam os seus interesses políticos e a sua exposição social. Kant e Hegel distinguiram-se também como distintos professores universitários. Marx foi jornalista muito respeitado e *doublé* de um filósofo igualmente grande, concordemos ou não com as suas ideias. E poderíamos multiplicar os exemplos até ao «infinito». O nosso Sampaio Bruno (1857-1915) era dono de uma padaria e, por vezes, vendia pão aos fregueses habituais do estabelecimento, seu e do seu irmão. No entanto, são muitos (e gente até de admirável fecundidade literária) os que o consideram o fundador da filosofia portuguesa. Um dia, Unamuno visitou o Porto com o fito primeiro de travar relações com Sampaio Bruno. Logo que chegou à Cidade Invicta, dirigiu-se à Rua do Bonjardim, onde Bruno morava por cima da padaria da família, que era administrada pelo irmão do filósofo. «Unamuno entrou no estabelecimento e dirigiu-se a um sujeito grave, gordo, de lunetas que, de facalhão em punho, talhava meia quarta de pão a uma freguesa: “Sabe dizer-me onde mora o sábio escritor Bruno?”, perguntou o catedrático de Salamanca. O sujeito de lunetas embrulhou a meia quarta de pão, sacudiu das mãos a farinha triga, guardou

o troco na gaveta e, pausadamente, avançou para o espanhol, dizendo numa vozita fina e tímida, que saía como um esguicho daquele corpanzil mole e pesado: Sou eu mesmo!» (Castro 1916, 180 s).

A hostilidade a respeito da filosofia e da epistemologia radica no facto de aqueles dois saberes, por natureza, desinstalar e desestabilizarem e portanto incomodarem. Eu próprio a senti quando, na minha poligrafia dispersiva, comecei a sugerir a importância da epistemologia, no estudo da educação física e do desporto. Acompanharam-me, nesses anos distantes, se bem me lembro, o Prof. Gustavo Pires, o Dr. Augusto Baganha, o jornalista Homero Serpa, o treinador de futebol José Maria Pedroto e ainda os Profs. Gonçalo M. Tavares, Abel Figueiredo e José Neto. Outros nomes deveria, aqui, acrescentar, como os brasileiros João Tojal, João Batista Freire, João Paulo Medina e Anna Feitosa. Foram estes os nomes que, imediatamente, me ocorreram. Ao fim de 40 anos, é bem possível que o meu aterosclerótico esquecimento não me deixe chegar a outras pessoas que eu desejaria lembrar, aqui e agora. Dos adversários não me ocupo, mas agradeço-lhes o muito que me obrigam a estudar. Lastimando embora que muitos deles não cultivem a arte subtil de conversar, nem a nobre arte de escrever. O culto da linguagem, escrita ou falada, é uma das formas superiores da vida em sociedade. Não tenho dúvidas a este respeito, mormente num tempo como o nosso, em que a língua portuguesa, com a estulta pretensão de se modernizar, já se confunde com o inglês e portanto desarticulou-se e está, também ela, ao serviço de um certo imperialismo, filho dileto daquele imperialismo que o nosso Papa Francisco tão certamente classificou: «Esta economia mata!». Mas volto à hostilidade que rodeia a filosofia e a epistemologia. Porque a filosofia não é científica? Mas se o espírito nasce da natureza, a filosofia deverá, inevitavelmente, estabelecer os seus conceitos a partir da natureza. Uma solução não tem sentido independentemente de uma problemática que, sem dispensar as ciências, não é unicamente científica. Uma solução não remete para uma psicologia do conhecimento, mas para uma ontologia da complexidade humana. E, aqui, o problemático é mais subjetivo do que objetivo, sendo tanto ciência como filosofia. Toda a imagem da realidade surge como biface: é científica e exprime-se em números e é, simultaneamente, filosófica e exprime-se em proposições.

O que pode fazer o filósofo, no desporto? O *período axial* (termo criado pelo médico e filósofo alemão Karl Jaspers, que aponta o período em que nascem o budismo, o confucionismo, a filosofia grega e em que o profetismo

judaico já anuncia Jesus de Nazaré) que permite a resposta a esta questão, começou em Pierre de Coubertin e continua ainda hoje. O filósofo, no desporto, tem, em primeiro lugar, de saber onde está, ou seja, conhecer, melhor ou pior, a prática desportiva; depois, sugerir ao treinador principal que toda a investigação exige um método e, no caso do desporto, o método é o específico das ciências humanas, pois que não há jogos, há pessoas que jogam; por fim, com a consciência de nós mesmos e com a metodologia adequada, importa elaborar conceitos, em busca dos significados essenciais das coisas, dos factos e dos acontecimentos. A pergunta básica de toda a filosofia, poderei assim resumi-la: o que é isto? Ou, melhor ainda: qual o conceito que mais fielmente me retrata a realidade e me transmite o sentido do que estou a investigar?... No desporto, é a motricidade. Eu criei, sem esquecer os meus inúmeros limites e condicionalismos, uma definição de motricidade humana: *é a energia do movimento intencional e em equipa da transcendência*. Canta Caetano Veloso que «Se você tem uma ideia incrível, é melhor fazer uma canção./Está provado que só é possível filosofar em alemão». É evidente que a minha definição de motricidade humana não significa a posse de uma absoluta certeza. Significa, sim, que tenho um caminho para investigar e que sei também que nunca poderei percorrê-lo sozinho, nem chegarei alguma vez à claridade matinal de uma certeza indiscutível. Embora o desporto (e a dança) seja uma obra humana e sejam seres humanos que perpetuam a história do desporto (e da dança). E o filósofo acrescenta: e qual o sentido do desporto (e da dança), na história da humanidade?

Há mais de 40 anos, me parece – veja-se o meu livro, *Desporto em Democracia* (Sérgio 1976) – que o ser humano não pode definir-se como substância estática, pois que o ser da mulher e do homem é um fazer-se, um tornar-se, um transformar-se, mas com pontos de referência axiológica, pois que há um vínculo iniludível, entre a História e os valores, do qual nascem a civilização e a cultura. A prática desportiva e a dança, pela sua qualidade intrínseca, são movimento intencional e, porque o ser humano as faz num surto incoercível de valores, transformam-se num espaço de civilização e cultura e de poesia e de sonho. Quem tem um mínimo de consciência histórica descobre, na história, um processo contínuo de humanização, através de um contínuo processo de aprendizagem onde se movimentam o desporto e a dança. Julgo não ser excessivo acentuar a diferença entre o que é justo, por imperativos de uma ordem moral, e o que é justo por imposição legal. As metas axiológicas do desporto e

da dança, embora algumas estridências de sinal contrário, mostram-nos que o *ser* do homem (e da mulher) é o seu *dever-ser*. «[...] somos testemunhas de um formidável aumento das atividades financeiras e bolsistas, de uma aceleração da velocidade das operações económicas que funcionam, agora, em tempo real, de uma explosão fenomenal de volumes de capitais, em circulação no planeta. Desde há muito tempo, a sociedade de consumo estabelece-se sob o signo do excesso, da profusão de bens: o que é ainda amplificado através dos hipermercados e dos centros comerciais cada vez mais gigantescos e que oferecem uma série de produtos, de marcas e de serviços pletóricos» (Lipovetsky 2018, 57). Acentua-se, no tempo em que vivemos, a ambiguidade já pressentida por Ortega y Gasset, sobre as sociedades de massas.

De facto, as pessoas vivem mais anos, a tecnologia produz bens que tornam mais agradável a existência, a sociedade do conhecimento dá-nos *lato sensu* a informação necessária, debruando as imagens soturnas do terrorismo com a vida fantástica dos mais célebres jogadores de futebol e artistas de cinema. Todavia, as desigualdades crescem entre os homens e as nações, os bens que a tecnologia produz não chegam a todos, a informação passa por aí ao serviço de certos interesses e as bombas atómicas mais mortíferas estão na posse de verdadeiros psicopatas. Cícero ensinava que educar significa libertar o futuro (o estudante) da tirania do presente. Mas apontando sempre valores de forte carácter axiológico, que resultem de reações emocionais, mas também de juízos lógicos de conhecimento dos mais nobres objetivos da história humana. Ora, estes valores descobrem-se no nascimento do desporto moderno. No processo de criação e construção da prática desportiva, a competição conjuga-se com o espírito lúdico e é dos desempenhos físicos (da nossa corporeidade) que pode visionar-se a vida espiritual do atleta. O ser humano é interioridade e exterioridade, «bios» e «logos», como convém a matéria que se faz espírito. Como desconhecer que a escola necessita do desporto, não tanto para ajudar ao nascimento de campeões, individualistas e narcisistas, mas para galvanizar a vivência das virtudes humanas, que (repito-me) emergem da génese do desporto moderno? É o ser humano, com o pleno conhecimento dos seus limites, o objetivo primeiro do treino e da competição desportiva. Tanto na escola, como no lazer, como na saúde, como no espetáculo altamente competitivo. E ainda como ciência e filosofia, como ética e como política. No dia em que assim o entendermos, tornar-se-á fácil o papel do filósofo, no mundo do desporto. Porque todos saberão o que é o essencial...

14. Desporto e transcendência

O poncio-pilatismo de alguns e a ignorância de muitos, liderada por uma oligarquia da mediocridade, têm permitido que uma certa ideia de desporto monopolize tudo o que a prática desportiva «é» e «vale». O fisiologismo, o economicismo, o consumismo (e muitos mais «ismos») informam qualquer diálogo galvanizante sobre o «fenómeno desportivo». É da alta competição, que reproduz e multiplica as taras do neoliberalismo imperante, que se trata quando se fala, hoje, de desporto. O desporto, assim se estuda nos mais rigorosos manuais da especialidade, é jogo e movimento e competição e projeto, tudo isto imbuído de *fair-play*, de incontida satisfação pelo esforço, de respeito pelos outros e por nós mesmos, de busca pela excelência, de reconhecimento de que não há atividades físicas tão-só, mas atividades onde se encontram presentes, dialeticamente relacionados, todos os elementos que constituem a complexidade humana. Para mim, o desporto é um dos aspetos da *motricidade humana*, quero eu dizer: é um dos aspetos do «movimento intencional e em equipa da transcendência» (a minha definição de *motricidade humana*), ao lado do jogo desportivo, da dança, da ergonomia, da reabilitação, do circo, da motricidade de todas as idades, da gestão do desporto, etc. Três palavras dominam a minha definição de *motricidade humana* e portanto de desporto: movimento, intencionalidade e transcendência – definição que não se confunde com a conduta dos bandos de descamisados e rufiões que emergem de certas «cliques», nem com o discurso (que exala um cheiro a cadáver) de alguns «entendidos», dirigentes ou não, que enxameiam a comunicação social. A imagem do desporto, para a esmagadora maioria das pessoas, esgota-se no espetáculo desportivo, publicitado pelas grandes centrais de manipulação, de intoxicação da opinião pública, ao serviço do integralismo economicista e de um clubismo próximo da loucura.

Portanto, se bem penso, a ideia de desporto mais em voga exige a presença de campeonatos e de campeões, de recordes e de árbitros e nada (nada mesmo) dos valores, sem os quais não há desporto. «A FIFA, cuja fundação data de 21 de Maio de 1904, em Paris, historicamente é a maior entidade congregadora de nações que já existiu. Reúne mais países associados do que qualquer outra instituição de qualquer natureza já conseguiu, mais até do que a ONU, que é de 26 de Junho de 1945, e o próprio Comité Olímpico Internacional, de 23 de Junho de 1894. Sua força política é conhecida e reconhecida» (Murad

2007, 15). Deverá não esquecer-se que o próprio Hitler instigou baldadamente a que a sede da FIFA se transferisse para Berlim, a «capital do Reich de 1000 anos», no intuito de conquistar um meio de invulgar poder que publicitasse a sua ideologia que hoje se esvai em senectude e descrédito. Para mim, o desporto, nomeadamente o futebol, é o fenómeno cultural de maior magia e de maior popularidade, no mundo contemporâneo. «Em consequência, estudar as atividades desportivas é um auxílio importante para a compreensão geral das sociedades humanas e para o entendimento de nossos sistemas simbólicos. Mais ainda, quando seus impactos coletivos são muito profundos, como é o caso do futebol (2007, 16) – o futebol que é bem um «facto social total» e portanto reproduz e multiplica as taras do capitalismo dominante e, pela ausência de determinados valores, uma histórica mística clubista, capaz de deitar fora (um exemplo, entre muitos) os sonhos e os anseios, de intocável honestidade, dos criadores e pioneiros da prática desportiva. Fui dirigente do Belenenses, um clube de Lisboa, em meados do século passado, durante 28 anos. Conheci desportistas portugueses, como o Dr. Salazar Carreira, o Prof. Mário Moniz Pereira, o presidente João Rocha e o Jorge Vieira e o Fernando Peyroteo, o Álvaro Cardoso, o Otávio Barrosa (e tantos mais) que nunca fizeram do seu clube uma sepultura dos mais lídimos ideais desportivos...

O desporto é, para mim (quantas vezes eu já disse isto?) um dos aspetos da motricidade humana, ou seja, do movimento intencional e solidário da transcendência – transcendência de ordem físico-biológica, mas também social, sentimental, intelectual, política, moral, cultural e espiritual. É o homem todo, no movimento da transcendência, que está em jogo na prática desportiva. Para conhecê-lo, portanto, há que integrar conhecimentos advindos da biologia e da psicologia e da medicina e das ciências cognitivas e da filosofia e da teologia, etc., etc. O método, para conhecer o ser humano, é multidisciplinar. E, portanto, como multidisciplinar deverá ser o treino desportivo, que prepara o atleta para transcender e se transcender (quem não se transcende «dura», mas não «vive»). Mas... o que significa a transcendência? Para mim, a transcendência diz-nos que o ser humano não é tanto um imitador, mas um criador; e, porque um criador, capaz de superação, de rutura, de abertura ao Absoluto; e, ainda como um criador, informado em todas as circunstâncias, como já o disse Roger Garaudy, há muitos anos, mais por uma filosofia da fé e do ato (ou da motricidade humana, digo eu) do que por uma filosofia do «ser» e do «logos». Há um magnífico livro do Prof. José da Costa Pinto (2003)

onde se analisa o conceito de transcendência em Garaudy. Quer esta palavra dizer, neste filósofo, que o futuro do homem não se deduz somente da sua herança biológica, social, cultural ou educativa; que a liberdade nasce com a possibilidade de projetar vários atos possíveis e que portanto a opção, para o ser humano, não se faz entre dados, mas entre possíveis» (2003, 81). No caso do desporto, portanto, o positivismo e o neopositivismo, que fecham o pensamento na conduta motora, e que fazem da ação um simples reflexo da ordem estabelecida, afastando-a de qualquer projeto qualitativamente novo, serão de questionar e rejeitar. O «desporto pelo desporto» e os seus fervorosos defensores não devem ter lugar num desporto de excelência.

O máximo de transcendência esplende, na história, com a Ressurreição de Cristo. Com a Ressurreição, Cristo ultrapassou as hipóteses aterradoras da morte e proclamou que é possível o impossível, ou seja, que o ser humano é bem mais do que o tempo e o espaço e que a vida tem o sentido que uma vida puramente material não poderia dar-lhe. No meu modesto entender: se somos criadores da história e responsáveis pela história, somos, com certeza, mais do que o espaço e o tempo da história humana. Se tenho a certeza racional do que venho de escrever? Não, não tenho. Só que, no humano, nem tudo se reduz ao conhecimento racional. O amor é bem mais do que razão. Quem ama conhece e... nem sempre pensa muito! Mas acredita, tem fé! E afinal o amor é a primeira das «razões» de qualquer iniciativa histórica. A transcendência é também um ato de fé de um ser que não é «algo», mas «alguém» capaz de superar o reflexo do mundo em que vive e criar o movimento do projeto, onde Deus cabe como realidade fundante. Com efeito, na natureza, nada surge como acabado e definitivo. Mas de tudo emerge o mistério, porque nada possui propriedades objetivas, independentes da razão humana. E a razão humana alcança sempre, em todas as coisas, após o movimento intencional da transcendência, o mistério... que não resolve! A filosofia e a ciência de Galileu e Descartes e Newton e Kant relegaram o mistério para bem longe do discurso científico, onde não cabe portanto tudo o que se sente e não se sabe explicar, como o amor, o sonho, o êxtase, a poesia. Aqui, caminha-se, pela transcendência, do reflexo ao projeto, da quantidade à qualidade, da explicação à compreensão, mesmo que em mancha de informes difusos. Aqui (ou seja, no amor, no sonho, no êxtase, na poesia) mergulhamos num sentimento inenarrável de plenitude, também sem se saber bem porquê. Será o campeão um místico? Quem, tanto como ele, se transcende?

Capítulo III

Instituições e Pessoas

1. O Sporting Clube de Portugal e o necessário corte epistemológico

Importa sobrepor aos homens, que passam, os clubes que permanecem. E, depois de João Rocha, nem sempre foi bem servido o Sporting, por certos dos seus dirigentes, por mancha considerável dos seus sócios que criticam desapiedadamente tudo e todos e por alguns rapazes que desconhecem que «ser sportinguista» também supõe dignidade e o *quantum satis* de sensatez. Já no seu livro *Introdução a Uma Ciência Pós-Moderna*, Boaventura de Sousa Santos (1989, 11) afirmava que a transição entre paradigmas epistemológicos deveria ser completada «por uma reflexão sobre a transição entre paradigmas societais, isto é, entre diferentes modos básicos de organizar e viver a vida em sociedade. Dado que [...] as diferentes formas de conhecimento têm uma vinculação específica a diferentes práticas sociais. A ideia era, pois, que uma transformação profunda nos modos de conhecer deveria estar relacionada [...] com uma transformação, igualmente profunda, nos modos de organizar a sociedade». Trabalhei, durante 28 anos (de 1964 a 1992) no CF «Os Belenenses»; fui técnico superior, na Direção-Geral dos Desportos; lecionei e estudei no INEF, no ISEF e na FMH; fiz amizade com «agentes do desporto», detentores de incomparável experiência desportiva – e concluo hoje, sem dificuldade, que o desporto, designadamente o desta Europa, revolvida a cada passo por avalanches de conceitos e de guerras... já bem pouco o conheço! Até o clube do meu coração parece devastado, dividido, corroído pelo desânimo, a braços com uma perigosa desorientação mental. E quando o meu amigo, Jorge Jesus, me sondou sobre se aceitaria ser seu adjunto no departamento de futebol do SL Benfica, por ele liderado, acedi ao convite, pois poderia

magoar quem com tanta deferência me trata mas principalmente para viver (só se sabe aquilo que se vive) a realidade emotiva, complexa, pluriforme, que é um departamento de futebol. Valeu a pena, de facto. Mas, para conhecer o futebol de hoje, com o máximo grau de certeza, trabalhar num departamento de futebol é muito pouco. A «causa das causas» do funcionamento do futebol de um clube já não está no departamento de futebol: não está no 4x3x3, ou no 4x4x2, ou no 3x5x2...

Um clube como o Sporting C.P. deve ser liderado, hierarquizado (se não laboro em erro) por um grupo de especialistas que trabalham numa tarefa comum. Digamos por outras palavras: a função primeira de um clube, com alta competição, é tornar os conhecimentos produtivos. Isto quer dizer que os especialistas que se pretendem não têm todos de saber himalaia, ou de fisiologia, ou de psicologia, ou de bioquímica do comportamento motor, ou «práticos» com anos e anos de «balneário», etc., etc. Trata-se tão-só de um grupo de especialistas, cada qual com a sua especialidade e motivados para um trabalho em equipa. A eficácia, numa organização, depende, de facto, de uma rigorosa especialidade e de uma fraterna solidariedade que una, em estreita colaboração, todos os especialistas. Como eu costumo dizer: «o desporto é o fenómeno cultural de maior magia no mundo contemporâneo». E, porque é cultura, resulta da criatividade humana, é um «fenómeno humano». É com seres humanos que uma organização pode produzir resultados. Mas seres humanos especializados numa área do conhecimento e acreditando em valores que lhes permitem um trabalho em equipa. E eu acrescento ainda: seres humanos especializados e sabiamente dirigidos. É que, na perspectiva de Peter F. Drucker, no seu *Post-Capitalist Society*, tem de haver quem tome decisões, responsável pela missão da organização, um maestro que controle os resultados. Por fim, a organização, para produzir os resultados esperados, tem de ser autónoma e disciplinada. Não pode deixar de funcionar, em plenitude, diante das ondas de lugares-comuns postos a correr na base da falsidade e da calúnia; não pode deixar de funcionar, em plenitude, atemorizada pelo culto de uma retórica sem conteúdo científico de qualquer espécie, ou pelo espetáculo dos ódios, das histerias, dos insultos de grupelhos manipulados.

Mas há uma ideia que, mesmo em breves palavras, é preciso ter sempre em mente: a organização de uma sociedade pós-capitalista des-estabiliza, in-tranquiliza, in-quieta. E por esta simples razão: porque a sua função é pôr o conhecimento a trabalhar, deverá organizar-se, tendo em conta incessantes

mudanças. Com efeito, se normalmente não podemos antecipar o futuro, podemos prepará-lo, com a lucidez possível. Ora, mesmo convencidas da improficuidade do *status quo* e da necessidade de substituí-lo, pessoas há que preferem a rotina cômoda e repousante à intervenção afoita. Por escondidos interesses? Por incompetência em imitar os que não prometem, mas acalmam? Por timidez, ou ausência de talento conciliador, em períodos em que se chocam e refervem tendências diversas? Enfim, porque não se sentem talhados para funções de liderança?... De um ponto não podemos fugir: uma organização que, resistente à mudança, não aprende a inovar, num tempo como o nosso, baseado no conhecimento científico, rapidamente envelhece. «Tenho vindo a afirmar que nos encontramos numa fase de transição paradigmática, entre o paradigma da modernidade, cujos sinais de crise me parecem evidentes, e um novo paradigma com um perfil vagamente descortinável, ainda sem nome e cuja ausência de nome se designa por pós-modernidade. Tenho mantido que essa transição é sobretudo evidente no domínio epistemológico [...]. Penso, hoje, que esta transição paradigmática, longe de se confinar ao domínio epistemológico, ocorre no plano societal global» (Santos 1999, 34). A resistência obstinada à mudança encontra-se intimamente ligada à cultura do ter e não do ser e muito menos do tornar-se. Não, não basta, para a presidência de um grande clube desportivo, o conhecimento típico de um banqueiro, ou de um economista, ou de um engenheiro civil, ou de qualquer outro ramo do saber. Necessária é, sobre o mais, a sabedoria que decorre de alguém que é humano, humano mais do que tudo, e portanto em que o saber do desporto, a prática de «agente do desporto», a maturidade, a capacidade de liderança, a cultura geral e gerante surgem, nela, num relacionamento declaradamente sinérgico. Para mim, a sabedoria é a sublimação da síntese prática-teoria.

Karl Popper, detentor de rara capacidade reflexiva, sublinha uma teoria sedutora numa das suas últimas obras, *Um Mundo de Propensões* (1991, 33): «O futuro está em aberto [...]. O nosso mundo de propensões é inerentemente criativo. Estas tendências e propensões levaram ao aparecimento da vida. E conduziram ao seu desenvolvimento, à sua evolução. E a evolução da vida levou-nos a melhores condições de vida na Terra. E, como tal, a novas possibilidades e propensões [...]. Tudo isto significa que as possibilidades, que ainda não se concretizaram, são de certa forma reais». E disse, por fim: «O futuro desta forma está ativamente presente, em qualquer momento». E eu

acrescento: desde que façamos do nosso trabalho diário um centro de aprendizagem e portanto uma sabedoria vocacionada para o futuro. De Gaulle, que se notabilizou como general e como político (e até como orador notável), afirmou: «A verdadeira escola de comando é a cultura geral. Através da cultura geral, o pensamento tem condições para se exercer com ordem, para distinguir o essencial do acessório, para compreender os prolongamentos e as interferências, em suma, para se elevar ao nível em que surgem os conjuntos, sem especular sobre os pormenores. Por detrás das vitórias de Alexandre, encontra-se sempre Aristóteles» (Fiévet 1993, 86). Napoleão, excepcional militar, versou em público um tema de grande atualidade: «Medito muito. Se pareço pronto para responder a tudo, para enfrentar tudo, é porque antes de empreender qualquer coisa, medito muito. Prevejo o que pode acontecer. Não é um génio que me revela subitamente, em segredo, o que tenho a dizer ou a fazer, numa circunstância inesperada, é a minha reflexão, a minha meditação» (1993, 204).

Roger Enrico, presidente da Pepsi-Cola, salientou em discurso aos seus funcionários: «Para se ser líder, é preciso procurar grandes ideias para tudo. Quem diz grandes ideias, diz criatividade. Nas grandes empresas, o mais difícil, para um presidente, é conseguir que os empregados pensem e atuem sempre de forma criativa. Todo o indivíduo tem um imenso potencial criativo. A dificuldade consiste em reunir coragem, para o utilizar. Ajudar o pessoal a encontrar esta coragem, abrindo as janelas de par em par, colocando-o em competição, levando-o a ousar e a sonhar, é a responsabilidade de um dirigente» (1993, 280). Ruben de Freitas Cabral, em artigo, que aliás ficou célebre, na *Brotéria*, escreveu: «Precisamos urgentemente de começar o processo de mudar a nossa mentalidade. Não nos podemos deixar avassalar pelo contexto determinista da grande máquina que ainda em grande parte nos envolve» (Cabral 1995). De facto, vale a pena ler a obra de G. Gusdorf *Introduction aux Sciences Humaines* e a de A. Koyré *Du Monde Clos à l'Univers Infini*, que nos ajudam a entender como, na Idade Moderna, o ser humano era estudado e observado como uma ínfima peça de um mecanismo universal. Assim se começaram a diluir as características individuais em regularidades estatísticas e até a substituir o culto de uma admirável expressão linguística por meras fórmulas matemáticas. No entanto, o desenvolvimento de um clube, ou de qualquer outro sistema social, só acontece quando o fator mudança integra e tem lugar relevante na gestão do quotidiano; quando não há receio, para

vitalizar, prestigiar e tornar mais eficazes as instituições, do necessário corte epistemológico, que é rutura e projeto: rutura em relação ao conformismo, ao absentismo, ao diletantismo; e projeto que é reorientação radical da instituição e em que portanto os grandes objetivos não podem deduzir-se do passado, mas da criação, em equipa, de, neste caso, um clube diferente. E, ainda aqui, poderíamos falar de transcendência – porque, para grandes transformações, a escolha não é entre dados, mas entre possíveis.

2. Saudade do Barcelona, de Artur Jorge e de José Mourinho

Quando, em plena década de 60 do século passado, o paradigma clássico dominava o conhecimento das pessoas e das coisas, parecia certo e seguro que uma ordem causal e mecânica explicava o funcionamento dos homens (e das mulheres), das sociedades, do universo. E, porque mecânica e causal, tanto mais exata quanto mais quantificada e medida e matematizada e considerando inútil, ou erro de monta, o estudo da desordem e do caos, na observação de uma organização qualquer. «As ideias claras e distintas» de Descartes ressoavam no paradigma clássico. E também certezas, análises, determinismo e disjunção (é preciso separar, para conhecer). Naqueles longínquos anos, a lógica de um jogo de futebol eliminava as relações entre os elementos de um todo, a estrutura interna de uma totalidade, dispensava o pensamento que relaciona, o pensamento complexo. Se amealhasse as frases mais sérias dos treinadores de futebol, entre elas lá encontraria: «Para já, ainda nos encontramos a treinar a defesa. Sofremos muitos golos. Só mais tarde poderemos ocupar-nos do ataque». Como se o ataque e a defesa não integrassem a mesma totalidade, a mesma complexidade. Outros, julgando-se mais informados, mais atualizados, afirmavam convictamente: «O futebolista é um atleta. Sem qualidades físicas, não é possível praticar um desporto de alto nível. A preparação física está antes e acima de qualquer treino técnico e tático». No nosso país, os mais respeitados mestres do treino daquele tempo escreviam e repetiam (o David Monge da Silva, para mim o pioneiro do treino desportivo hodierno, no nosso país, ainda frequentava a licenciatura em Educação Física e Desporto, no INEF): «É no âmbito da fisiologia aplicada, fisiologia do trabalho muscular e fisiologia do exercício que a metodologia do treino

desportivo tem a sua fundamentação científica». Descartes (1596-1650), se vivo fosse, diria o mesmo...

Foi nas equipas de José Mourinho, no FC Porto de Artur Jorge e no Barça de Pep Guardiola, que melhor senti que o gesto desportivo, para ser eficaz, não poderia reduzir-se aos seus aspetos biológico e mecânico. Como se sabe, a visão weberiana da ciência integra-se num longo e conflituante processo de «desencantamento do mundo». Segundo Max Weber (2017, 2), a ciência, hoje, «varre da realidade cósmica e humana todo o halo sagrado, místico e mágico, recorrendo ao cálculo matemático, à pesquisa, aos pressupostos e aos imperativos da lógica». O treino desportivo foi assim «coisificado» e «objetivizado», através de metodologias que quantificam e mensuram e dando ao desprezo as metodologias qualitativas, esquecendo (e asfixiando) portanto a complexidade do real, a complexidade do social e humano. Poderia dobar, aqui, imagens sobre imagens, acerca dos treinos de futebol do Belenenses a que assisti, no Estádio das Salésias e no Estádio do Restelo, e onde ação e interação, relação e inter-relação, função e funcionamento se consideravam como elementos do treino que mutuamente se excluíam. O estabelecimento de fronteiras disciplinares justifica-se inteiramente, desde que o jogador não deixe de estudar-se como uma totalidade (ou seja, ele e a sua circunstância) e se torne visível, sem margem para discussões, que o treino é de futebol e não de atletismo, ou de ginástica. Mas uma totalidade humana, onde o físico, o biológico e o antropossociológico dialeticamente se relacionem, sejam portanto interdependentes, num todo homogéneo e unitário. Não arredo os olhos de uma célebre frase de Menotti: «O mais importante num futebolista não é a preparação física, mas que aprenda a jogar futebol». E remato com as próprias palavras deste argentino: «Nadie juega mejor el fútbol porque sea mejor físicamente».

O dualismo cartesiano perpetua-se ainda num «estilo de jogo» que obriga o jogador a renunciar à sua singularidade, à sua originalidade, à sua criatividade. Há, quase sempre, no jogador profissional, motivado pelo ambiente que o rodeia, uma fome de vitória, um instinto competitivo imparável, a velas pandas, sem porto de ancoragem. O treinador e os seus adjuntos aparecem, demasiadas vezes, como uma oligarquia do saber, de incoercível, indiscutível lucidez e fazendo dos jogadores simples reflexos, meros repetidores e espectadores das suas convicções, onde há pouco estudo e pouco respeito pelo que os jogadores têm e são. Ora, repito-me: *não há jogos, há pessoas que*

jogam. Que o mesmo é dizer: é o jogador o principal protagonista de um jogo de futebol. Alguns treinadores, no entanto, com invulgar empenho autopromocional, não deixam de revelar as suas ideias como descobertas insuspeitadas, esquecendo as suas principais funções na equipa: ajudar o jogador a ser o que pode ser; ajudar o jogador a sentir-se o principal responsável pelo resultado final do jogo. Jorge Araújo, um treinador de basquetebol de talento ímpar, numa das suas múltiplas viagens aos Estados Unidos da América, estranhou que um seu colega norte-americano utilizasse um método de treino, «a bola no nariz» e, por isso, o questionou: «Que é isso de atirar bolas ao nariz dos jogadores?». Lévido, o treinador norte-americano respondeu-lhe: «No final da época passada, no jogo que decidia quem seria campeão, a quatro segundos do final, com posse de bola e a ganhar por um ponto, um jogador da nossa equipa, enquanto trocávamos passes esperando que o jogo acabasse, levou com a bola no nariz. Em vez de assegurar primeiro a posse da bola, deixou escapar a bola que, de imediato, foi agarrada por um adversário, que aproveitou para fazer um cesto, derrotando-nos numa situação que não deveria ter acontecido. A partir desse momento, decidi criar este exercício, treinando assim os nossos jogadores para este tipo de situação. Poderei perder campeonatos por muitas outras razões, mas asseguro-te que dificilmente será por um jogador da nossa equipa levar com uma bola no nariz» (Araújo 2014, 15-16).

Trabalhei durante 13 meses no departamento de futebol profissional do SL Benfica sob a orientação do *mister* Jorge Jesus e depressa cheguei à conclusão de que o futebol deveria pensar-se de forma diferente. Sintetizo as conclusões a que cheguei e podem contribuir, na modéstia do que sou e tenho, para a elaboração de uma epistemologia do treino desportivo:

- a. O «Erro de Descartes», visível na separação irreduzível, entre as ciências naturais e as ciências humanas. O especialista, o hiperespecialista e a pulverização do saber;
- b. A multidimensionalidade do ser humano (e das coisas) e portanto a importância das relações, das ligações, das associações;
- c. O método da complexidade, onde tudo tem a ver com tudo e portanto se opõe à separação ordem-desordem, sujeito-objeto, corpo-alma, homem-mulher, rico-pobre, senhor-servo, ciências naturais-ciências humanas. Gaston Bachelard avisava: «Não existe o simples, existe o simplificado»;

- d. É pelo paradigma que se visiona o método. O futebol, como motricidade humana, como movimento intencional da transcendência do ser humano, tem necessariamente um método: o da complexidade. E portanto no futebol (como em qualquer outra modalidade desportiva), porque sujeito à imprevisibilidade, à liberdade do jogador, não há leis, mas «constantes tendenciais»;
- e. O paradigma cartesiano e o paradigma emergente. A fragmentação dos elementos de um todo, de um sistema, significa não só a sua separação como a perda, nos elementos, das suas propriedades. Um extraordinário jogador, sem os seus colegas de equipa, perde grande parte das suas invulgares qualidades. Messi é explícito, em entrevista ao *El Mundo Deportivo*: «Foi a equipa que me fez bom jogador»;
- f. Não esqueço o que José Maria Pedrito me ensinava: «Diz-me como atacas, dir-te-ei como defendes; diz-me como defendes, dir-te-ei como atacas». Segundo o pensamento complexo, tudo é sistema, se funcionar como totalidade organizada;
- g. As «constantes tendenciais» do mundo humano são bem distintas da lógica das táticas e de muitas das ordens idealizadas pelo treinador. Por isso, o treinador deve saber questionar e... questionar-se!
- h. Uma equipa personaliza-se quando a constituem sujeitos livres e libertadores e solidários e não sujeitos repetidores e normalizados e egocêntricos;
- i. É pela comunicação, designadamente pela linguagem, que se descobre a intersubjetividade e que todos somos parte de um todo. Iniesta é um «homem», segundo declaram aqueles que o acompanham, na mais exata e generosa aceção do termo. Afirmava-se, quando representava o Barça, que ele tinha o jogo do seu clube nas veias. De facto, o todo deve brilhar, em cada uma das partes;
- j. Nada menos fiável do que uma «verdade» que não se transforma, que não muda... à luz de determinados princípios, de valores de incontroverso significado humanista!

Nas equipas de José Mourinho, de Artur Jorge e no Barcelona de Pep Guardiola, que beneficiava da colaboração, entre outros de talento ímpar, de Messi, Iniesta e Xavi, eram evidentes estes princípios. E certamente outros que não distingo dos baixios dos meus limites. Se não laboro em erro, o Barça de Guardiola e o Porto de José Mourinho e de Artur Jorge e o Inter de Mourinho

mereceram dos mais exigentes críticos os mais sentidos aplausos. Numa equipa de futebol, a originalidade deverá significar a existência de uma teoria fundante. O paradigma da complexidade parece-me, hoje, a teoria fundante mais adequada ao futebol em que vivemos, com o princípio sistémico ou organizacional, pois que a organização faz nascer, em cada um dos jogadores, novas qualidades; o princípio hologramático, que o mesmo é dizer: as partes estão no todo e o todo está nas partes; o princípio recursivo, «que nos permite reconhecer os processos, onde os produtos e os efeitos são necessários à sua produção e à sua causação» (Edgar Morin); o princípio dialógico, «que permite reconhecer os fenómenos onde é preciso ligar termos antagónicos, ou mesmo contraditórios, para apreender a sua realidade» (Edgar Morin); um sistema é organizacionalmente fechado mas aberto, ao nível da informação, e portanto um treinador deverá ser fiel aos grandes objetivos do clube que serve e procurar, sem cansaço, uma informação rigorosa e constante; o determinismo e o indeterminismo coexistem, ou seja, na complexidade, lógicas de tipos diversos dialogam e complementam-se. Porque venho escrevendo, há muitos anos, que «a prática é mais importante do que a teoria e a teoria só tem valor se for a teoria de uma determinada prática», mais vale quem aprende fazendo do que aquele que aprende memorizando. E em termos lapidares dou por findo o meu artigo de hoje.

3. José Maria Pedroto: saudades do futuro

O treinador de futebol José Maria Pedroto foi, se bem penso, um magnífico explorador e anunciador de um futebol novo, onde as ideias de crise e de re-fundação se entrelaçavam. Como fui, um dia (de maio de 1979) convidado por ele a um periódico convívio intelectual, digamos mesmo a um certo trabalho interdisciplinar donde resultasse uma síntese do saber de nós ambos, julgo poder traçar um pequenino retrato daquele que foi para mim um profissional de invulgar inteligência que trabalhou no futebol português. A ideia que logo pude colher do meu primeiro encontro com o Mestre Pedroto foi esta: era um homem que sabia que não sabia, como já o referi no meu livro *Crítica da Razão Desportiva* (Sérgio 2012). De facto, só um homem de coração magnânimo, de apurada sensibilidade, com a humildade dos sábios, com o raro prazer de admirar, podia aproximar-se de mim, que de conhecimento do futebol tenho

uma pequenina amostra sem valor, para enriquecer o seu vasto saber acerca do «desporto-rei». Em ambiente de respeitosa estima decorreram as nossas conversas (a maioria das vezes, no Porto, na Confeitaria Petúlia e, uma ou outra vez, no hotel onde a equipa de futebol estagiava), nas quais o Mestre Pedroto sempre mostrou verdadeiro interesse pelas minhas modestas teorizações. Nas aulas que lecionei durante 46 anos (30 no ensino público; 14 no ensino privado; e dois anos na Universidade Estadual de Campinas, no Brasil) dizia com frequência aos meus alunos: quem só teoriza não sabe, mas quem só pratica repete. Que podia eu ensinar, portanto, de futebol, a José Maria Pedroto, se nunca joguei futebol federado, quero eu dizer: se nunca pratiquei um futebol com o mínimo de seriedade exigível a um verdadeiro conhecimento científico? Utilizando a expressiva frase de Ibsen: «O homem forte é o homem só»; trata-se de uma frase literariamente bonita, mas que não chega para integrar uma «comunidade científica», pois que é de uma «comunidade científica» que a ciência, hoje, nasce...

Tenho a certeza de que José Maria Pedroto foi um dos «agentes do futebol», em Portugal, que mais soube percecionar o atraso do nosso futebol daqueles tempos de semiamadorismo e de quase nula reflexão epistemológica e científica. No meu livrinho *Algumas Teses sobre o Desporto*, escrevi: «A técnica é desporto, mas o desporto não é técnica tão-só. O desporto é, acima de tudo, um processo de criação cultural, pois que se trata de uma concreta formação histórica, situada no tempo e no espaço. E, portanto, é ciência também. Mas a ciência é, em primeiro do mais, uma questão de método. Tanto as ciências como o senso comum, procuram, com diligência, mais conhecimento, ou melhor: outro conhecimento. São diferentes os métodos, porém. E a humildade! Na declaração linear e retilínea de Sócrates, o sábio sabe que pouco sabe. Por isso, o conhecimento científico gira em torno de *pretensões de validade* e não de *verdades* e só por graça ou sarcasmo se fala de *teoria oficial*. As teorias não se defendem, nem acirradamente, nem com fria impassibilidade. Provam-se! Ora, é possível provar que o desporto radica na motricidade humana, ao mesmo tempo que é impossível dizer-se que a motricidade humana se fundamenta no desporto» (Sérgio 1999, 25). Repito o que atrás escrevi: «O desporto é, acima de tudo, um processo de criação cultural». A cultura, segundo Eduardo Lourenço «somos nós próprios, a cultura é o homem em si mesmo, a cultura é a consciência que nós temos, cada um de nós tem do mundo que o rodeia, é a maneira como, digamos, guardamos dele

sinais que podem ser transmitidos de seguida a outras gerações. E a cultura é nós mesmos como sujeitos, como expressão da vida consciente de si próprio que é o Homem» (AAVV 2016, 17).

Cito agora Miguel Real (2017, 46), filósofo de informação exaustiva e de invulgar destreza de raciocínio: «para que a cultura portuguesa conte, no palco europeu, tornava-se necessário ultrapassar o folclorismo e o exotismo dos nossos costumes e elevar os nossos olhos culturais a um nível universal, entendível por todos os povos. Para tal, uma absoluta condição é necessária – o diálogo com a Europa, esse diálogo que a nós e à Espanha vem faltando, desde a instauração da Inquisição, na primeira metade do século XVI». Ainda em muitos círculos letrados dos princípios do século XX se consideravam os célebres escritores da Geração de 70 (figuras incontornáveis da nossa história literária) «como um grupo de estrangeirados cuja obra corrompera a tradição lírica e tradicional da cultura portuguesa [...]. Referiam-se sobretudo a Eça de Queirós, que acusavam de importador da cultura francesa, a Antero de Quental, cujos sonetos tinham destruído na poesia os valores absolutos de Deus, do Bem, da Verdade, da Beleza, do Amor, e de Oliveira Martins, culpado de um profundo pessimismo que atravessava a sua interpretação organicista e da história pátria» (2017, 46). Com o fôlego soprado pelas ideologias mais reacionárias, todos os que disfarçavam, com a retórica clássica, a sua pobreza de ideias deitavam um olhar rancoroso aos que manifestavam qualquer simpatia pelo racionalismo, pelo cientismo, pelo evolucionismo, pelo socialismo. E, ao mesmo tempo, propunham uma refundação de Portugal, com um retorno acrítico e mítico às fontes originárias da alma portuguesa. Assim viveu Portugal desde 1932 até ao 25 de Abril de 1974. Durante esse período, sob o império do Estado Novo, profissionais insígnies, estudiosos com relâmpagos de mocidade e de talento, como José Maria Pedroto, viam, diante de si, encerrados os portões de um apoio oficial ou privado. Descobriam-se isolados, num país que não os entendia.

José Maria Pedroto, treinador principal da equipa de futebol do FC Porto, faleceu novo, muito novo, aos 56 anos de idade. Estou certo de que, se a morte o não tem levado, em janeiro de 1985 já teria publicado um livro onde revelaria muito do seu conhecimento que, nos anos em que pessoalmente o conheci, enchia o seu departamento de futebol, como um clarão. Aliás, no meu pensar, se vivo fosse, seria um treinador de futebol que poderia ombrear com os melhores treinadores do mundo todo. Nunca ensinei futebol a

ninguém. Diante de um «agente do futebol» não me considero um professor, mas um aluno. De facto, que poderia eu ensinar a José Maria Pedroto, a Artur Jorge, Fernando Vaz, José Mourinho (ainda os seus cabelos não tinham embranquecido e já tinha atingido um prestígio que me deslumbrou) e a Jorge Jesus e a muitos jovens que há pouco se iniciaram nesta profissão? Mas, ainda na década de 70 do século passado, querer acompanhar-me numa genérica reflexão sobre Descartes, de modo a compreender o dualismo antropológico presente no treino desportivo daqueles anos já distantes; entender, sem grande esforço, que era no âmbito das ciências humanas que o desporto poderia encontrar o paradigma que o poderia fundamentar; e entender ainda, também sem grande esforço, que às disciplinas básicas de teor biológico, nos cursos de treinadores, deveriam juntar-se, com o rigor possível, outras disciplinas básicas de teor cultural – estou certo que até nesta área ele foi um pioneiro. Falei, telefonicamente, com Rodolfo Reis, o «capitão dos capitães» do FC Porto: «Quem foi para mim o Mestre Pedroto? No futebol, não foi um mestre, foi o mestre!». E, esclarecido, acrescentou: «E um mestre no futebol, porque era um Mestre na vida». Um homem, de facto, de permanentes saudades do futuro, porque o futuro era o seu mundo. Se continuasse fisicamente entre nós, não duvido de que a sua figura ressaltaria nítida, afirmativa, refulgente, no futebol português e... no futebol internacional! E sempre com saudades do futuro...

4. Jorge Araújo: a paixão do saber

Jorge Araújo, antigo treinador e jogador de basquetebol, com 75 anos de idade, é um caso singularíssimo no desporto nacional: porque, principalmente como treinador, acumulou vitórias sobre vitórias, nas competições em que participou; porque estudou, com diligência e rigor, o mundo da alta competição desportiva; porque evidenciou tamanhas qualidades de liderança, na condução das suas equipas, que são muitos os empresários e gestores que o procuram, em penhorantes termos, na ânsia de aplicar, no seu dia-a-dia, os métodos de Jorge Araújo como treinador desportivo; porque, para entender o que tem feito, decidiu passar da prática desportiva (mas fundamentado nela) a uma prática epistemológica e filosófica. Enfim, um exemplo eloquente de busca incessante do conhecimento. Por isso lhe escutei o seguinte: «Não se

pode definir a ciência senão como processo. Quer isto dizer que muito do que aprendi está ultrapassado ou agónico». E aduziu, com um sorriso súbito e remoto: «Cientificamente (não humanamente, porque os respeito muito) os meus ídolos do passado pouco me dizem». E, perante o meu espanto, acrescentou: «A epistemologia ensina que, diante da verdade, não podemos ter nem princípios, nem critérios, inquestionáveis. O cientista e o filósofo não têm a verdade, procuram-na. O dogmatismo conduz-nos à esclerose do poder criador». Fez uma pequena pausa e eu adiantei: «O nosso diálogo significa, sobre o mais, o reconhecimento de que os nossos pontos de vista precisam ser superados por uma síntese mais englobante e que portanto qualquer saber deverá conceber-se como um processo em permanente construção». Com a voz nimbada pela emoção, disse ainda o meu interlocutor (que eu, há 50 anos, conheci, pela primeira vez, como jogador de basquetebol do Belenenses): «Éticamente, os meus velhos mestres são exemplos que nunca esquecerei; cientificamente, é evidente que estão, em grande parte, ultrapassados». Autor de uma dezena de livros onde revela um escrúpulo minucioso na fundamentação científica das suas conclusões; presidente, desde 1997, da Team Work Consultores, como especialista que é de Gestão da Mudança, Executive Coaching, Coaching Winning Teams, Leadership and Team Work, Motivação e Superação e ainda Comunicação; professor e promotor de seminários de Liderança e Direção e Trabalho em Equipa; treinador profissional de basquetebol, durante 38 anos, com um currículo recheado de êxitos, designadamente nos 17 anos em que liderou o basquetebol do FC Porto – o Dr. Jorge Araújo, que prepara o doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, é um intelectual com notáveis qualidades de inteligência, informação e cultura, que não permitem identificá-lo tão-só como um «homem do basquetebol», incapaz de uma lúcida panorâmica da ciência e da filosofia atuais. Detenho-me diante do seu livro *A Busca da Excelência*: «Um atleta ou um quadro de empresas de alto rendimento tem de possuir uma preparação correspondente a cerca de oito a dez anos e a 10 000 horas de treino, nesse período de tempo. Uma média de 1000/1200 horas ano, mais ou menos 100/120 horas mês, cerca de 25/30 horas por semana, um mínimo de quatro/cinco horas por dia. Mas, não só! Para além desse volume, impõem-se enormes exigências em termos de intensidade e qualidade respetivas. Não basta o volume da prática, é fundamental a qualidade do trabalho desenvolvido. Sem intensidade elevada, exigência e muito rigor, não há volume de trabalho

que resista. E é sempre desastroso o efeito de repetir sistematicamente uma execução lenta ou incorrecta [...]. Aqueles que fazem a diferença para melhor caracterizam-se pela sua vontade constante de melhorar e pela enorme capacidade para treinar de forma quase obsessiva» (Araújo 2011, 33-34). Embora já tenha deixado a profissão de treinador de basquetebol, não estranho que Jorge Araújo mantenha o mesmo brio, o mesmo pundonor, o comportamento decidido e exigente que o distinguiam quando liderava equipas de alto rendimento. Não me surpreendeu, por isso, que tenha sentido nele aquela volúpia de quem, pelo desporto, fez da transcendência um hábito. Questionei-o: «Porque não tenta um doutoramento, ou em Filosofia, ou no Desporto? É a altura de traduzir em pensamento a sua prática desportiva!». Comunicador hábil e brilhante, respondeu-me, de imediato: «Mais um grande desafio na minha vida!». E, terminante, dando uma imagem viva da coragem: «Que aceito!». Era um dia de sol a pino, ardendo rútilo, no céu lavado de Lisboa. Em Jorge Araújo sentia o pulsar de um sonho que não se materializasse num luxo ou num artifício, mas num documento esclarecedor, da autoria de um prestigiado treinador desportivo, de como é possível fazer do desporto um amplo e comum espaço cultural. E confidenciou-me: «Concordando ou discordando, foram tantas as pessoas que me falaram das suas ideias, que me deitei à leitura de alguns dos seus livros, incluindo a sua tese de doutoramento. E um ponto houve em que, imediatamente, concordei consigo: todo o saber científico é antecedido de um saber não científico, uma pré-ciência, constituído por *obstáculos epistemológicos* que, para serem superados, exigem *ruturas epistemológicas*. De facto, é preciso dizer *não* a muito do que nos ensinaram. A historicidade das ciências diz-nos em que condição as ciências são possíveis – condição que começa com um *não* aos inevitáveis *obstáculos epistemológicos* do passado. E não há, aqui, desrespeito por ninguém, mas a vontade de criar o futuro». Na realidade, o futuro é a decisão de lá estar! Numa abordagem crítica do saber que os treinadores desportivos manifestam, ressalta uma ausência de fundamentação científica, pois o desporto entronca não só na fisiologia ou na biologia, mas também verdadeiramente na complexidade humana. Não há pensamento do desporto fora e independentemente da realidade humana que o faz e que o envolve. Antes da técnica e da tática, do treino e da competição, exige-se um saber que não seja apenas um saber físico-técnico-tático do desporto, mas epistemológico também, como o que se iniciou, no ISEF de Lisboa (no nosso país, evidentemente), nos últimos anos da década de 70. «Que eu,

hoje, considero absolutamente necessário, pois quem conhece uma ciência sabe o método em que ela se concretiza» completou Jorge Araújo. Uma teoria do desporto só alcança o seu pleno sentido quando acompanhada de *ruturas epistemológicas*, visando a construção de um novo saber que, no caso do desporto, não pode ser outro senão o das ciências hermenêutico-humanas. De facto, quem lidera é um homem, são homens os jogadores e os elementos das várias equipas técnicas, os dirigentes são homens e a «circunstância» (Ortega y Gasset) é humana também. Não é por não saberem de futebol (ou de basquetebol, ou de voleibol, ou de andebol, etc., etc.) que muitos treinadores, no exercício da sua profissão, se gastam e se esgotam em insanáveis dúvidas, hesitações e perplexidades, mas porque não se conhecem como pessoas antes de se conhecerem como treinadores, nem intuem, na personalidade dos seus jogadores, o radical fundante dos seus desempenhos como praticantes de uma determinada modalidade. O desporto de alta competição engendra um tal quotidiano competitivo que absorve completamente os seus agentes, reduzindo a sua consciência. Jorge Araújo, com uma invulgar postura crítica e problematizadora, vem combatendo a visão redutora deste desporto como escritor e como filósofo. E é atualmente o caso raríssimo de um grande, grande «agente do desporto» que tem sido sempre, no mais alto grau, modelo e espelho de uma inquestionável paixão do saber. Entretanto, o treinador e atleta de alto rendimento já me confidenciou que o seu orientador já lhe minudou a «boa nova» e espera doutorar-se em Filosofia, em breve, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

5. O futebol e Jorge Semprún

Jorge Semprún (1923-2011), espírito multifacetado e original, mas sempre acessível a qualquer escalão do público, foi escritor de grandes comunicabilidade e autenticidade; foi argumentista escolhido por «homens do cinema» como Alain Resnais, Jean Prat, Yves Montand: e, *finis coronat opus*, um corajoso resistente antifascista e antinazi, militante e dirigente do Partido Comunista de Espanha, na clandestinidade, tendo sido preso pelas tropas de Hitler e deportado para o campo de extermínio de Buchenwald. Após a libertação, precisamente em 1945, desempenhou os mais altos cargos no PC de Espanha. Mas, ao apontar novos caminhos e novos modos de ser comunista, foi

expulso do PC, por dissidências ideológicas, corria o ano de 1960. A partir de então, liberto de trabalhos partidários, entrou de escrever, tanto em castelhano como em francês, principalmente sobre a dura experiência de um campo de concentração nazi e sobre a clandestinidade, na Espanha franquista, com o pseudônimo de Federico Sánchez. Foi ainda ministro da Cultura do Governo de Felipe Gonzalez (1988-1991); argumentista premiado, com um Óscar, em 1970; e o primeiro escritor não francês a ingressar na Academia Goncourt. Não é fácil esboçar o perfil de Jorge Semprún, mas não deixo de referir os inúmeros prêmios com que o distinguiram, pela invulgar sobreposição dos traços intelectuais, morais e políticos que o caracterizavam. Já li deste autor *Vingt Ans et Un Jour* e *A Segunda Morte de Ramon Mercader*. Há poucos dias, findi a leitura do livro, seu também, *A Linguagem É a Minha Pátria*, que reúne uma série de conversas com Franck Appréderis (2013), seu amigo de há muitos anos, e onde Jorge Semprún se revela um empenhado protagonista da história recente do continente europeu. Saliento uma das suas frases: «Tenho mais recordações do que se tivesse 1000 anos».

Mas há uma recordação que ele distingue sobre as mais: «Creio poder dizer que a coisa mais bem conseguida, na minha vida, foi a clandestinidade – ora, a clandestinidade impede as relações de sedução. Completamente. Não nos podemos dar ao luxo de ter uma vida rigorosamente clandestina e de ter múltiplas aventuras sentimentais, é impossível [...]. Talvez tenha sido para compensar essa abstinência que surge, nos meus romances, uma abundância de personagens femininas, de aventuras e de histórias. São todos os sonhos que não concretizei na realidade». O inestimável contributo de intelectuais, como Jorge Semprún, que arriscaram a vida em luta contra o fascismo e o nazismo, para que dessa luta sem quartel surgissem modelos insuperáveis de uma vida mais solidária e mais justa, para todas as pessoas, sem exceção de raça, condição e género, merece o consenso coletivo de um sentido aplauso, de uma intacta gratidão de todos os «homens de boa vontade». A homens como Jorge Semprún, deve-se-lhes o altíssimo exemplo de nos apontarem, com mão firme, o caminho da transcendência (ou superação) e uma inesperada referência ao eterno, pressentida nas formas efémeras do nosso quotidiano. Quando no livro *A Linguagem É a Minha Pátria* relata o convite de Felipe Gonzalez a que aceitasse o Ministério da Cultura, revela as duas razões por que anuiu ao interesse do secretário geral do PSOE: «Porque o Felipe Gonzalez passava a ter ao seu lado um escritor conhecido na Europa e pelo meu passado de

dirigente antifranquista [...]. Na escadaria do Moncloa, o palácio presidencial, à meia-noite, no momento em que eu saía, para regressar ao hotel, disse-me estas frases de que me recordo quase textualmente: Vais ser ministro [...]. Mas um dia hás-de ir em visita a uma longínqua província espanhola inaugurar uma biblioteca, ou presidir a um colóquio, e serás recebido, como ministro, pelo coronel da guarda-civil. Ele pôr-se-á na posição de sentido à tua frente e dirá: Excelência! E compreenderás, nessa altura, por que motivo convidei para o meu governo o Jorge Semprún».

Mas também neste livro desponta a fatal referência ao futebol pela voz de Franck Appréderiz, que realizou, para a televisão e o cinema, cerca de 60 filmes de ficção: «Gostaria que me explicasses como um intelectual como tu, um político puro, se interessou pelo futebol». Mais como testemunho do autêntico do que como mera informação, Semprún respondeu: «O meu interesse pelo futebol, que se tornou uma paixão menor mas real, surgiu por razões que nada têm a ver com o desporto. Foi numa segunda-feira de 1954 ou 1955, numa época em que estava clandestino em Madrid. A televisão ainda não transmitia os jogos, como hoje. Todos os jogos decorriam ao domingo e havia a rádio, evidentemente. Mas, quando não se podia ouvir rádio no domingo, os jornais desportivos dos dias subsequentes davam os resultados. Nessa segunda-feira, estava numa taberna de Madrid, perto da Universidade San Bernabéu, seguramente depois de uma reunião com os estudantes. Mas, entre dois encontros, era preciso «fazer tempo», *hacer tiempo*, como se diz em espanhol, ou seja, passar o tempo, como acontece frequentemente na clandestinidade. Estava ao balcão e o meu vizinho diz-me com uma familiaridade muito madrilena: «Que achou do Di Stéfano, ontem?». Semprún desconhecia quem era o Di Stéfano e pelo futebol não mostrava nem saber, nem interesse. Foi um escândalo entre os circunstantes que passaram a observá-lo com um olhar lateral e suspeito. «Então, disse para comigo [continua Semprún] se queres continuar a sobreviver na clandestinidade, tens de conhecer os nomes dos jogadores, as equipas, os resultados. Comecei a ler a imprensa desportiva». E tanto leu que ancorou, por fim, nos estádios de futebol e ficou um adepto fiel do «desporto-rei».

Mas Frank Appréderis insistia: «Esse nacionalismo exacerbado que se manifesta através do desporto, em particular no futebol, espelha um pouco os nacionalismos que despertam em todo o mundo. Não poderá fazer-se um paralelo com o mundo político?». No estilo de Jorge Semprún, sem nunca

tentar uma *summa* acerca dos assuntos em que tocava, foi esta a resposta: «No que me diz respeito, o que me interessa no desporto são as coisas exteriores ao nacionalismo. Por exemplo, o nome da seleção, *La Roja*, diverte-me e chega a comover-me: a designação vem da cor vermelha do equipamento. E, em Espanha, o vermelho tem uma conotação política que muito me agrada – os vermelhos eram os republicanos e o franquismo passou a vida a denunciá-los. Hoje, *La Roja* é uma glória, e das maiores, de Espanha. Além disso, acho igualmente interessante que haja, na seleção espanhola, catalães, bascos, madrilenos, castelhanos, convivendo fraternalmente e sem problemas. A equipa nacional de Espanha é um dos raros lugares onde persiste um férvido sentimento de unidade nacional». De facto, cada um dos jogos das várias seleções de futebol transforma-se numa narrativa nacional, mas onde só as grandes vitórias e os grandes jogadores se recordam e onde a dor dos vencidos e a pesporrência dos vencedores se escondem. «É bom saber esquecer» dizia Renan, em *Qu'Est ce qu'Une Nation?* escrito em 1882. Por trás do historiador descobre-se sempre, mesmo que avelhentado, o panegirista ou o ideólogo. Há exceções, evidentemente. O que atualmente mais se admira em Fernand Braudel é que a sua história é uma história do Mediterrâneo e não tanto de França. Aliás, o patriotismo é um fato justo no corpo de Sempérn: «Mas o futebol também é a pátria. Nos dias de hoje, um país que ainda mal emergiu, no plano político e internacional, pode existir porque tem uma espetacular equipa de futebol. alcançando deste modo uma forma de reconhecimento mundial».

O tema de que partem Adorno e Horkheimer, na *Dialética do Iluminismo*, radica na tentativa de explicar por que razão a humanidade, em vez de entrar num estádio verdadeiramente humano, se afunda num novo tipo de barbárie. A barbárie a que se referiam Adorno e Horkheimer é indissociável das atrocidades do nazismo, do genocídio dos judeus e da Segunda Guerra Mundial. Atualmente as barbáries são outras, mas... bárbaras também! O que dizer do assassinio do jornalista Khashoggi? E a guerra da Síria, que já conta com mais de 360 000 mortos? E a caravana migratória dos milhares de indocumentados da América Central, que fogem da repressão política, da violência, da fome? E o estudo que mostra, sem margem para dúvidas, que a fortuna dos mais ricos do planeta acelerou, em 2017, enquanto é maior o número de pobres e se alarga o fosso entre os ricos e os pobres? E a tragédia (para o Brasil e para o mundo) da eleição de Jair Bolsonaro? Diante da magnitude

destes problemas; diante das multidões exóticas, compactas e famélicas que procuram uma còdea de pão; diante da visão confusa de crimes crapulosos, de imparável lascívia, de crianças com uma indefinível expressão de sujidade e de tristeza – diante de tudo isto, o futebol parece um paraíso. Mesmo que o Dr. Frederico Varandas, presidente do Sporting C.P., assuma dificuldades ingentes no governo do Sporting. O futebol (vou repetir-me uma vez mais) reproduz e multiplica o que a sociedade é. Façamos uma sociedade diferente, que o futebol será diferente também. E não deixemos de ler e meditar os escritos de autores como Jorge Semprún. Ocorre-me, neste passo, o Mito da Caverna: é que estes homens ensinam o esforço da libertação do conformismo, do absentismo, de um despudorado egocentrismo (a caverna sombria) visando o trânsito de um mundo de sombras para um mundo de nível superior, de céu aberto. E tudo isto, não sendo futebol, tem muito a ver com o futebol. Por esta razão muito simples: não há jogos, há pessoas que jogam! Por outro lado, um conhecimento sem valores para pouco serve e até pode ser prejudicial.

6. Liberalismo e epistemologia (introdução a Karl Popper)

Quando, nos últimos dias de setembro de 1983, visitei o Brasil pela primeira vez, foi a convite do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) que o fiz, como conferencista de um congresso organizado pelo CBCE. Foi este o tema da minha charla: «O racionalismo, na medicina e na educação física». E notei, entre alguns congressistas, uma insopitável antipatia por Karl Popper que, no seu entender, não passava de um «intelectual orgânico», representante emérito do neoliberalismo conservador. Relembrem-me até que ele era o filósofo mais publicitado nas ditaduras militares da América Latina. De uma simpatia irresistível gozavam Karl Marx e a teologia da libertação. E começo por dizer que não sou um «popperiano», nem um liberal, principalmente quando se esquece o imperativo do «bem comum». Só que não basta referir que ele é um liberal para sintetizar a obra de Karl Popper. Na sua *Autobiografia Intelectual* (Popper 2012) ele confessa quão fundamental foi para a sua formação pessoal uma conferência de Einstein a que assistiu, na cidade de Viena: «o que mais me impressionou foi a explícita asserção de Einstein de que consideraria insustentável a sua teoria se ela viesse a falhar em certas provas».

A partir daqui, entrou de elaborar o problema da *demarcação*, propondo que uma teoria só possa considerar-se científica quando enumerar as condições da sua própria rejeição. O critério popperiano de *demarcação*, fundamentado na falsificabilidade, adianta desta forma que todos os procedimentos metodológicos devem ser conduzidos de tal forma que facultem o falseamento das hipóteses. Em tudo o que faço, o que mais vale é a minha capacidade para descobrir os meus próprios erros. Na *Lógica da Pesquisa Científica*, Karl Popper (1998) escreve: «Não sabemos, só podemos conjecturar». No livro *Conjecturas e Refutações* (2003), continua o mesmo tema: «Conjecturas testáveis ou hipóteses são, de qualquer modo, conjecturas ou hipóteses sobre a realidade». Há assim em Popper (e, no meu entender, de modo avisado) o realismo como pressuposto epistemológico: «Racionalidade, linguagem, descrição, argumentos – todos radicam na realidade e dirigem-se a uma audiência real. Tudo isto pressupõe realismo».

Mas o realismo de Popper não nos conduz a uma concepção instrumental da teoria, pois que o seu modelo de racionalidade configura a ciência como manifestação autêntica de autonomia e liberdade do pensamento. O racionalismo, neste filósofo, não se confunde com nenhum tipo de platonismo, dado que tem a ver com uma atitude de apresentar e discutir argumentos e simultaneamente aprender com a experiência. Realismo e racionalismo não são conceitos opostos. Daí o não conclusivo de Popper ao determinismo, tanto ao nível das ciências hermenêutico-humanas, como ao nível das ciências da natureza. O historicismo, por exemplo, a mania de interpretar a história, usando e abusando do determinismo – di-lo claramente em *A Sociedade Aberta e os Seus Inimigos* (2012) – é «a doutrina que ensina ser a história controlada por leis específicas cujo descobrimento nos levaria a profetizar o destino do Homem». Como poderia o determinismo integrar a filosofia popperiana, se é a *falsificabilidade*, e não a *verdade*, a trave mestra de qualquer conhecimento científico? A concepção de *Sociedade Aberta* implica necessariamente o *dualismo crítico*, ou seja, a distinção inequívoca entre *natureza* e *convenção*. Vejamos as suas certas observações: «o *dualismo crítico* apenas assevera que normas e leis normativas podem ser feitas e alteradas e, mais especialmente, por uma decisão ou convenção, no sentido de mantê-las ou alterá-las, sendo portanto o Homem moralmente responsável por elas». Popper não aceita que o caráter convencional das regras que defende seja uma forma de relativismo ético. Nem sempre a criação humana descamba na arbitrariedade. A matemática é

um bom exemplo. No livro acima citado, pode ler-se: «o Homem criou mundos novos, referentes à linguagem, à música, à poesia, à ciência e o mais importante de todos eles é o mundo das exigências morais, visando a igualdade, a liberdade e a solidariedade». O dualismo crítico, ao distinguir a *natureza* da *convenção*, permite a adoção de imperativos morais do tipo kantiano, podendo cada qual erguer a sua moralidade sobre a solidez de um *a priori* inconcusso: o seu imperativo categórico, ou a sua autonomia absoluta! Aliás, a síntese individualismo-altruismo constitui a base da nossa civilização ocidental. É o núcleo de toda a mensagem judaico-cristã («ama o teu próximo», dizem as Escrituras, e não «ama a tua tribo») «e, por isso, das várias escolas éticas que emergiram da nossa civilização e a estimularam». Numa ordenação das prioridades políticas, a Popper interessa mais como se deve governar do que quem deve governar. Platão, no ambiente remansoso da academia, advogava que quem deveria governar era o rei-filósofo. Popper, talvez porque o espetáculo da ganância e da emulação sem nobreza, não o encontramos num só partido, elabora um projeto político que se articula em três frentes: eliminação dos privilégios (entre cidadãos, há iguais direitos e deveres); o primado da pessoa humana sobre um coletivismo indiferenciador; concepção do Estado apresentando, como função básica, a defesa das liberdades e da segurança dos cidadãos. Na *Sociedade Aberta*, tendo em conta o *dualismo crítico*, são convencionais os seus objetivos. No curso nebuloso da política, há tendência para sobrestimar a ideia de que o contexto sócio-histórico, no qual nos inserimos, determina o conteúdo dos nossos juízos. Popper rejeita a redução de *normas* a *factos* e é um kantiano, na medida em que faz da razão subjetivada o motor da história. Mas sublinha que, em democracia, mais do que a eleição de governantes admiráveis, importa a construção de um sistema que possibilite a sua substituição, desde que eles, no exercício do poder, se mostrem impreparados ou ineficazes. Vale a pena escutá-lo, no discurso que veio fazer a Lisboa, a 7 de outubro de 1987, a convite do Dr. Mário Soares: «Todas estas dificuldades teóricas desaparecem, se se puser de lado a velha questão, *quem deve governar*, substituindo-a por um novo problema de ordem prática: *qual a melhor maneira de evitar situações em que o mau governante cause demasiados danos?* (*Balanço do Século*, Ciclo de Conferências, promovido pelo Presidente da República, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1990). Só em democracia tal pode suceder, já que, nos regimes tirânicos, a transformação institucional do poder é praticamente impossível. Também só

em democracia não se verifica qualquer limitação no pluralismo ideológico e partidário, visto que não cabe ao Estado papel determinante na formação da consciência moral dos cidadãos.

Mas Popper (2012) permanece sempre liberal, ou seja, considera a liberdade como o valor fundante dos demais valores, dado que é ele a viabilizar a construção de todos os outros. A este respeito Popper não tergiversa: «a liberdade é mais importante do que a igualdade [...] pois que, se a perdemos, a igualdade não pode implantar-se entre os não-livres». Ao contrário de Platão, que vê na educação um dos pontos basilares do seu sistema; ao invés de Marx, que saúda, no Estado socialista, o espaço terrestre onde a felicidade acontece, Popper não reconhece ao Estado qualquer função formativa. Não cabe ao Estado formar a consciência dos cidadãos, pois que lhes roubaria, inevitavelmente, as capacidades críticas. Igualmente não é função do Estado criar a felicidade sobre a Terra, já que tal poder torná-lo-ia capaz de legislar acerca do *bem* e do *mal*. Ele poderia fazer sua célebre afirmação de Lorde Acton: «Se todo o poder corrompe, todo o poder absoluto corrompe absolutamente». A *Sociedade Aberta* admite o poder, desde que ele radique na alternância institucional, excluindo apenas a mudança que ponha em cheque a tolerância e a liberdade. No liberalismo de Popper, está presente a sua epistemologia: é preciso indagar em profundidade os nossos próprios erros, para fazer ciência ou... política! O «reino cadaveroso» do nosso Ribeiro Sanches (expressão de que, no século xx, António Sérgio faria largo uso) principia onde acabam a crítica e a autocritica, a tolerância e a liberdade. Políticos e politólogos de vários quadrantes podem apregoar a invulgaridade dos méritos de Popper. Mas só a livre inquietação poderá fertilizar o seu legado. Já Ortega y Gasset considerava que o *theoretikos bios* dos gregos equivalia à *vita contemplativa* dos romanos e ao «ensimesmamento» peninsular. Mas, se como refere também Pierre Bourdieu, n' *O Poder Simbólico*, «uma prática científica que se esquece de se pôr a si mesma em causa não sabe o que faz», teóricos como Karl Popper fixam a criatividade e o rigor científicos, no âmbito vasto e complexo e tumultuante da prática. Carl Schmidt (1988, 68) assinala que «todos os conceitos fecundos da teoria moderna do Estado são conceitos teológicos secularizados. Karl Popper des-sacraliza o político porque a liberdade é mesmo des-sacralizadora.

Mas a liberdade decorre em sociedade, isto é, dentro de um sistema, com a sua lógica específica. Só que a lógica em que Popper se fundamenta tem

sempre um caráter hipotético e conjectural. Em qualquer sistema, a inércia e a rotina tendem a sedimentar-se. «Situações há em que a sociedade não faz mais do que reproduzir-se, isto é, perpetuar as suas formas de relação social, os comportamentos e os modelos culturais que nela vigoram. É, então, a lógica da reprodução que predomina (Fernandes 1985, 93). Popper (2003), todavia, não deixa de terçar armas pelo racionalismo crítico, que o leva a concluir que «a irrefutabilidade não é uma virtude, como frequentemente se pensa, mas um vício». Daí que o impulso das aspirações individuais nem sempre se coadune com a rigidez das fronteiras, onde os sistemas se entrincheiram. A opção pelo racionalismo crítico é, para Popper, uma decisão moral, porque está nele implícita uma atitude de tolerância e de igualdade, ao admitir-se que o nosso adversário possa estar mais próximo da verdade do que nós e, assim, respeitando-o como nosso igual [o cardeal Ratzinger (2005) diz o mesmo, no seu livro *A Igreja e a Nova Europa*]; o direito não é mero arbítrio, mas o reconhecimento de que é preciso conciliar a igualdade essencial com as desigualdades funcionais. Mas o direito, em Popper, desenvolve-se em regime de democracia burguesa e, como tal, num espaço em que o povo parece (e digo «parece», porque nem sempre «é») agente da sua própria história, ao pretender atenuar o caráter agressivo e discriminatório de todas as hierarquias e dos mais teimosos tradicionalismos. Na democracia que Popper defende, o direito assume um papel pedagógico porque, nela, a organização repousa sobre uma desigualdade funcionalmente justificada e socialmente discutida. Popper acredita na razão, porque a sabe também militante: a razão, de facto, não cessa de lutar contra o erro (na ciência e na política), publicitado como triunfante. Dizia Rudyard Kipling que «só há duas maneiras de governar: partir as cabeças, ou contá-las», o que nos obriga a acrescentar que é preciso optar pela democracia, ou pela ditadura. Com Karl Popper, o cidadão eleva-se da singularidade, da individualidade à universalidade da razão. Já não quer tão-só o seu bem, mas deve querer, acima do mais, o bem comum. Nem sempre assim acontece. Não é por se mudar a ideologia que todos os discursos passam a ser legítimos. Mas continua a ser verdade que é em democracia que melhor se vive a liberdade. Uma questão deixo em suspenso: dar-se-á o mesmo nas «democracias iliberais» que por aí já se anunciam?

7. O padre Manuel Antunes, um especialista em humanidade

Trabalhador-estudante que era, com muita dificuldade obtinha licença do meu chefe, nos Armazéns do Arsenal do Alfeite, para frequentar as aulas do meu currículo universitário na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Mas ele, por fim, em quem vicejava uma certa simpatia pela minha vontade de estudar, decidiu conceder-me dois dias por mês para escutar as lições dos meus professores. Pouco tempo passado de pôr pé nas aulas, pela primeira vez, e de ponderar as opiniões dos meus colegas de curso, sem descer a mais pormenores posso adiantar que, rapidamente, comecei a aplaudir o padre Manuel Antunes no pódio dos meus ídolos e a ler atentamente as obras zenitais que nos aconselhava. De Gaston Bachelard, de Emmanuel Mounier, de Pierre Teilhard de Chardin (três autores que, depois, citaria, com alguma frequência), foi nas aulas do padre Manuel Antunes que principiei a folhear obras admiráveis que sobrepujam alguns «pós-modernos» e diante das quais não passo sem uma vénia e uma releitura. Mas é como «especialista em humanidade» (a expressão é de Manuel Antunes) que, hoje, o quero distinguir. José Eduardo Franco e Luís Machado de Abreu, em prefácio ao livro *Compreender o Mundo e Atualizar a Igreja. Grandes Textos do Padre Manuel Antunes*, SJ chegam-nos com novas interpretações, novos alvitre: «Especialistas em humanidade são os que, por amor da justiça e da paz apontam, pelo exemplo e pela palavra, o caminho do bem comum, da solidariedade e da dignidade da pessoa. São os homens sábios que mobilizam os recursos do conhecimento e da experiência em projetos de humanização das instituições e das comunidades, não em campanhas destinadas a conquistar poder económico, social e político. Especialistas em humanidade são os novos profetas, generosos intérpretes da voz da consciência universal, que habita no íntimo mais puro e genuíno das consciências individuais» (Franco e Abreu 2018, 26).

Neste dealbar do ano de 2019, se me solicitassem os meus votos para o desporto português, resumia-os a um só: que o nosso desporto se desentranhe em valores que deem sentido à vida e não só em técnicas e táticas que ajudem as pessoas a movimentar-se nela! Um dos aspetos mais originais da análise que Viktor Frankl faz ao nosso tempo é a identificação da patologia que ele denomina «vazio existencial» e que assim define: «a experiência da falta total ou a perda daquele sentido último da própria existência, que lhe pode

justificar o valor». Numa conferência, que ficou célebre, intitulada *A Neurose Coletiva do Tempo Presente*, Frankl aponta os sintomas desta quase patologia: não há uma essência supra-histórica do Homem e da Vida; há, por isso, uma resignação fatalista diante das imposições dos determinismos biológicos e culturais; cega submissão aos caprichos da moda e da comunicação social; uma devoção religiosa a novos deuses, precisamente na altura em que «altas especulações filosóficas» continuam a repetir o nietzscheano «Deus morreu»; e, por fim, procura insaciável do *ter* e absoluto desprezo do *ser*. Vale a pena voltarmos a Manuel Antunes: «Ter, sobra. Sobra ao santo como ao sábio, ao herói como ao filósofo. Quando o são de verdade. Sobra também àqueles que, pela atitude anímica ou pela conduta moral, de perto ou de longe, se lhes tornam comparáveis. Sobra, pelo menos, em certa medida. Medida difícil de determinar, uma vez garantido o mínimo necessário à subsistência e ao trabalho. Sim, mesmo no campo da criação cultural, a pobreza é necessária. A pobreza, ou melhor, um real espírito de pobreza. A riqueza, em vez de constituir um estímulo, um incentivo ou um autêntico valor de promoção, pode converter-se em obstáculo, por vezes intransponível. Historicamente, sabe-se que não poucas invenções e descobertas, não poucas ideias novas e realmente fecundas, não poucas formas de arte e de vida, que têm feito a admiração dos séculos, foram realizadas na pobreza, num certo clima de desnudez, de disponibilidade e de abertura» (Franco e Abreu 2018, 122-123).

O especialista em humanidade, como eu digo que devem ser os professores, os treinadores, os estudiosos das diversas áreas da motricidade humana – o especialista em humanidade, para observar, transmitir e praticar interdisciplinaridade; para situar a motricidade humana noutras formas do saber, tentando revitalizá-las e revitalizar-se, é como «pobre de espírito» que o pode fazer. O «rico de espírito» julga que o poder inelutável do destino o sentou, *per omnia saecula saeculorum*, longe da falta de rigor e de verdade das *fake news*; e do discurso político que manipula a informação, para consolidar o poder; e do processo avassalador das «redes» que potenciam os interesses de quem mais dinheiro tem. De facto, o «rico de espírito» não parece sofrer, nem de medo, nem de incertezas, nem de insegurança, porque ele, assim o diz, raramente tem dúvidas e raramente se engana. Não precisa do bergsonian «suplemento de alma» porque da sua tranquilidade morna, que o adormece, ele esquece que as suas convicções lhe provocam uma obnubilação, uma escuridão, uma sombra que o convertem num permanente iludido, num invisual

incapaz de situar-se com radicalidade diante de todas as questões, diante de todos os valores, diante daquela intuição originária que se desenvolve na prática da solidariedade e do estudo e se robustece na heterodoxia e que afinal lhe confidencia a sua missão e o seu destino. O «pobre de espírito» compreende a complexidade humana; sabe que, na melhor das intenções, pode enganar e enganar-se; sabe que as ciências não podem excluir o convívio com as humanidades, como as humanidades não podem excluir o convívio com a tecnociência; sabe ainda que o religioso é constitutivo do humano. Embora viva em adeus e em viagem, como cantava o nosso José Régio, o ser humano, vivendo, hoje, num mundo dessacralizado, é um peregrino do Absoluto – um Absoluto que se impõe como postulado inalienável da existência humana. A minha fragilidade, a minha debilidade, a minha contingência deixam-me febrilmente agitado, inquieto, à procura da Verdade e da Paz e da Justiça e do Bem absolutos.

Renan, com frêmitos de emoção, lutou pela organização científica da humanidade, fundado na falsa certeza de que razão e fé não poderiam conviver. Mas o cientismo durou o tempo das rosas. E continuam atuais as palavras de Manuel Antunes: «Só aqueles que compreenderam e de algum modo experimentaram que nada de humano lhes é estranho, só aqueles que decidiram dizer sim, inserindo-se no movimento de um mundo que sobe, estarão como que conaturalmente em estado de testemunhar, com autenticidade, de outros valores que excedem esse mesmo mundo». E são esses que «cultivando a ciência e a técnica, [...] contribuirão para criar as condições em que a humanidade possa subsistir, apesar de muito mais numerosa, com mais justiça e mais liberdade» (Franco e Abreu 2018, 192). É verdade que a ciência nasceu e se impôs à consideração e ao respeito de todos, manifestando declarada oposição às crenças religiosas e a alguns mitos, de fundo comum com a metafísica; confundindo religião com obscurantismo, com desrazão, com mentira organizada. Gilles Lipovetsky proclama, com ênfase, nos seus livros que «o século XXI será ético, ou não será». Ao longo dos séculos que precederam a «Revolução Industrial» a ética nascia da religião: «Roma locuta, causa finita» traduzindo: «sempre que Roma fala, acabaram-se as dúvidas». Depois, o apotegma passou a ser outro: «Scientia locuta, causa finita»; traduzindo: «Sempre que a ciência fala, acabaram-se as dúvidas». Mas há um princípio aristotélico que diz: «Tudo o que é recebido, é recebido segundo o modo de ser do recetor». E o fundamento inconcusso da ética continuará a ser, para

uns a ciência, para outros a religião. Sou em crer que é, com uma ciência com religião e uma religião com ciência, que o Homem poderá recomeçar, porque, na banalidade estandardizada da sociedade do espetáculo, o ser humano será razão tão-só? Ele é bem mais do que razão – ele é também uma razão antiga, ampliada e rejuvenescida, a que se chama fé. E termino com o padre Manuel Antunes, que nasceu, há 100 anos, na Sertã e deixa nome indelével na história da nossa cultura: «Neste mundo, que cada vez mais se exterioriza, tem de haver um contrapeso de interioridade para o equilibrar» (*Do Espírito e do Tempo*, p. 203)⁴. Eu chamo-lhe fé. Por razões familiares?... Para mim, «por imperativo de compreensão».

8. Teilhard de Chardin: a ciência, a filosofia, a teologia

O padre Teilhard de Chardin, que uma oligarquia da mediocridade conseguiu expulsar da vida universitária na Europa (Teilhard de Chardin faleceu, no dia de Páscoa de 1955, em Nova Iorque), é um dos que, hoje, mais se destaca entre os autores que me aproximam, com inesperada pujança crítica, do cristianismo. Nasceu, a 1 de maio de 1881, em Puy-de-Dôme (França) e, aos 18 anos, já na Companhia de Jesus, decidiu especializar-se em Biologia e Paleontologia. Cumprido o serviço militar, durante a Primeira Grande Guerra, onde deu provas de extraordinárias laboriosidade e coragem, defendeu a sua tese de doutoramento em Biologia, sendo nomeado, de imediato, professor de Biologia no Instituto Católico de Paris. As suas aulas eram de tamanha erudição e de tão ampla visão prospetiva que alunos e meros ouvintes as ouviam com interesse, as discutiam com prazer e as analisavam com minúcia, o que irritou sobremaneira a esclerose dos integristas, o vácuo mental dos medíocres e a histeria dos invejosos. Enfim, foi tão barulhenta a chinfrineira que os seus «superiores», na Companhia de Jesus, alarmados com as notícias que o davam como um perigoso herético, o afastaram de Paris e o enviaram para a China. Doravante, passaria a vida em expedições longínquas, intervaladas de rápidas visitas a Paris, que os seus «superiores» abreviavam sempre, com receio da difusão das suas ideias, que aliás já corriam, policopiadas, pelas mãos ávidas dos estudiosos, dos admiradores e dos antigos alunos. A Segunda Grande

⁴ http://www.lusosofia.net/textos/antunes_pe_manuel_repensar_portugal.pdf

Guerra surpreendeu-o na China, onde ficou bloqueado até 1946, o ano em que os seus críticos começaram a atenuar muitas das injúrias e dos despeitos, diante da monumentalidade dos aplausos que rodeavam Teilhard de Chardin, também distinguido, em 1947, com a promoção a oficial da Legião de Honra. Mas, mesmo assim, os seus «superiores», cega e teimosamente, obrigaram-no a recusar uma cátedra no Colégio de França. E Teilhard de Chardin exilou-se nos EUA...

«Hoje, Teilhard de Chardin é uma grande figura do pensamento mundial. Do domínio do reservado ele passou ao domínio público e, mesmo, do grande público; de interdito ele passou a ser aceite, se não pela totalidade, ao menos pela maioria; de expressão estranha, a sua linguagem, através de algumas das suas expressões-chave (planetização, socialização, personalização, contração, convergência, etc.), a sua linguagem tende a converter-se na linguagem de uma época. Existiu até um fenómeno sociocultural Teilhard a que nem os sociólogos, nem os historiadores das ideias e das mentalidades colectivas podem subtrair-se» (Antunes 1973, 93). Depois de, durante a sua vida física, ter sido varrido pela inclemência, desabrida e dura, da inveja e da incompreensão, ninguém, nos nossos dias, deixa de reconhecer a inteligência e o esforço de Teilhard de Chardin a encontrar sentido no destino do ser humano, por tantos entendido como absurdo. O padre Teilhard, nascido de família religiosa e ordenado, por vocação, sacerdote católico, considerava-se, como cristão, «filho de Deus» e, por natureza, «filho da Terra». Mas, para ele, a evolução é uma subida constante para o espírito. Há, de facto, momentos de descontinuidade, mas que não são obstáculos à continuidade do movimento ascensional. Desde a litosfera (ou esfera mineral), passando pela biosfera (ou esfera da vida) até à noosfera (ou a esfera do psiquismo humano); desde o infinitamente pequeno (ou o domínio do quântico), passando pelo infinitamente grande (ou o domínio da relatividade) até ao infinitamente complexo, toda a sua obra pretende explicar a relação matéria-homem-Deus, a partir dos ditames da «lei de complexidade-consciência».

Esta lei assim pode resumir-se: quanto maior for a complexidade de um organismo, mais elevado será o grau de psiquismo que o anima e norteia, bem patente, no ser humano, no fenómeno da cefalização, ou cerebralização. Se não laboro em erro grave, Teilhard é um dos pioneiros (o primeiro deles?) a conceber uma génese do homem e da vida, através de dados científicos e da sua fé religiosa, no Filho de Deus, Jesus Cristo. Com efeito, a noosfera, ao

complexificar-se, supõe o espírito e anuncia Deus. Englobando, num só traço, em permanente cosmogénese, a matéria, a vida e o espírito, isto é, a quimio-diversidade, a biodiversidade e a humanidade, a evolução prossegue, porque se sabe irreversível, imortal, a caminho do Ponto Omega. No ímpeto matinal de todo o seu ser, o Homem tende irresistivelmente para o Ponto Omega, ou seja, para Deus. Com o advento da humanidade, o social toma o lugar do biológico e a sociodiversidade substitui a biodiversidade e a teoria de Teilhard finda com um ato de fé num Ser Transcendente, Deus. Portanto, neste paleontólogo, o ser humano é um ser natural, pode e deve ser objeto de análise científica mas, nele, a matéria destila espírito, ou seja, em cada grão de matéria germina uma energia espiritual que o conduz ao termo Omega. Mas, se a evolução, em Teilhard, termina com um ato de fé, não deixa, nesse momento, de ser científica? Convém notar que, para Teilhard, a fé no Ponto Omega não sofre de irracionalidade porque é simplesmente transracional, do domínio da intuição, ou seja, para lá da razão, sem a dispensar ou negar. A matéria é uma na cosmodiversidade; a vida é uma na biodiversidade; a humanidade é uma na sociodiversidade. E, por fim, todos seremos um, no Ponto Omega, como Corpo Místico de Cristo. Uma «fenomenologia» onde cabem perfeitamente a razão e a fé...

Ocorre-me, neste passo, a reflexão de Galileu (1564-1642): «A filosofia está escrita nesse grande livro que se encontra constantemente aberto diante dos olhos (refiro-me ao Universo), mas ela não pode ser apreendida se, primeiro, não apreendermos a sua língua e se ignorarmos até os caracteres em que se encontra escrita. Esta filosofia está escrita em língua matemática. Os seus caracteres são os triângulos, os círculos e outras figuras geométricas, sem os quais é humanamente impossível apreender uma só palavra e sem os quais apenas se erra de forma vã, num obscuro labirinto». Esta citação evidencia que, para Galileu, só a matemática nos pode oferecer uma descrição exata do real. Tanto ele, como afinal também Isaac Newton (1643-1727) não poderiam supor que um cientista, Ilya Prigogine, prémio Nobel da Química, escrevesse, mais de três séculos depois: «O universo clássico, infinito pelas suas dimensões espaciais, não deixa de ser fechado, no sentido em que a evolução e a novidade estão dele excluídas e de que qualquer evolução deve idealmente ser reduzida ao modelo dos movimentos periódicos» (Prigogine 1990, 206). Antes de Ilya Prigogine, já Teilhard de Chardin tinha adiantado uma dialética da natureza em que a vida é e não é matéria, porque é espírito, e é e não é

espírito, porque é matéria. Figura poliédrica, não só pela diversidade de géneros que abrange, mas também pela variedade e a natureza das implicações que envolve, Teilhard de Chardin tudo (desde a ciência à religião) nos oferece restaurado, redivivo, dizendo-nos que, com o surgimento da noosfera, a evolução biológica cedeu o passo à evolução cultural; por outras palavras: tudo sobe para o espírito, que se organiza, em virtude da força da simpatia e do amor. Competição? Sim! Mas uma competição-diálogo, que não se compraz, nem se identifica, com a violência labrega e feroz, nem com uma indisfarçável corrupção, muito frequentes na alta competição desportiva do atualmente imperante neoliberalismo. Também o desporto deve destilar espírito... de aceitação, de encontro, de comunhão!

Chegou a altura de os estudiosos da prática desportiva (e portanto da prática do futebol) começarem a estudar os grandes nomes da ciência e da filosofia. Vão concluir, muito rapidamente, que homens como Teilhard de Chardin nos ajudam a compreender, com indiscutível solidez científica, o desporto, como ciência e consciência. Não há jogos, há pessoas que jogam, que o mesmo é dizer: não há desporto, há pessoas que praticam desporto. Por isso, não há periodização tática, há periodização antropológica e tática, ou seja, antes e durante a preparação tática é preciso preparar o homem-jogador que concretiza a tática, no jogo. Os alicerces biológicos das nossas regras de conduta não explicam cabalmente o comportamento humano, na competição desportiva – o comportamento do indivíduo e da pessoa, ser de razão e de fé, de inteligência e de vontade, de memória e de profecia, de simpatia e de amor. Quando chegamos ao nível das relações interpessoais e portanto da humanidade nasce o mundo da cultura e o treinador desportivo deve, se bem penso, conhecer os grandes nomes da ciência, da filosofia, da própria literatura. O desporto, como prática teórica, tem uma história e é, em todas as circunstâncias, um projeto comum. Não se explica só com o 4x3x3, ou o 4x4x2, ou o 3x5x2, ou o 3x4x3, etc. etc. A complexidade exige sempre uma rigorosa interdisciplinaridade. Não se pensava, assim, o futebol há anos (e até não muito distantes). Hoje, a missão principal de um treinador (ou de um estudioso) de futebol é lutar por que o futebol não seja, nem unicamente uma atividade física, nem unicamente uma atividade de pendor intelectual – mas uma atividade humana, que é tudo isto e o muito mais que se não disse...

Excursus I:

Manuel Sérgio – entrevista conduzida por José Lima

«A minha teoria não é verdadeira. No conhecimento científico, nada deve ser apresentado como verdadeiro, mas questionado, como incompleto que é»

Ressalta desta entrevista que, neste tempo de dúvida e de incerteza, há algumas certezas no nosso entrevistado: o desporto não é unicamente uma atividade física, porque é uma atividade humana – atividade de um ser que se movimenta procurando a transcendência (ou a superação física, intelectual, moral)); que no desporto, como atividade humana, deve nascer a consciência da interdependência de todos os fenómenos: físicos, biológicos e antropossociológicos; e, assim como devem repensar-se as estreitíssimas relações entre o saber e o poder, há que repensar também as relações entre o desporto (entendido como saber) e o poder. Ora, o desporto não pode ser tão-só um reflexo do poder, há-de ser também o projeto de uma sociedade nova. O desporto há-de propiciar o nascimento de cidadãos ativos e ele próprio transformar-se num espaço de cidadania ativa. O desportista é aquele cidadão que, através do movimento intencional da transcendência, que é motricidade, assume uma presença cívica e política. O desporto não pode ser um espaço onde se movimentam «bestas esplêndidas», mas de cidadãos livres e libertadores», na expressão feliz de Manuel Sérgio. Nesta perspetiva, não há desporto que não seja ética em movimento. Antes de tudo, estamos perante um ser humano, ou uma equipa, que transcendem e se transcendem, como modo criativo de viver e não só de durar.

O que trouxe, de verdadeiramente novo, a ciência da Motricidade Humana (CMH) à educação física e ao desporto?

A complexidade humana, em movimento intencional e em equipa visando a transcendência. Mas, porque ninguém transcende e se transcende sozinho, a CMH quer ser um espaço onde se criem laços de convivialidade e fraternidade, apoiando assim a construção de uma democracia económica, social e

cultural e do aprofundamento da democracia participativa. A CMH pretende afirmar que a racionalidade política dualista, discursiva, conquistadora, orientada para o domínio dos fenómenos, deve ser erradicada da face da Terra, em proveito de uma tecnociência em interdisciplinaridade essencial com os fenómenos sociais, políticos e religiosos. A ciência enlouquece quando se converte em puro instrumento do poder. A CMH supõe uma revolução científica, exprimindo-se através de preceitos éticos e de novos conceitos, como «desordem organizadora», «auto-organização», «caos», «complexidade», etc. Esta revolução atingiu as disciplinas tradicionais, como a física, a química, a biologia. Seria possível que não atingisse também a impropriamente denominada educação física e o desporto?

Que razões motivam a emergência da CMH, re-teorizada pelo Prof. Manuel Sérgio?

Pela imobilidade de alguns, que me pareciam (e parecem) centrados unicamente no fisiologismo e no mecanicismo cartesianos. O «erro de Descartes» dividia o ser humano em duas substâncias distintas, a *res cogitans* (alma) e a *res extensa* (corpo). A educação física, como a medicina, destinavam-se ao corpo, entendido como simples matéria, e a nada mais. Mas esta separação insanável alma-corpo é o reflexo da separação senhor-servo, típica do capitalismo que então amanhecia. Para os brasileiros, a educação física sofre de eurocentrismo, é um dos aspetos da expansão da racionalidade ocidental, pois que chegou à América Latina na bagagem das relações de produção pré-capitalistas, levadas pelos povos colonizadores. A novidade da CMH é a passagem do físico à complexidade humana, em busca da transcendência, no desporto, na dança, na ergonomia, na reabilitação, na gestão do desporto, as faces mais visíveis da motricidade humana. Mas a CMH não nasce apenas de um corte epistemológico; ela quer afirmar-se, acima de tudo, como integrando uma revolução cultural em que razão e fé mutuamente se complementem. Se o desporto, a dança, a ergonomia, a reabilitação se ocupam da complexidade humana, no movimento da transcendência, é evidente que as dimensões religiosa e política surgem inevitavelmente. A grande diferença, hoje, entre os democratas e os antidemocratas é a que se estabelece entre os que lutam por um economicismo, onde os valores do mercado predominam, e os que tentam opor-se a um neoliberalismo selvagem, com recurso a políticas públicas de indiscutível solidariedade, a uma

cidadania participativa e com a revalorização dos «direitos do homem». Para mim, no desporto, vale mais uma lágrima humana do que todos os campeonatos e taças do mundo. É no casamento entre a liberdade e a solidariedade que se perfaz o sentido das mudanças políticas da modernidade. A CMH, como ciência humana, anticolonialista, antipositivista, antieconomicista, ape-la desde logo à ideia de justiça, de reforço da solidariedade entre as pessoas, de proteção dos mais necessitados, de garantia a todos de bens mínimos essenciais, de sobrevivência e vida dignas, de abertura à igualdade de oportunidades, à paridade entre homens e mulheres, de combate sem tréguas ao desemprego, à exclusão e à pobreza. Portanto, a CMH não representa unicamente uma revolução científica, mas pressupõe também uma revolução social e moral e política. Tudo tem a ver com tudo. No meu modesto entender, o que, hoje, mais nos falta não é só uma antevisão do futuro, mas principalmente uma diligente capacidade de pensarmos e transformarmos o presente.

Se diz que a alta competição desportiva reproduz e multiplica as taras da sociedade capitalista, porque é um assíduo frequentador dos estádios do futebol?

Eu sei que a globalização é o nome do estádio superior da sociedade capitalista, na qual tudo se transformou num mercado, ou em mercadoria. E o futebol é um dos rostos desta globalização. Mas eu estou criticamente nas bancadas dos estádios do futebol: desde criança que vejo, com prazer, o futebol e espero não deixar alienar-me. Admiro a expressão corporal dos grandes atletas, a sua inteligência tática, a sua vontade de servir o coletivo. Hoje, faço minhas as palavras de Fernand Braudel, quando adianta que a economia de mercado e o capitalismo não são a mesma coisa. Mas infelizmente, demasiadas vezes, o ter e o poder encontram-se conluiados no espetáculo desportivo. O integrismo do mercado, à escala mundial, tem conduzido à supremacia dos valores do mercado sobre os valores políticos, sociais, éticos e estéticos. Para algumas pessoas, desde que haja lucro, nada mais é preciso. A CMH, ciência humana que é, pretende humanizar a prática do desporto, da dança, da ergonomia, da reabilitação e ainda o regresso às raízes éticas da política, no sentido da ação colectiva. Mas a CMH salienta ainda que a igualdade imposta mata a liberdade e a liberdade sem regras mata a igualdade. A maré de irracionalidade que, por vezes, invade o desporto é disto um típico exemplo.

Aliás, irracionalidade que também se manifesta nos inúmeros mitos em que o desporto é pródigo.

Foi professor, em cursos universitários de Desporto, durante 46 anos. Dos seus alunos quais alcançaram mais fama?

O José Mourinho, treinador de futebol, e o Gonçalo M. Tavares, que é hoje um dos grandes escritores de língua portuguesa. Para mim, mais tarde ou mais cedo, um Nobel da Literatura. Não é tanto um escritor de verbo pujante, mas de uma genial criatividade, ao nível da ficção, como poucas vezes se topa, na literatura portuguesa e mundial. De salientar ainda que tem um domínio verdadeiramente singular, novo, de alguns filósofos contemporâneos, se não estou em erro: de Kierkegaard e Nietzsche até aos nossos dias. O José Mourinho «nasceu» no futebol. Era criança e já acompanhava o pai, guarda-redes e profissional de futebol, aos treinos e às competições. Depois, licenciou-se em Desporto e, por fim, manifestou, já treinador, uma argúcia e uma liderança ambas de invulgar craveira. Não é só pelo conhecimento que se tem, mas principalmente pelo homem que se é, que o treinador desportivo se distingue.

O José Mourinho já afirmou que o Prof. Manuel Sérgio lhe disse uma frase que ele nunca mais esqueceu. Qual foi a frase?

«Para saber de futebol, é preciso saber mais do que futebol». E porquê? Porque o futebol não é unicamente uma atividade física; é, de facto, a conduta de um ser humano, no movimento intencional da transcendência. Portanto, porque é uma atividade humana, o futebol é mais do que futebol». O saber, o aprender, o respeitar, o ouvir, o falar, o cuidar, o liderar, tudo deve articular-se no exercício da profissão do treinador desportivo. E é uma filosofia humanista que deverá presidir a esta dialética entre a teoria e a prática, entre as ideias e os factos. Recordo Shakespeare, neste passo: «Há mais coisas, no céu e na Terra, do que pode sonhar a nossa vã filosofia».

Também o Jorge Jesus afirmou, na sessão de homenagem que lhe fizeram na Assembleia da República, que «muito aprendi com o Prof. Manuel Sérgio»...

Fui de facto adjunto, durante 13 meses, do Jorge Jesus, no departamento de futebol do Sport Lisboa e Benfica. Tenho a certeza que de futebol fui eu o

aluno e ele o professor. Se lhe ensinei alguma coisa, fico satisfeito com o reconhecimento público do Jorge Jesus.

O Gonçalo M. Tavares, na sessão comemorativa dos 79 anos da fundação da Faculdade de Motricidade Humana, a 23 de Janeiro de 2019, afirmou, publicamente, que muito lhe devia no processo da sua formação intelectual...

Se ele me deve muito no processo da sua formação intelectual, eu devo-lhe muito também no processo da minha formação intelectual. Fui seu orientador na tese de doutoramento. Para mim, é verdade apodítica que o convívio que a sua tese de doutoramento me proporcionou foi, para mim, um novo doutoramento. Ele é um génio!

Quais os «agentes do desporto» que mais admirou? E os que mais admira?

Limito-me a seis personalidades do passado e a seis do presente, embora mais devesse lembrar, como o jornalista e historiador do desporto Homero Serpa. Do passado, Pelé, Moniz Pereira, Carlos Lopes, José Maria Pedroto, Acácio Rosa e Nuno Delgado; do presente, Mbappé, o Dr. Fernando Gomes, o engenheiro Fernando Santos, o Dr. José Mourinho e o Nelson Évora. Gosto do desportista que seja simultaneamente um cidadão exemplar, mesmo que não o acompanhe ideologicamente. Faço minhas as palavras de Chantal Mouffe: «um verdadeiro processo democrático exige um choque vibrante de posições políticas e um conflito aberto de interesses». De facto, quando isto falta, a ditadura nasce. E, em ditadura, de direita ou de esquerda, nunca há progresso, nem justiça social. Os exemplos são tantos...

Da sua vasta obra, quais as ideias que julga dever distinguir?

Gaston Bachelard não cessa de avisar-nos de que, na nossa investigação científica, tentamos encontrar elementos que nos transmitam segurança e certezas. Afinal, o que encontramos são motivos de um perpétuo questionamento do que julgamos saber. Ou seja, é do cerne mesmo da racionalidade científica que surgem sérias interrogações que fragilizam o edifício do nosso conhecimento. Onde termina a ciência e começa o mito, nas hipóteses da nossa investigação?... É preciso ser humilde, não só quando se fala de Deus, mas também do próprio conhecimento científico. Antes do mais, faço minhas as eternas palavras de Sócrates: «Só sei que nada sei». Depois, saliento o que

fiz, ao lado doutros professores do INEF: a defesa da «mente incorporada», problemática que eu já conhecia, desde que, em 1965, no meu 4.º ano da Faculdade de Letras, estudei Maurice Merleau-Ponty e, aconselhado por colegas universitários, comecei a ler *O Fenómeno Humano*, de Teilhard de Chardin. O termo do dualismo antropológico racionalista provocou uma mudança radical na compreensão da educação física e do desporto. E até na compreensão de nós mesmos. De facto, o termo do dualismo antropológico racionalista resulta num apelo ao estudo empírico, para além da mera auto-reflexão. Embora, se me permitem uma ideia de Thomas Kuhn, a investigação empírica tenha os limites que os pressupostos teóricos lhe permitem. Mas a pessoa kantiana, radicalmente autónoma, é um mito, dado que a mente, emergindo do corpo, não é espírito tão-só. Não há espírito sem corpo, nem corpo sem espírito.

Da leitura que fiz da sua obra há mais dois conceitos a ter em conta: a complexidade e a transcendência.

Duas revoluções científicas introduziram a complexidade no mundo do conhecimento: a primeira é a da microfísica e da cosmo-física, que referiu a indeterminação e o acaso onde se julgava haver, unicamente, determinismo; a segunda é a que reúne disciplinas e estabelece com elas um tecido comum. Assim, é possível estabelecer entre o ser vivo, o ser humano e o universo um tecido comum. A ecologia da ação, visível no desporto, não se explica sem a noção de complexidade, pois que é tão necessário o jogador como o contexto. O conceito de complexidade deve estudar-se, portanto, de modo não monodisciplinar, mas pluridisciplinar. A transcendência diz-nos que o ser humano não é objeto da história já dita e já feita mas o projeto de uma história ainda por dizer, ainda por fazer. A transcendência significa ainda que nenhuma realização histórica deverá considerar-se como um fim último. Assim, o homem, a vida, a sociedade e a história são sempre, e em todas as circunstâncias, tarefas por realizar. Para mim, não escondo que a transcendência é também o sinal de que Deus está em tudo e em todas as coisas e, pela transcendência, encontro o sentido de experimentar o Inexprimível, o Inefável, o Ilimitado. Jesus deixou-nos um exemplo de transcendência, ao perdoar aos seus algozes: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem».

O que lhe parece que está por fazer, no nosso desporto?

O que é preciso fazer, acima de tudo, no nosso desporto e possivelmente na dança é a criação de uma geração do conhecimento. Por vezes, há a sensação de que ainda predomina uma geração da ignorância, que é muito crítica porque não sabe fazer autocrítica. Creio que era Raymond Aron que dizia que as pessoas, as instituições e as sociedades só se salvam se se renovarem. Mas também vale a pena escutar Séneca: «Não há vento favorável para quem não sabe para onde vai».

Está certo que a sua teoria concorreu para o desenvolvimento do desporto e da educação física e também da dança?

Concorreu, de facto, porque questionou, não porque seja verdadeira. No conhecimento científico, tudo merece ser questionado e não apresentado como indiscutível. Ao desfazer qualquer argumento de autoridade, a ciência mostra a sua principal função. Sempre que a ciência se apresenta como a «voz da verdade», está a mentir e, quase sempre, a manipular. A antipatia que rodeia todos os inovadores não se deve ao facto de eles terem criado. Mas ao de terem questionado o *statu quo*.

Qualquer rutura epistemológica significa a existência de um antes e de um depois. Essa rutura é evidente na sua tese de doutoramento, em relação aos livros que publicou antes dela. Passados estes 33 anos, dado que defendeu a sua tese em 1986, julga que o tempo lhe deu razão?

Julgo que o tempo me deu alguma (não toda, logicamente) razão. A minha CMH pode integrar-se, atualmente, na sociedade do conhecimento, como ciência hermenêutico-humana e a metodologia típica deste tipo de ciências. Devemos assim criar, na universidade onde a motricidade se estude e investigue e ensine, uma geração do conhecimento em que se recrie, principalmente, o ensino e a investigação, como indispensáveis trabalhos de conhecimento. Para mim, os «trabalhadores do conhecimento» são o grande suporte da sociedade hodierna. As ditaduras não temem o pobre que tem fome, mas o pobre que pensa. Não deixo de acentuar também que, no conhecimento, distingo a tecnociência, a ética e a política, unidas no serviço do bem comum. O meu corte epistemológico é, simultaneamente, científico, ético e político.

Dedica uma particular estima ao Doutor Jorge Carlos Fonseca, Presidente da República de Cabo Verde, que é também um dos grandes escritores cabo-verdianos e atual presidente da CPLP. Ele mesmo já confessou, em cerimónia pública, que é seu «leitor assíduo». Mas outros escritores, como José Tolentino Mendonça, Fernando Assis Pacheco, Baptista-Bastos, Urbano Tavares Rodrigues, Miguel Real, José Eduardo Franco, Vítor Serpa e o já citado Gonçalo M. Tavares não esconderam uma viva admiração pela sua obra. A que se deve, no seu entender, o êxito dos seus escritos junto de pessoas de tamanhos rigor e exigência?

Talvez porque eu faça do desporto, do jogo, da dança um pretexto para falar da mulher, do homem, da vida, da sociedade e da história. Talvez porque eu, pela primeira vez em língua portuguesa, tenha proposto uma autonomia científica para a motricidade humana. Talvez porque a minha «revolução científica» supõe movimento, intencionalidade e transcendência. E, quando invoco a transcendência, saliento a ideia de que não me refiro unicamente a uma transcendência meramente física, mas também espiritual. Talvez porque não tenho o direito de separar a motricidade humana das condições económicas, políticas, sociais, ideológicas que permitem o seu desenvolvimento.

A «Cátedra Manuel Sérgio», na Universidade Católica Portuguesa, o que representa para o seu currículo universitário e científico?

A sua pergunta permite-me renovar a expressão do meu reconhecimento à Universidade Católica Portuguesa, pela hospitalidade e pela compreensão com que me honrou, designadamente à Magnífica Reitora, Doutora Isabel Capelo Gil e aos Professores José Tolentino Mendonça e Alfredo Teixeira. Perante o prestígio nacional e internacional da UCP, sinto que nada tenho, nada valho. Resta-me agradecer. E já que a UCP estendeu generosamente os braços à minha velhice, eu saúdo, humildemente saúdo e aplaudo, a sua mocidade.

Ressalta desta entrevista que, neste tempo de dúvida e de incerteza, há algumas certezas no nosso entrevistado: o desporto não é unicamente uma atividade física, porque é uma atividade humana – atividade de um ser que se movimenta procurando a transcendência (ou a superação física, intelectual, moral); que no desporto, como atividade humana, deve nascer a consciência da interdependência de todos os fenómenos: físicos, biológicos e antropossociológicos; e, assim como devem repensar-se as estreitíssimas relações entre

o saber e o poder, há que repensar também as relações entre o desporto (entendido como saber) e o poder. Ora, o desporto não pode ser tão-só um reflexo do poder, há-de ser também o projeto de uma sociedade nova. O desporto há-de propiciar o nascimento de cidadãos ativos e ele próprio transformar-se num espaço de cidadania ativa. O desportista é aquele cidadão que, através do movimento intencional da transcendência, que é motricidade, assume uma presença cívica e política. O desporto não pode ser um espaço onde se movimentam «bestas esplêndidas», mas cidadãos livres e libertadores», na expressão feliz de Manuel Sérgio. Nesta perspetiva, não há desporto que não seja ética em movimento mas, antes, um ser humano, ou uma equipa, que transcendem e se transcendem, como modo criativo de viver e não só de durar.

Excursus II: **Razões para uma cátedra**

Desde 2015, a Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, no âmbito dos seus centros de estudos e unidades integradas, desenvolve atividades de formação e investigação com o apoio do Instituto Português do Desporto e Juventude, no âmbito da linha temática «Desporto, Ética e Transcendência». Para dar uma maior consistência a esta colaboração, projetou-se a criação da *Cátedra Manuel Sérgio – Desporto, Ética e Transcendência*, integrada no Instituto de Estudos de Religião da Universidade Católica Portuguesa.

No dia 12 de março de 2019, aconteceu um colóquio inaugural, com o contributo de um painel de especialistas convidados, no quadro do qual foi assinado um contrato-programa que visa apoiar as atividades da cátedra.

Uma Cátedra Manuel Sérgio na Universidade Católica Portuguesa. Porquê?

1. Toda a obra do autor manifesta um objetivo primeiro: integrar o desporto no universo cultural e filosófico e político (embora não limitando as práticas corporais ao desporto). Em junho de 1974, sai a público o meu primeiro livro, em prosa, *Para Uma Nova Dimensão do Desporto*, onde se escreve: «O desporto, que não deve ser mais, afinal, do que uma humanização do movimento, não pode fugir do universo cultural, sob pena de estar a mais no mundo em que vivemos» (Sérgio 1974, 252). Páginas adiante, à expressão «ciência do movimento humano» prefere-se a expressão «ciência do homem em movimento», começando neste livro a construir um ideário humanista da prática desportiva (1974, 271). De assinalar ainda, neste livro, a presença de Teilhard de Chardin, um cientista e filósofo e teólogo de grandes interrogações que acompanhará Manuel Sérgio ao longo dos momentos mais expressivos da sua obra.

2. A partir do livro *Filosofia das Actividades Corporais* (Sérgio 1981) e da tese de doutoramento, *Para Uma Epistemologia da Motricidade Humana*, publicada em 1985 (2018) suscitam-se complexas perplexidades, ao trazer ao estudo

da história do desporto a noção de descontinuidade, dando lugar privilegiado a Bachelard, Althusser, Foucault, Popper, Kuhn e Feyerabend. Adiantava ainda a noção de «corte epistemológico», para criar uma definição de «motricidade humana» (o movimento intencional e solidário da transcendência). E, com um novo paradigma, anunciava-se uma nova ciência hermenêutico-humana, a ciência da motricidade humana (CMH), onde cabem, como subsistemas, o desporto, o jogo desportivo, a dança, a ergonomia, a reabilitação, a motricidade infantil e outras práticas corporais (de acordo com as exigências das novas subjetividades, que o tempo descontínuo invoca e propõe).

3. E, porque ciência hermenêutico-humana, fazendo do treino e da competição do desporto e da dança condutas motoras verdadeiramente humanas, aconselhava os professores e treinadores a que, antes de cada treino e de cada aula, levantassem no mais fundo das suas consciências a interrogação seguinte: «Que tipo de pessoa quero eu que nasça desta aula, ou deste treino?». O paradigma onde radicam o desporto e a dança é uma nova ciência humana, a CMH. Sem haver necessidade de lembrar nomes de autores consagrados, quando formulei o «corte epistemológico», todos os mais conhecidos autores portugueses, que teorizavam o treino e a competição, no desporto, manifestavam desconhecimento absoluto de qualquer investigação epistemológica, estando por isso vedado aos nossos estudiosos do desporto o anúncio de um novo paradigma.

4. Entre o paradigma tradicional (Educação Física) e o paradigma novo (Motricidade Humana) criou-se, naturalmente, uma incomensurabilidade e uma incompatibilidade que levaram alguns profissionais de educação física a uma incompreensão lamentável, diante de uma investigação epistemológica, que é nova, na história do desporto e da cultura, no nosso país. Em *Para Uma Nova Dimensão do Desporto*, há mais de 50 anos, escrevia: «O padre Teilhard de Chardin tentou, numa base científica, unir o universo a Deus, sacralizar o corpo, restituir ao profano o seu aspeto sagrado. Sem talvez pensar nisso, ensinou, especialmente a alguns cristãos mais renitentes, que a ação moral e social dos exercícios desportivos se insere na linha mais pura da antropogénese, da realização mesma do homem. Ter a clara consciência dos limites corpóreos é, antes do mais, ter também a clara consciência dos limites do espírito humano. Não há alma sem corpo. Mas, se o corpo condiciona a manifestação da alma, aprimorá-lo e fortalecê-lo conduz à glorificação do espírito, ajuda ao progresso do homem todo» (Sérgio 1974, 53 s). E, mais adiante: «Teilhard de

Chardin, contra todo o dualismo, definiu o homem como uma essencial unidade de corpo e alma, embora, como Pascal, não se esqueça de acentuar a sua miséria e a sua grandeza de ser que aspira ao infinito, sabendo-se finito» (1974, 55 s). A CMH, ciência humana, rejeita o dualismo antropológico racionalista. A alma não existe como realidade independente do corpo, nem existe um corpo meramente mecânico, racional ou inconscientemente movido, mas existe uma complexidade e uma unidade corpo-alma-natureza-sentimento-sociedade-meio ambiente-cultura. De facto, o corpo é história. No livro *Alguns Olhares sobre o Corpo* (2004), escrevia: «Cifram-se em três as grandes posturas diante deste assunto: as antropologias pré-filosóficas, ou religiosas; as antropologias de feição dualista; as antropologias que defendem a complexidade humana» (Sérgio 2004, 28). E, linhas adiante: «O desporto é tanto mais um facto histórico quanto mais o corpo imprimir nele o cunho das suas mesmas originalidade e complexidade humanas. Não se diz que o biológico não seja o princípio. Diz-se tão-só que o ser humano é política, é cultura, é arte também. E reside aí a sua principal dignidade».

5. Do que venho de escrever se infere que não é o meu pé, ou a minha mão, que rematam, mas sou eu que remato, com o pé ou com a mão. A CMH tem como método, portanto, o método integrativo, ou um método resultante do pensamento complexo. «Do princípio da complexidade pode extrair-se a ilação de que não há treinos de fatores, isolados uns dos outros, dado que a *forma* não é unicamente física, mas resulta da complexidade humana. Ainda do *princípio da complexidade* é possível inferir-se que não há individualidade sem o todo que se é e o todo a que se pertence [...]. Ser um atleta exceccional, ou até genial, é sem dúvida distinguir-se pelos seus primores técnicos, pela inteligência tática e pelo alto rendimento, em relação aos demais colegas de equipa, mas é também estar essencialmente em relação com todos eles» (Sérgio 2009, 129). Partindo do princípio da complexidade e da assunção de certos valores, como os que se encontram expressos nos direitos do Homem, Manuel Sérgio defende um desporto antidualista, anti-racista, anti-sexista, anticolonialista.

6. «A CMH diz-nos que quem se movimenta intencionalmente, no desporto e na vida, é um ser que precisa de transcender-se... para saber que vive» (Sérgio 2009, 128). E é explícito, no livro *Desporto em Palavras*: «Quem somos nós? O desporto dá-nos a resposta. Seres de relação e em permanente relação. Visando a superação, ou a transcendência. No meu modesto entender,

o desporto é um dos aspetos do movimento intencional e em equipa, da transcendência (a motricidade humana). Fazendo desporto, o homem (a mulher) persegue em equipa a transcendência. E toma consciência, de forma original e expressiva, de que não é objeto da história, mas sujeito criador da própria história; de que não é apenas reflexo do mundo em que vive, mas projeto de um mundo possível; que é preciso lutar (com regras) para desfatalizar a história [...]. Numa atitude prévia de compreensão do treino, tanto no desporto escolar como no desporto federado, depressa se conclui que nem todo o conhecimento se esgota na física, na biomedicina, na matemática. Como já há muitos anos aprendi em Ortega y Gasset, onde acaba a física não terminam as questões» (Sérgio 2016, 167 s). Nesta perspetiva se procurava uma definição do humano em *Para Uma Epistemologia da Motricidade Humana* (1985): «é um apelo à transcendência e, como tal, um ser prático que, na totalidade humana e pela motricidade, a persegue». Sempre a «transcendência», como conceito essencial. Na sua definição de motricidade humana e, portanto, de desporto e de dança e outras práticas corporais, a transcendência sublinha esta verdade insofismável: a sociedade e o homem são, em todas as circunstâncias, tarefas a realizar e a transformar. É que, como em Teilhard de Chardin, o horizonte é o Absoluto, é Deus.

7. No opúsculo *Para Um Desporto do Futuro* (Sérgio 2017) apresentava-se as linhas-mestras de uma visão do desporto: «porque, para mim, não há desporto, mas pessoas que fazem desporto, todo o saber do desporto é um saber unificado. Portanto, nenhuma disciplina existe independente da outra. No desportista não há problemas única e simplesmente físicos, ou técnicos, ou táticos, ou psicológicos – há problemas humanos que se estudam, tendo em conta a Teoria das Redes, a Teoria Geral dos Sistemas, a Teoria do Caos, etc. Trata-se de um pensamento transdisciplinar, que se realiza com as disciplinas e além das disciplinas. Em segundo lugar, o meu desempenho depende dos desempenhos dos meus colegas e adversários. Não há desenvolvimento na solidão, em solidariedade e sem contexto. O modelo no desporto hodierno anda intimamente ligado à «cultura do ter» e não à «cultura do ser». Ora, é o homem que se é que triunfa no treinador (ou no jogador, ou no dirigente) que se pode ser. No desporto, entendido como movimento intencional, ele é mais escola do que circo – nele, vive-se num *fieri* (tornar-se) permanente. E aqui não está em causa unicamente o desporto altamente competitivo. O desportista, quando compete, não compete só com um adversário, mas também contra

os seus próprios defeitos. No desporto, não se descobre sabedoria no «ter», divisa-se alguma no «ser» e muita, muitíssima, no dinamismo refletido, disciplinado do «tornar-se». Finalmente, porque o seu destino é a transcendência, o desportista realiza-se numa decisão, onde se encontram razão e fé» (Sérgio 2017, 82 s).

8. No futebol, porque o método é o da complexidade, cabe também o método hermenêutico e assim, no futebol, não se estudam, unicamente, as causas biomecânicas do movimento, mas também os motivos do agir. Como escrevi em *Filosofia do Futebol* (Sérgio 2009), o que fez de Helenio Herrera, ou do Mourinho, ou do Ferguson, ou do Telé Santana grandes treinadores não foi a «quantidade» do que sabiam de futebol, mas a «qualidade». Como sublinhou Ilya Prigogine em *Les Lois du Chaos*, a evolução combina determinismo e probabilismo. Partindo de Edgar Morin – na proposta de substituição do princípio determinista/mecanicista por um princípio dialógico em que ordem/desordem/organização se relacionem entre si, de modo antagónico e complementar –, é possível reivindicar para a CMH um lugar entre as ciências hermenêutico-humanas. E que, nela, se reconheça um método: o específico da complexidade. E ainda uma filosofia: não mais a do ser e do logos, mas a da motricidade e a da relação.

9. O objeto de estudo da CMH não é um «objeto construído», mas um «objeto em construção». Demais, como refere Boaventura de Sousa Santos (1999) em *Pela Mão de Alice*, encontramos-nos numa fase de transição paradigmática.

10. Conceitos fundamentais da CMH, a qual poderá definir-se como a ciência da compreensão e da explicação das «condutas motoras» (ou «ações», em linguagem de Blondel): «Conduta Motora» (ou «Ação») – o ser humano, movendo-se intencional e solidariamente, no tempo e no espaço, visando a transcendência; «Corporeidade» – não há atividade intelectual e espiritual sem um substrato neuronal. Não há, portanto, alma sem corpo, nem corpo sem alma. Assim, o espírito humano é um produto da evolução. Mas será o espírito humano determinado unicamente por processos cerebrais físico-químicos? Serão a mente, a cultura, a filosofia, a teologia, meros epifenómenos neuronais? São, sobre o mais, fenómenos históricos, sociais e políticos. Assim como a ciência musical explica, cientificamente, uma fuga de Bach, mas pouco sabe dizer da sua beleza incomparável, toda a conduta motora inaugura um novo sentido da transcendência, pouco (ou nada) sabendo do Absoluto,

ou de Deus. É indubitável que um corpo por si só não realiza a humanidade do ser humano. A intersubjetividade (e a linguagem em que decorre) é que nos permite a humanização, com a passagem do corpo-objeto (o corpo que temos) a corpo-sujeito (o corpo que somos); «Educação Motora» (ou «Educação Corporal») – substitui, na CMH, a cartesiana «Educação Física». De facto, não há educação de físicos, mas de pessoas, no movimento intencional e solidário da transcendência. A «Educação Motora» é o ramo pedagógico da CMH. O desporto, o jogo desportivo, a ginástica, a dança, o circo, os vários processos de reeducação, readaptação e expressão corporal podem ser meios de educação motora, desde que neles se construam espaços onde o ser humano se forma pessoa, isto é, se reconheça e o reconheçam como consciência e liberdade e ainda capaz de transcendência; Motricidade Humana – processo adaptativo, evolutivo e criativo de um ser prático, carente dos outros, do mundo e da transcendência (segundo Maurice Merleau-Ponty, a motricidade é intencionalidade operante). O físico, o biológico, o antropológico e o espiritual estão, nela, como a dialética numa totalidade. A motricidade não se confunde com a «motilidade». Esta não excresce a faculdade de execução de movimentos que resultam da contração de músculos lisos ou estriados. A motricidade está antes da motilidade, porque tem a ver com os aspetos psicológico, organizativo, subjetivo do movimento. A motricidade é o virtual e a motilidade o atual; necessitamos ainda do conceito de «Transcendência» – a hominização exigiu não apenas uma alteração das características corporais, exigiu sobretudo o desenvolvimento da capacidade intelectual – pressuposto para o desenvolvimento da técnica, da cultura e da vida social. Mas, em primeiro lugar, é consensual entre os especialistas que a postura ereta, permanentemente sobre os dois pés e a locomoção bípede, que se lhe seguiu foram determinantes para a evolução do Homem (Küng 2011, 175 s). O desenvolvimento da linguagem teve também, aqui, um papel decisivo. A «lei da complexidade-consciência», de Teilhard de Chardin poderá invocar-se neste passo. Assim, o espírito não reside no cérebro tão-só, mas «corporizado» na integralidade da pessoa humana, no homem todo e em todos os homens.

11. A tese de doutoramento *Para Uma Epistemologia da Motricidade Humana* é uma investigação epistemológica que permite descobrir a centralidade de conceitos como: «corte epistemológico», «obstáculo epistemológico», «comunidade científica», «ciência», «ideologia», «revolução científica», «crise», «epistemologia», «corpo», «desporto», «dança», «ergonomia», «reabilitação»,

«circo», «motricidade infantil», «educação motora» (vulgo «educação física») e outras práticas corporais, como aquelas que visam a «saúde» do ser humano, deverão igualmente estudar-se. A educação motora é o ramo pedagógico da ciência da Motricidade Humana que, conforme o sublinha o escritor brasileiro João Batista Freire, «ensina as pessoas a viver corporalmente», incluindo a comunicar com e pelo corpo.

Excursus III:

Para um currículo da disciplina de Epistemologia da Motricidade Humana

I. Introdução

A expressão *educação física* aparece, no século XVIII, garbosamente defendida pelo médico suíço Ballesxerd, de acordo com o Michel Foucault (1996) da *Microfísica do Poder*. Segundo Jacques Ulmann (1977), é em John Locke, um racionalista-empirista, que o termo aparece, precisamente no seu livro *Alguns Pensamentos sobre a Educação*. Num ponto podemos convir: a educação física nasceu como um produto do racionalismo e destinava-se ao que, no ser humano, parecia puramente material e mecânico e portanto só analisável fisiológica e experimentalmente. Todavia, a razão não se basta a si própria; precisa da complexidade humana para poder viver. E é por ser visível esta complexidade que o racionalismo e a educação física atravessam uma crise profunda. E é ainda por ser visível esta complexidade que se passou do corpo-objeto ao corpo-sujeito, ou seja, da educação física à CMH. No caso específico da motricidade humana, ou «intencionalidade operante» à luz da fenomenologia, visando a transcendência (ou superação), tendo ainda em conta o conceito de complexidade, que se descortina em Gaston Bachelard, em Edgar Morin, em Ilya Prigogine e em Francisco Varela, bem como nos grandes artistas, como os literatos, os músicos, os pintores, os escultores, os arquitetos, os cineastas, etc., etc., tanto no desporto, como na dança, ou na ergonomia, ou na reabilitação, manifesta-se a «intencionalidade operante» de quem procura transcender e transcender-se, dentro de uma complexidade onde, desde o «bios», passando pelo «logos» e pelos sentimentos, até ao social e ao político e cultural e o religioso (e o fim das certezas inamovíveis) tudo se encontra presente: são portanto subsistemas do sistema *Motricidade Humana*.

2. Desenvolvimento curricular

2.1. Para uma definição de epistemologia. Segundo Piaget (1967, 7), «é o estudo da passagem dos estádios de menos conhecimento para os estádios de mais conhecimento». Boaventura de Sousa Santos (1989, 18), na *Introdução a Uma Ciência Pós-Moderna* diz que, em épocas de crise, «a reflexão epistemológica é a consciência teórica da pujança da disciplina em mutação».

2.1.1. O racionalismo em crise. O estudo da desordem e do caos.

2.1.2. A crítica à razão não pode confundir-se com o retorno do irracionalismo neoobscurantista, mas tão-só com o repensar do problema dos limites da razão.

2.1.3. A mundialização da racionalidade ocidental, entendida como a conversão das diversas culturas às normas centrais dos interesses europeus e norte-americanos.

2.1.4. Os novos paradigmas e a complexidade. A crise da educação física anda a par da crise do racionalismo (científico e filosófico) de que é produto. Descartes, Newton, Locke, Rousseau, Kant, Maine de Biran, Ling, Amoros e Demeny. Max Weber e as ciências sociais.

2.1.5. Breve nota sobre Bachelard, Althusser, Foucault, Feyerabend e Prigogine.

2.1.6. Edgar Morin: o método da complexidade. O advento da complexidade. Aproximação das culturas científica e humanista.

2.1.7. A ciência como discurso e como teoria. A rutura epistemológica: a primeira e a segunda. Para Gaston Bachelard, o progresso científico acontece de modo descontínuo e dialético. A ginástica de Ling e o «corte» de Demeny, fisiologista de facto, mas no qual o movimento toma lugar de realce.

2.1.8. A conceção evolutiva das ciências de Jean Piaget: o «círculo das ciências» e a valorização da interdisciplinaridade.

2.1.9. Popper e Kuhn: os problemas práticos da investigação científica. Hans Jonas, uma reação metafísica à tecnociência; Gilbert Simondon e a promoção de uma cultura tecnocientífica; H. T. Engelhardt; ética, política e tecnociência num mundo pós-moderno.

2.1.10. O corte epistemológico, entendido como processo e não como evento de uma data inalterável e fixa, embora possa datar-se o seu começo. Pode citar-se, a propósito, Gaston Bachelard (1968, 147): «O espírito científico é essencialmente uma retificação do saber, um alargamento dos quadros do

conhecimento [...]. Cientificamente, pensa-se o verdadeiro como retificação histórica de um longo erro, pensa-se a experiência como retificação da ilusão comum e primeira». A verdade está no processo e não só no momento iniciador do processo.

2.1.11. O construtivismo epistemológico: substituição de uma epistemologia positivista por uma epistemologia construtivista; a nova organização do sistema das ciências.

2.1.12. Adérito Sedas Nunes, Vitorino Magalhães Godinho e Armando Castro: três pioneiros da epistemologia em Portugal. O livro de Adérito Sedas Nunes (1993), *Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais*. Segundo este autor, o que caracteriza todas as ciências do homem é que a realidade por elas estudada é a *condição humana*.

2.2. O agrupamento das ciências proposto por Jean Ladrière: as *ciências formais* como *a priori* do mundo, as ciências empírico-formais (ou ciências da natureza) e as ciências hermenêuticas ou humanas.

2.2.1. Do físico à motricidade humana, ou do corpo-objeto ao corpo-sujeito, do corpo-instrumento ao corpo vivido. Atualidade de Maine de Biran (1766-1824) e de Teilhard de Chardin (1881-1955).

2.2.2. O corpo e a motricidade, em Husserl e Merleau-Ponty e Alfred Schutz; Merleau-Ponty em Manuel Antunes.

2.2.3. O primado da percepção sobre a razão e o entendimento na fenomenologia. No ser humano, a cisão entre o material e o espiritual é um erro, pois que, nele, a matéria é espírito e o espírito é matéria.

2.2.4. A motricidade humana ou a energia para o movimento intencional da transcendência (o corpo em ato, visando a transcendência). O *homo mechanicus*, o treino desportivo e o desporto na escola. A ciência e a tecnologia não podem converter-se em instância última da cultura pois, no que é especificamente humano, há ciência e filosofia e até teologia.

2.2.5. A ciência da Motricidade Humana (CMH): uma revolução científica, ou um corte epistemológico, em que a educação física é a pré-ciência e a transcendência deve pensar-se em relação com a ação e com o movimento intencional e em equipa. E não apenas como necessidade epistemológica mas, sobre o mais, ética e política.

2.2.6. A CMH: uma nova ciência hermenêutica ou humana. O seu antipositivismo e a sua procura de interdisciplinaridade.

2.2.7. O desporto, a dança, a ergonomia, a reabilitação, a motricidade de todas as idades, a gestão do desporto como subsistemas do sistema «motricidade humana». E portanto não há jogos, há pessoas que jogam, não há periodização tática, há periodização antropológica e tática, sem esquecer a alteridade, pois que a realização do ser humano passa precisamente pela alteridade. Sem os outros (e o inteiramente Outro) eu não posso dizer «eu».

2.2.8. O processo histórico que antecede a CMH. Comentários ao *Tratado da Pedagogia* de Kant e ao *Nascimento da Clínica* de Michel Foucault. Mesmo após a publicação do decreto-lei 675/75, os ISEF de Lisboa e do Porto não se libertaram, nos seus *curricula*, do paradigma biomédico e das habituais disciplinas de técnicas desportivas, grávidas (reconheçamo-lo) de pedagogia e didática, de acordo com a escola tradicional.

2.2.9. O desporto, o fenómeno cultural de maior magia no mundo contemporâneo. Mas é preciso dar prioridade aos fins sobre os meios. Em poucas palavras: é preciso unir a ciência à sabedoria. A fé não é contra a razão. Pelo contrário: é uma razão que se transcende, sem fronteiras.

2.2.10. A intencionalidade introduz a noção de transcendência que, na CMH, quer emancipar e não manipular.

2.3. O objeto de estudo da CMH é o desenvolvimento humano, através da motricidade, pelo estudo do corpo em ato, visando a transcendência, a qual é superação de todo o determinismo e criação de possíveis inéditos. Esta ciência não se confunde com a ordem estabelecida. Verdadeiramente, ela implica uma revolução cultural e quer superar o dualismo antropológico e o positivismo, ainda reinantes, pois que se considera uma ciência aberta em permanente inter-trans-disciplinaridade. É o *homo sapiens-demens*, *faber-ludens*, *empiricus-imaginarius*, *economicus-consumans*, *prosaicus-poeticus* que a Motricidade Humana revela. Repito a definição de motricidade humana, que se propõe: *é a energia para o movimento intencional e solidário da transcendência*.

2.3.1. A lógica da «sociedade de mercado» é o «crescimento pelo crescimento», com uma lei principal: uma competição sem freios. E com a liturgia própria da «sociedade do espetáculo». Pode ser moral o desporto que reproduz e multiplica esta sociedade?

2.3.2. A Motricidade Humana diz-nos que o ser humano, quando quer transcender e transcender-se, não é um *dado*, mas uma *tarefa* permanente e em todas as circunstâncias. O apelo ao Absoluto é constante, nele. Na

transcendência, descobre-se que o ser humano é simultaneamente abertura, reflexo e projeto.

2.3.3. O desporto e o jogo desportivo, a dança, a ergonomia, a reabilitação, a motricidade em geral, como complexidade e transcendência. O desporto como jogo (para todos) e como espetáculo (para os superdotados e supertreinados). A competição, como diálogo, como respeito pelo outro, como necessidade do outro. O adversário é o amigo que me permite a prática desportiva. A competição desportiva como «trégua», como fator e promotor de paz entre as pessoas e os povos. Os Jogos Paralímpicos: a pessoa, como um «outro concreto» (Mounier) – qualquer pessoa, rica ou pobre, sábia ou ignorante, mais ou menos saudável, é «ser, consciência e valor» (Gobry).

2.3.4. As constantes tendenciais (ou leis), tendo em vista uma sistemática da Motricidade Humana: *lei do reflexo*, *lei do género*, *lei do génio* (Sérgio 1987, 150).

2.3.5. O exercício hermenêutico e a motricidade humana. «Ser que pode ser compreendido é linguagem». A linguagem e o diálogo constituem o núcleo do livro *Verdade e Método*, de Gadamer, bem como todo o seu projeto hermenêutico, desenvolvido na sua obra posterior a este livro fundamental.

2.3.6. O campeão desportivo e a «morte de Deus» (Nietzsche). O desporto outra coisa não é do que um jogo com *agon* e projeto, que se manifesta através da motricidade humana e que a sociedade institucionaliza. O desporto reflexo e projeto de uma sociedade que não é moral, nem imoral, é amoral. Onde o facto dos casos constantes de corrupção e dopagem, no desporto altamente competitivo.

2.3.7. Ciência normal, pós-normal e pós-moderna. O lugar do treino desportivo neste contexto. «O treino é jogo e o jogo é treino».

2.3.8. A competição e o treino desportivos à espera da filosofia que merecem. Qual o sentido da vida? Qual o sentido do desporto?

2.3.9. Os riscos da ignorância epistemológica, que leva ao desconhecimento dos valores do desporto, como a amizade, a competição solidária, o respeito pelos outros e por nós mesmos, o cumprimento das regras do jogo, a excelência como resultado da transcendência física, intelectual, moral e política. O desporto não pode impor-se unicamente pelos seus meios, mas principalmente pelos seus fins.

2.3.10. O desenvolvimento ao nível da medicina, da biotecnologia, da nanotecnologia, da robótica, etc. está sempre ao serviço do ser humano ou,

demasiadas vezes, de escondidos interesses económicos? Uma ciência eticamente neutral ficaria limitada ao controlo de uma poderosa minoria que empobreceu dois terços do planeta e o submergiu no subdesenvolvimento e na desigualdade.

2.3.11. Carlos Lopes, extraordinário, inviolável atleta confidenciou-me, um dia: «Fui treinado pelo melhor treinador de atletismo do meu tempo. Pois ele nunca me exigiu um treino, um movimento que fosse, que eu não tentasse ver se as ordens do Prof. Mário Moniz Pereira estavam de acordo com o que eu pensava. O campeão sabe o que faz e porque faz». David Monge da Silva, metodólogo do treino de muitos méritos, acrescenta: «O atleta não é um *robot* que realiza de uma maneira mecânica tudo o que o treinador indica. A sua evolução como desportista, e fundamentalmente como homem, passa pela autoformação» (Associação 1981, 90).

2.3.12. O papel do treinador é mais o de transmitir conhecimento, ou de ajudar a construí-lo? E esta construção deverá concretizar-se por mudança conceptual, ou por interação discursiva?

2.3.13. A hermenêutica, método por excelência das ciências humanas, é a arte de compreender. O seu primordial dispositivo centra-se na «reconstituição» do sentido. O problema da compreensão mais como problema hermenêutico do que como problema epistemológico. A teoria hermenêutica em Gadamer fundamenta-se em três conceitos: preconceito, fusão de horizontes e linguisticidade. O preconceito integra a experiência hermenêutica, dado que a linguagem emerge da revelação do mundo onde as mulheres e os homens vivem, é afinal o modo de ser humano. Reside na linguisticidade do ser humano a possibilidade da experiência humana, pois que situa as mulheres e os homens numa experiência comum (veja-se a *A Teoria da Ação Comunicativa*, em Habermas).

2.3.14. Não há separação, no desporto e no treino desportivo, entre ciência e filosofia; entre cultura humanística e cultura científica, entre o mundo da consciência e o mundo dos factos, entre a esfera privada e a esfera pública, entre a ciência e a fé. O ser humano é, de facto, humano, não só porque pensa, mas fundamentalmente porque ama. Amar supõe pensar e agir. O sistema. A complexidade. «A epistemologia complexa permite conceber uma antropologia complexa, a qual é uma condição da ética complexa, que se integra num anel em que cada termo é necessário aos outros [...]. Um mesmo imperativo liga epistemologia complexa, antropologia complexa e ética complexa» (Morin 2014, 69).

3. Para uma definição de literacia científica

«A literacia científica é a capacidade de usar o conhecimento científico, de identificar questões e de desenvolver conclusões baseadas na evidência, de modo a compreender e a tomar decisões sobre o mundo natural e sobre as mudanças nele introduzidas pela atividade humana» (Pereira 2007). A literacia científica tem a ver com o «campo dos conhecimentos», com o «campo dos valores» e com o «campo da ação».

4. A galáxia da Internet

Para Castells, a informação tem a mesma relevância na sociedade da informação que a energia teve na era industrial. Os desafios da sociedade em rede. Uma cibernética do comportamento e as ciberpatias.

4.1. O conceito de *sistema*, como um todo organizado. Da inter-ação entre as partes de um todo nascem as *emergências*, ou seja, qualidades novas e inéditas que são inseparáveis do todo. A equipa de futebol húngara da década de 50. O holandês Rinus Michels (chamavam-lhe o «general»), Cruyff, Van Gaal, Rijkaard, Pep Guardiola e o «futebol total». O sistema ensina que o saber no desporto (neste caso, no futebol) não está acima ou à margem da sociedade e da cultura donde o futebol emerge.

4.2. O «futebol total», criação de Rinus Michels.

4.3. Cruyff, Rijkaard. Van Gaal, Guardiola, «alunos» de Rinus Michels.

4.4. Cândido de Oliveira, Mário Moniz Pereira, José Maria Pedroto, Mário Wilson, Jorge Araújo, Artur Jorge, José Mourinho, André Villas-Boas, Manuel Jesualdo Ferreira, Carlos Queirós, Jorge Jesus, etc., etc. Méritos e limites do treinador português.

4.5. Para N. Elias e E. Dunning (1992), no seu livro *A Busca de Excitação*, refere que o desporto pode ter um efeito libertador catártico, mesmo no desporto de simples fruição, de prazer tão-só. Pensar com o corpo e pensar o corpo.

5. Conceitos e problemas

5.1. As ciências e as noções de teoria, de corte epistemológico, de obstáculo epistemológico, de demarcação. As ciências normal, pós-normal e pós-moderna. O paradigma no plano cognitivo e no plano social. Do conhecimento como estado ao conhecimento como processo.

5.2. A crise. As revoluções científicas (Kuhn), as ruturas epistemológicas, (Bachelard), os cortes epistémicos (Foucault), as revoluções paradigmáticas (Morin).

5.3. Corpo. Corpo em ato: o movimento corporal com um sentido, a transcendência. Problemática. Paradigma. Analogia. Episteme.

5.4. A epistemologia genética (Jean Piaget).

5.5. A transcendência, sem o dualismo platónico, mas como tarefa a cumprir, em qualquer situação. A transcendência como horizonte de possíveis inéditos e portanto permanente apelo do Absoluto.

5.6. A Motricidade Humana no trabalho, no treino, no lazer, na saúde, na educação, no desporto, no jogo, no mundo virtual. A motricidade humana, invocando três «filósofos da diferença» (Foucault, Deleuze e Derrida) diz-se «diferente»...

5.7. «O homem não é o dominador do Ser, o homem é o pastor do Ser» (Heidegger). O homem é um ser de liberdade... para poder transcender e transcender-se!

5.8. A noção de pessoa na cultura ocidental e a CMH. Teilhard de Chardin e Emmanuel Mounier. Ciência e moral, mas não só uma moral de abstenção (não roubar, não matar, não desejar a mulher do próximo, etc.), principalmente uma moral altamente dinâmica, cósmica, humanamente participativa, onde seja possível a transcendência. Há, em nós, como já o referiu Wittgenstein, «movimentos voluntários» e «movimentos involuntários». Aqueles são os mais autenticamente humanos, porque há neles inteligência e vontade. Gonçalves M. Tavares, no seu *Atlas do Corpo e da Imaginação*, escreve: «Obedecer não é copiar [...]. Digamos que, se alguém faz um movimento e pede para o Outro repetir (repete o meu movimento!) há como que uma ordem que faz com que o corpo obediente tente transformar os movimentos que viu em movimentos que faz. Trata-se de uma transformação do visto em ato» (Tavares 2013, 474-475).

5.8.1 A ética, núcleo essencial da Motricidade Humana. Dignidade humana é algo que a pessoa tem pelo simples facto de ser pessoa. Carecemos de uma tábua de valores, que valha para toda a humanidade A Estética percecionada

como teoria da arte e das condições do belo. «Há mais no teu corpo do que no melhor da tua sabedoria» (Nietzsche).

5.8.2. O movimento é vida. Por isso, a vida é, sobre o mais, caos, desordem, diversidade, impulso. Por isso, há uma certeza universal: tudo é relativo.

5.9. A complexidade. Relação entre a física, a biologia, a sociologia, a psicologia, a ética, a economia, a política. A emergência torna-se visível quando há sistema, inter-relações, organização. O sistema como raiz da complexidade. Mas é preciso ir além do sistema, rumo à organização.

5.10. A psicomotricidade e a motricidade humana.

5.11. Literacia científica.

5.12. A cultura da Internet. O dualismo de Descartes, o monismo de Spinoza e a epistemologia construtivista, como bases da informação e da comunicação.

5.13. A motricidade humana: do plano epistemológico ao ontológico. A conexão causa-efeito e a liberdade humana, em enunciados puramente probabilísticos.

5.14. Constitui um erro supor que todas as proposições científicas se reduzem a conexões causa-efeito.

6. Os objetivos

O primeiro objetivo da Epistemologia da Motricidade Humana é motivar o aluno a pensar, mas com um pensamento radical, rigoroso e sistémico. Radical, porque se processa dentro de uma reflexão de grande rigor. A epistemologia é um questionamento radical, porque tem como tema principal um determinado tipo de questionamento. Questionar o questionamento é filosófico. Questionar o problema científico é função da epistemologia. Rigoroso, ou seja, crítico, que se esforça por desdogmatizar e desideologizar. Sistémico, dado que vivemos um tempo que procura passar logicamente do paradigma racionalista ao paradigma da complexidade, sempre em busca do fundamento que é também social e político. A Motricidade Humana tem condições de se autojustificar epistemologicamente, a partir de uma teorização própria que tenha em conta o corpo e o movimento intencional da transcendência (ou superação) e visando uma humanidade mais próxima da Verdade e da Justiça. A CMH não é, unicamente, uma «tecnociência», mas quase um «híbrido

cultural», misto de ciência e de técnica e de arte e de filosofia e de religião, etc. O conhecimento nem sempre começa com uma rutura, ou com um corte; também começa com o senso comum, como aliás pensava Gaston Bachelard, em *Le Nouvel Esprit Scientifique*, pois que se assiste não só «a uma valorização da objetividade do conhecimento comum (o cérebro aparece como um espantoso instrumento de medida) como, a partir das incursões dos cientistas sociais, se começa a dar conta que [...] a ciência reproduz, largamente, no modo como se faz, os dados da experiência comum» (Jorge 2001, 148). A linguagem da tecnociência não pode substituir, aqui, inteiramente a linguagem da amizade e da compreensão. As quatro grandes questões que, segundo o Kant (1724-1804) do *Curso de Lógica*, formam «o campo da filosofia», são estas: «Que posso eu conhecer? Que devo eu fazer? Que me é permitido esperar? O que é o homem?». E o mesmo autor prossegue: «A primeira questão corresponde à metafísica, a segunda à moral, a terceira à religião e a quarta à antropologia». No século XVIII, ainda se considerava o filósofo como, digamos assim, um «declatonista do saber». Kant, por exemplo, estudava e ensinava Teologia, Filosofia, Matemática, Física e Ciências Naturais. O seu livro *História Universal da Natureza e Teoria do Céu* (1755) prefigura, segundo a ciência hodierna, a cosmologia contemporânea. No entanto, é-nos lícito delinear os três traços dominantes da filosofia, ao longo da história: reflexão crítica, procura da Verdade e, por fim, uma escola de sabedoria ou, por outras palavras, uma arte de viver. A epistemologia decorre, antes do mais, do questionamento crítico decorrente da filosofia e da prática científica. Por isso, o estudioso de epistemologia da motricidade humana não se considera o sábio que detém a Verdade, mas aquele que faz suas as palavras de Sócrates: «só sei que nada sei». Poderá todavia apontar as questões básicas onde se movimenta a epistemologia do que ainda se entende por educação física: a educação física tem o seu «objeto» (que não é objeto, é sujeito) de estudo, a Motricidade Humana; é ao nível do estruturalmente humano que a educação física e o desporto trabalham; e, aqui e agora, poderemos acrescentar que o Brasil e Portugal têm, na Motricidade Humana, uma das novidades que podem apresentar ao Mundo, já que foram os países que a receberam, antes de outros países da Europa e da América do Sul. Aliás, a Motricidade Humana é um nítido combate ao eurocentrismo, a qualquer colonialismo do saber. Termino com a afirmação, que em mim já tem perto de 40 anos, que discordo da expressão *educação física* e a considero produto de um defunto racionalismo. Defendo, em sua

substituição e com maior amplitude, a *CMH*, como nova ciência social e humana (com o seu ramo pedagógico, a *educação motora*) e declaradamente pós-cartesiana, pós-colonialista e pós-moderna e com muito maior amplitude, na rede de relações, do que a proposta pela velha educação física. O que torna complexo um sistema não é apenas o número e a diversidade dos seus componentes, mas as relações que as unem, numa palavra só: a sua (vou empregar um neologismo) interconetividade. A exacerbação de um corporativismo, suspenso no tempo, tem impedido o reconhecimento do necessário «corte epistemológico» e o reconhecimento de que os especialistas, nos vários ramos da Motricidade Humana, trabalham e estudam não só as ciências empíricas do corpo no movimento da transcendência, mas principalmente o corpo vivido, o corpo-sujeito, no movimento intencional da transcendência. Aliás, o corpo objetivo só existe enquanto integrado na vida expressiva de um corpo vivo. E, porque na CMH nos encontramos no âmbito da compreensão pela linguagem, exige-se o *método hermenêutico*, o método por excelência do humano. Três autores deverão realçar-se, neste passo: Dilthey, Gadamer e Habermas. No entanto, sublinho esta ideia sem que a metodologia, na CMH, se reduza, integralmente, a um único método. O ser humano é uma «unidade complexa». E tudo o que é complexo requer uma constante multicausalidade. Mas o nosso tempo engalanou-se com a galáxia da Internet: a sociedade em rede aí está! E a ciência, fechada na «torre de marfim» de um secretismo impenetrável, é hoje uma aventura de muitos (muitíssimos) assentando a comunicação dos conhecimentos e processos em códigos bem estabelecidos, como o da estrutura de «*paper científico*». Começaremos, dentro em breve, a escutar o diálogo adolescente e as saborosas surpresas de um senso comum que, pela Internet, se reinventou como conhecimento científico? Aos «três estados», proclamados por Augusto Comte e que Gaston Bachelard, se bem o entendi, também aceitou de bom grado, há que acrescentar um outro «estado», conluído aliás com as privatizações do neoliberalismo e o seu mercado de rigorosa competição comercializada?

7. Orientações bibliográficas

- AAVV. 2003. *O Desporto para Além do Óbvio*. Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal.
- Antunes, Manuel. 1972. *Indicadores de Civilização*. Lisboa: Verbo.

- Antunes, Manuel. 1973. *Educação e Sociedade*. Lisboa: Sampedro.
- Antunes, Manuel. 1973. *Grandes Contemporâneos*. Lisboa: Verbo
- Araújo, Jorge. 2008. *Gerir É Treinar*. Porto: Booknomics
- Araújo, Jorge. 2011. *A Busca da Excelência*. Lisboa: Guerra & Paz.
- Arendt, Hannah. 2001. *A Condição Humana*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Associação Nacional de Treinadores de Basquetebol. 1981. *Metodologia do Treino Desportivo*. Lisboa: Edições ISEF.
- Bachelard, Gaston, 1938. *La Formation de l'Esprit Scientifique*. Paris: Vrin
- Bachelard, Gaston. 1940. *La Philosophie du Non*. Paris: PUF.
- Bachelard, Gaston. 1983. *Epistemologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Bachelard, Gaston. 1996. *O Novo Espírito Científico*. Lisboa: Edições 70.
- Batram, Arthur. 2004. *Navegando na Complexidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Benkirane, Réda. 2004. *A Complexidade, Vertigens e Promessas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Berger, Peter L., e Thomas Luckman. 1999. *A Construção Social da Realidade*. Lisboa: Dinalivro.
- Betti, Mauro. 1996. «Para uma teoria da prática». *Motus Corporis*, 3, n.º 2: 51-72.
- Bouet, Michel. 1968. *Signification du Sport*. Paris: Éditions Universitaires.
- Bourdieu, Pierre. 1996. *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação*. Campinas: Papirus.
- Bracht, Valter. 1999. *Educação Física & Ciência: Cenas de Um Casamento (In)Feliz*. Ijuí: Edição Inijuí.
- Cagigal, José María. 1972. *Deporte: Pulso de Nuestro Tiempo*. Madrid: Editora Nacional.
- Cagigal, José María. 1976. *Deporte y Agresión*. Barcelona: Editorial Planeta.
- Cagigal, José María. 1981. *OH DEPORTE: Anatomia de Un Gigante*. Valladolid: Editorial Miñón.
- Caillois, Roger. 1990. *Os Jogos e os Homens: A Máscara e a Vertigem*. Lisboa: Cotovia.
- Carvalho, Adalberto Dias, org. 2004. *Da Ética à Utopia em Educação*. Porto: Afrontamento.
- Castellani Filho, Lino. 1989. *A Educação Física: Uma História Que não Se Conta*. Campinas: Papirus.
- Castells, Manuel. 2000. *The Rise of the Network Society*. Oxford: Blackwell.
- Castells, Manuel. 2001. *The Internet Galaxy: Reflections on the Internet*. Oxford/New York: Oxford University Press.
- Castro, Armando. 1975. *Teoria do Conhecimento Científico*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Changeux, Jean Pierre, e Paul Ricoeur. 2001. *O Que Nos Faz Pensar?* Lisboa: Edições 70.
- Chateau, Jean. 1987. *O Jogo e a Criança*. São Paulo: Summus Editorial.
- Damásio, António. 1995. *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano*. Mem Martins: Europa-América.
- Damásio, António. 2003. *Ao Encontro de Espinoza*. Mem Martins: Europa-América
- Damásio, António. 2017. *A Estranha Ordem das Coisas*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- De Chardin, Pierre Teilhard. 2015. *O Fenómeno Humano*. São Paulo: Cultrix.
- Deleuze, Gilles. 2000. *Crítica e Clínica*. Lisboa: Século XXI.
- Descartes, René. 1982. *Discurso do Método*. Lisboa: Livraria Sá da Costa.

- Dilthey, Wilhelm. 1992. *Teoria das Concepções do Mundo*. Lisboa: Edições 70.
- Elias, Norbert, e Eric Dunning. 1995. *Deporte y Ocio en el Proceso de Civilización*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Feitosa, Anna Maria. 1993. *Contribuições de Thomas Kuhn para Uma Epistemologia da Motricidade Humana*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ferreira, Vergílio. 1969. *Invocação ao Meu Corpo*. Lisboa: Portugalíia.
- Figueiredo, Abel A. Abreu. 2006. «A institucionalização do karaté: os modelos organizacionais do karaté em Portugal». Tese de doutoramento em Motricidade Humana, na especialidade de Ciências do Desporto, Cruz Quebrada, Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.
- Fonseca, Vitor. 2007. *Desenvolvimento Psicomotor e Aprendizagem*. Oeiras: Âncora Editores.
- Fortin, Robin. 2014. *Pensar com Edgar Morin*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Foucault, Michel. 1996. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal.
- Foucault, Michel. 2002. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.
- Franco, José Eduardo. 2017. *Portugal, A Europa e a Globalização: Padre Manuel Antunes*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Franco, José Eduardo, e Hermínio Rico. 2007. *Padre Manuel Antunes: Interfaces da Cultura Portuguesa e Europeia*. Porto: Campo das Letras.
- Freire, João Batista. 1989. *Educação de Corpo Inteiro*. São Paulo: Editora Scipione.
- Freire, João Batista. 2002. *O Jogo: Entre o Riso e o Choro*. São Paulo: Editora Autores Associados.
- Fukuyama, Francis. 1999. *A Grande Ruptura*. Lisboa: Quetzal Editores.
- Gadamer, Hans-Georg. 1975. *Verdad y Método: Fundamentos de Una Hermenéutica Filosófica*. Salamanca: Sígueme.
- Gehlen, Arnold. 1980. *El Hombre: Su Naturaleza y Su Lugar en el Mundo*. Salamanca: Ediciones Sígueme.
- Gil, José. 1980. *Metamorfoses do Corpo*. Lisboa: A Regra do Jogo.
- Gil, José. 2005. *Movimento Total: O Corpo e a Dança*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Gil, José. 2010. *A Arte como Linguagem*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Gobry, Ivan. 1961. *La Personne*. Paris: PUF.
- Godinho, Vitorino Magalhães. 1998. *Les Sciences Humaines et la Mutation du Monde : Réflexions Inactuelles*. Lisboa: Edições Colibri.
- Gonçalves, Carlos E. Barros. 2013. *Desportivismo e Desenvolvimento de Competências socialmente Positivas*. Porto: Afrontamento.
- González, Fernando Jaime, e Paulo Evaldo Fernsterseifer, org. 2005. *Dicionário Crítico de Educação Física*. Ijuí: Editora Unijuí.
- Habermas, Jurgen. 1990. *O Discurso Filosófico da Modernidade*. Lisboa: D. Quixote.
- Henriques, Pedro, e Duarte Araújo. 2012. *O Treino da Tomada de Decisão do Árbitro de Futebol*. Lisboa: Visão e Contextos.
- Huizinga, Johan. 2003. *Homo Ludens*. Lisboa: Edições 70.
- Jorge, Maria M. Araújo. 2001. *As Ciências e Nós*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Judt, Tony. 2010. *Pensar o Século XX*. Lisboa: Edições 70.
- Kuhn, Thomas. 1982. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Kung, Hans. 2010. *O Princípio de Todas as Coisas*. Lisboa: Edições 70.
- Le Breton, David. 1982. *L'Adieu au Corps*. Paris: Métailié.
- Le Breton, David. 2001. *Les Passions Ordinaires : Anthropologie des Émotions*. Paris: Colin.
- Lima, João T. Pedroso. 2007. *O Fogo do Espírito: Desporto, Olimpismo e Ética*. Lisboa: Academia Olímpica de Portugal.
- Lipovetsky, Gilles. 2007. *A Felicidade Paradoxal: Ensaio sobre a Sociedade do Hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70.
- Lourenço, Luís, 2010. *Mourinho: A Descoberta Guiada*. Lisboa: Prime Books.
- Luz, José L. Brandão. 2002. *Introdução à Epistemologia*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Magalhães, Álvaro. 2004. *História Natural do Futebol*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Maturana, Humberto, e Francisco Varela. 1984. *El Árbol del Conocimiento*. Santiago do Chile: Editorial Universitaria.
- Maturana, Humberto, e Francisco Varela. 1995. *De Máquinas y Seres Vivos: Autopoiesis: La Organización de lo Vivo*. Santiago do Chile: Editorial Universitaria.
- Medina, João Paulo S.. 1982. *A Educação Física Cuida do Corpo e... «Mente»*. Campinas: Papirus.
- Mendonça, José Tolentino. 2017. *Elogio da Sede*. Lisboa: Quetzal.
- Merleau-Ponty, Maurice. 1945. *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard.
- Morin, Edgar. 1991. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Morin, Edgar. 2001. *O Desafio do Século XXI: Religar os Conhecimentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Morin, Edgar. 2002. *Os Sete Saberes para a Educação do Futuro*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Morin, Edgar. 1977-2004. *La Méthode (t. I-VI)*. Paris: Éditions du Seuil.
- Mortari, Kátia. 2013. «A compreensão do corpo na dança: um olhar para a contemporaneidade». Tese de doutoramento em Motricidade Humana, especialidade de Dança, Cruz Quebrada, Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.
- Mounier, Emmanuel. 1976. *O Personalismo*. Lisboa: Moraes Editores.
- Nunes, Adérito Sedas. 2001. *Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais*. Barcarena: Editorial Presença.
- Oliveira, Bruno, Nuno Amieiro, Nuno Resende, e Ricardo Barreto. 2006. *Mourinho: Porquê Tantas Vitórias?* Lisboa: Gradiva.
- Oro, Ubirajara. 1999. *Ciência da Motricidade Humana: Perspectiva Epistemológica em Piaget*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Parlebas, Pierre. 1988. *Elementos de Sociología del Deporte*. Málaga: Colección Unisport.
- Parlebas, Pierre. 1996. *Perspectivas para Una Educación Física Moderna*. Málaga: Instituto Andaluz del Deporte.
- Pastor Pradillo, José L. 2007. *Motricidad, Ámbitos y Técnicas de Intervención*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá.
- Pastor Pradillo, José L. 2015. *Deporte, Cultura, Magia y Religión*. Madrid: Librería Deportiva Esteban Sanz.

- Pereira, Duarte Costa. 2007. *Nova Educação na Nova Ciência para a Nova Sociedade*. Porto: Editora da Universidade do Porto.
- Pires, Gustavo. 2007. *Agôn: Gestão do Desporto: O Jogo de Zeus*. Porto: Porto Editora.
- Pires, Gustavo, e António Cunha. 2017. *Agôn: Homo Sportivus*. Porto: Afrontamento.
- Popper, Karl. 1972. *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo: Cultrix.
- Prigogine, Ilya. 1996. *O Fim das Certezas*. Lisboa: Gradiva.
- Queval, Isabelle. 2004. *S'Accomplir ou Se Dépasse: Essai sur le Sport Contemporain*. Paris: Gallimard.
- Real, Miguel. 2014. *Nova Teoria do Sebastianismo*. Lisboa: D. Quixote.
- Real, Miguel. 2017. *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Planeta.
- Renaud, Michel, org. 2014. *Ética e Valores no Desporto*. Porto: Afrontamento.
- Ribeiro, Agostinho. 2003. *O Corpo Que Somos: Aparência, Sensualidade, Comunicação*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Ricoeur, Paul. 1988. *O Discurso da Acção*. Lisboa: Edições 70.
- Rodrigues, David, org. 2005. *O Corpo que (Des)conhecemos*. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.
- Rodrigues, David, org. 2008. *Os Valores e as Atividades Corporais*. São Paulo: Summus Editorial.
- Santos, Boaventura de Sousa. 1986. *Introdução a Uma Ciência Pós-Moderna*. Porto: Afrontamento.
- Schutz, Alfred. 1979. *Fenomenologia e Relações Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Sérgio, Manuel. 1999. *Algumas Teses sobre o Desporto*. Lisboa: Compendium.
- Sérgio, Manuel. 2003. *Um Corte Epistemológico*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sérgio, Manuel. 2005. *Para Um Novo Paradigma do Saber e... do Ser*. Coimbra: Ariadne.
- Sérgio, Manuel. 2009. *Filosofia do Futebol*. Lisboa: Prime Books.
- Sérgio, Manuel. 2017. *Para Um Desporto do Futuro*. Lisboa: Instituto Português do Desporto e Juventude.
- Serpa, Homero. 2000. *Cândido de Oliveira*. Lisboa: Caminho.
- Serpa, Homero. 2009. *História do Desporto em Portugal: Do Século XIX à Primeira Guerra Mundial*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Serpa, Homero, e Vítor Serpa. 2004. *História do Futebol em Portugal*. Lisboa: Clube do Coleccionador dos Correios.
- Serres, Michel. 1999. *Variations sur le Corps*. Paris: Le Pommier.
- Silva, Augusto Santos, e José Madureira Pinto. 1989. *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.
- Silva, Paulo Cunha. 1999. *O Lugar do Corpo: Elementos para Uma Cartografia Fractal*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Tavares, Gonçalo M. Albuquerque. 2005. «Corporeidade, linguagem e imaginação». Tese de doutoramento em Motricidade Humana, Cruz Quebrada, Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa.
- Tavares, Gonçalo M. Albuquerque. 2013. *Atlas do Corpo e da Imaginação*. Lisboa: Caminho.
- Teixeira, Alfredo. 2004. *Não Sabemos já donde a Luz Mana*. Lisboa: Edições Paulinas.

- Teixeira, Alfredo, e José Tolentino Mendonça, coord. 2016. *Desporto, Ética e Transcendência*. Lisboa/Porto: Plano Nacional de Ética no Desporto/Afrontamento.
- Tojal, João Batista. 2000. *Motricidade Humana: O Paradigma Emergente*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Touraine, Alain. 2005. *Um Novo Paradigma: Para Compreender o Mundo de hoje*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Trigo, Eugenia, coord. 2015. *Pensar y Transformar: Un Legado de Manuel Sérgio*. Viterbo (Colômbia): Instituto Internacional del Saber.
- Tubino, Manoel J. Gomes. 1987. *Teoria Geral do Esporte*. São Paulo: Ibrasa.
- Tubino, Manoel J. Gomes. 2007. *Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte*. Rio de Janeiro: Senac Editores.
- Ulmann, Jacques. 1977. *De la Gymnastique aux Sports Modernes*. Paris: Vrin.
- Umbelino, Luís A. F. Correia. 2010. *Somatologia Subjectiva: A Percepção de Si e Corpo em Maine de Biran*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Wahl, Alfred. 2002. *La Balle au Pied: Histoire du Football*. Paris: Gallimard.
- Weber, Max. 2017. *A Ciência como Vocação*. Silveira: Book Builders.
- Y  ez Casal, Adolfo. 1996. *Para Uma Epistemologia do Discurso e da Prática Antropológica*. Lisboa: Edições Cosmos.

8. Mundo da vida e intencionalidade operante

A intencionalidade, na Motricidade Humana, não se encontra vinculada a uma consciência expectante e sobranceira ao mundo da vida. A Motricidade Humana é sempre uma atividade orientada. Ortega y Gasset grafou que «consistimos [...] en un potencial de actos: vivir es ir dando salida a ese potencial, es ir convirti ndolo en actuación» («Ideas sobre Pío Baroja», in *Obras Completas*, II, p. 80). Mas não é verdade que a nossa sociedade «parece sofrer de uma deficiência aguda, no que diz respeito aos valores sociais»? (Soros 1999, 105). E não   também verdade que uma ação, para ser verdadeiramente humana, deverá ter em conta um projeto de vida pessoal e comunitário? A pobreza, por exemplo, não é um dado natural, mas um produto da injustiça social, da discriminação. E também aqui se coloca o problema da intencionalidade. Em qualquer discurso sobre direitos, cidadania e participação, a CMH quer colher esclarecimentos e dar sugestões... para ser, usando os termos de Bourdieu (1996, 144), «uma estrutura estruturada, predisposta a funcionar como estrutura estruturante». Sucede muitas vezes com os filósofos e homens de letras conceberem a política tão-são como crítica, considerada esta como timbre de

independência. Como movimento intencional, visando a transcendência (afinal o desenvolvimento do homem todo e de todos os homens), a motricidade humana é atividade corporal, *é práxis que se torna homeodinâmica, sempre que procura a transcendência!* E, como tal, proporcionará a aquisição de competências várias: competências cognitivas, relativas à definição de metas e à consciência da necessidade de transcender os obstáculos que as dinâmicas desportivas (e sociais) levantam (só tem saúde quem é capaz de transcender e se transcender); competências técnicas e de método de trabalho, dado que a transcendência também se prepara e se treina, principalmente pela «douta ignorância» como estado permanente de quem quer aprender; competências interpessoais, que habilitem à integração e ao trabalho em grupo; competências morais, pois que a transcendência só se alcança com a crença, com a fé, em determinados valores e sabendo que tudo é complexo. A CMH diz-nos que quem se movimenta, intencionalmente, no desporto e na vida, ou seja, na mais complexa das complexidades, é um ser que precisa de transcender-se... para saber que vive!... A CMH vai nascendo, paulatinamente, de um «corte epistemológico», já que o «corte», para mim, é um processo (e portanto uma teoria sempre inacabada, através das idades) que se exprime em nova interpretação e leitura do real e portanto em novas linguagens. Volto a Gaston Bachelard (1968, 17): «um método excelente acaba por perder a sua fecundidade, se não renova o seu objeto». Mas, com o «corte» (aqui, e em todas as restantes províncias do saber) torna-se evidente que (e relembro agora Teilhard de Chardin) no «cosmos», há «cosmogénese», ou seja, há a evolução que permite que a matéria se complexifique e se transforme em biogénese (em vida) e, por fim, em antropogénese (em espírito). E, com a antropogénese, a Motricidade Humana realiza-se na transcendência dos nossos defeitos e limitações... rumo a um mundo novo, a uma mulher e a um homem novos. Na Motricidade Humana, não há sensações puras, as percepções são o *princípio*; a *causa* é o anseio, o desejo de plenitude do ente, em busca de mais ser; o *sentido* é a transcendência, em prol do homem e da mulher e das mulheres e dos homens e da sua dignidade de pessoas. Assim como a complexidade dos fenómenos exige disciplinas várias e métodos diversos, a integração destas disciplinas e destes métodos num todo é uma exigência da unidade do real. E o sentido da realidade e que transmite sentido à realidade é o ser humano que, por sua vez, procura num Absoluto o seu próprio sentido. Ocorre-me, neste momento, o *homo viator* de Gabriel Marcel e o *mundus viator* de Teilhard de Chardin. Com

efeito, o meu conceito de motricidade humana, embora a sua pouquidade, tenta superar uma ultrapassada mundividência estática, em favor de uma dinâmica visão genética, onde procure divisar-se o sentido da matéria, da vida, do ser humano, da sociedade e da história. A matéria e a vida movimentam-se para o ser humano e este, pela transcendência, que não é apenas técnica, dado que o ser humano é também afetividade, sentimento e desejo, movimenta-se em direção ao Absoluto. De facto, todo o desejo supõe uma alteridade e, para um ser que deseja sem limites, a sua alteridade revela-se nos outros, supõe o inteiramente Outro, onde o ilimitado pode encontrar explicação. Marc Augé «sustenta que o futebol deveria ser compreendido, de forma denotativa, como ritual: uma construção cultural, que torna possível a comunicação simbólica entre participantes e celebra os valores mobilizados pelos actores. O antropólogo descreveu o futebol como um grande ritual moderno que, medido por intervalos regulares e celebrado a horas fixas, congrega milhões de indivíduos, junto do altar doméstico, a televisão» (Teixeira 2004, 147). Mas o futebol não é uma alternativa à religião. Pode ser, no entanto, a expressão máxima de um apelo religioso, que não morre nunca, dentro de *cada* um de nós.

9. Transcendência: com ou sem Deus?

Para os positivistas, a humanidade evoluiu para a positividade, extirpando da mentalidade popular o mito e a metafísica para que a ciência, finalmente, despontasse. «O Deus tradicional (segundo Comte) é substituído, não pela Razão, o *Être Suprême*, como a entendia Robespierre, no segundo ano após a Revolução Francesa, mas pelo *Grand Être*, ou seja, a humanidade em geral. No lugar de Deus e da sua Providência, encontra-se agora *l'homme*, na sua *grandeur*. Este homem, inteiramente moderno, vê para prever e prevê para planear e planeia antecipadamente para dominar o mundo. Augusto Comte, o convencido proclamador da mundividência positivista, vê-se a si mesmo como o pontífice de uma nova igreja secular. Ele quer proclamar, com um rasgão filosófico, uma religião sem Deus, cuja organização, hierarquia e cerimonial deveriam imitar a Igreja Católica [...]. Só que a Igreja de Comte nunca chegou a fundar-se. Além do mais, este católico sem cristianismo não fez escola. As construções históricas de Comte, com os seus constrangimentos sistémicos, foram desautorizados, tal como as de Hegel, pela rigorosa investigação

histórica dos tempos subsequentes [...]. E assim chegámos afortunadamente ao século xx, em que pensadores que chegam precisamente das áreas da matemática e das ciências naturais desenvolvem alternativas a uma ciência sem religião e a um progresso sem Deus: interpretam Deus como estando justamente no centro do progresso e o próprio Deus como um processo em progressão» (Kung 2011, 111). Distingo, na ciência antipositivista, Pierre Teilhard de Chardin (outros nomes poderia perfeitamente citar).

A obra de Teilhard de Chardin é, como ele próprio o afirmou repetidas vezes, uma fenomenologia – «uma fenomenologia, isto é, uma leitura dos fenómenos, em princípio, mas de todos os fenómenos; uma visão, uma grande visão, a partir de dois ângulos convergentes: a Ciência e a Fé. Ora, essa grande visão reveste características tais que ela se torna a visão esperada por muitos dos nossos contemporâneos. Por aqueles que, procurando medir com o olhar a linha dos milhares e milhares de milénios ainda não lhe tinham encontrado o sentido» (Antunes 1973, 96). E, para mim, só vive quem é capaz de se transcender. A transcendência é o sentido da vida. Faço a diferença entre *durar* e *viver*. Quem não transcende e se transcende *dura* (como o doente, ligado à máquina, em fase terminal); quem transcende e se transcende *vive* e... aproxima-se de Deus, pois que a transcendência é um movimento incessante, um constante *tornar-se*, em direção ao «ponto ómega», ao Absoluto. Tem razão Teilhard de Chardin (no meu modesto entender) quando sustenta que o ser humano ainda não está concluído, dado que a evolução humana, a antropogénese, ainda não acabou. Também o atleta se considera, em relação aos seus desempenhos desportivos, em estado de permanente incompletude. No prefácio à segunda edição da *Crítica da Razão Pura*, Kant escreveu: «Tive por conseguinte de superar o *saber*, para conseguir um lugar para a *fé*». De facto, para este notabilíssimo filósofo, como afinal para Rousseau, a fé é uma verdade da consciência, ou do «coração», que se situa para além de todas as elucubrações filosóficas e do próprio horizonte da experiência! De facto, é pela fé que nos aproximamos do Absoluto, que podemos «sentir» que Deus existe! E, por isso, quando o ser humano se transcende, no desporto, no jogo desportivo, na dança, no circo, na ergonomia, no desporto paralímpico, na reabilitação, nas várias terapias do corpo a recompensa deve encontrar-se mais no esforço do que na vitória. Por isso, no desporto, aprender a perder é tanto ou mais importante do que aprender a ganhar.

Bibliografia

- AAVV. 2016. *Portugal, o Futuro É Possível*. Lisboa: Editora Nova Vega.
- Antunes, Manuel. 1973. *Grandes Contemporâneos*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Araújo, Jorge. 2011. *A Busca da Excelência*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Araújo, Jorge. 2014. *Tudo Se Treina*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Associação Nacional de Treinadores de Basquetebol. 1981. *Metodologia do Treino Desportivo*. Lisboa: Edições ISEF.
- Bachelard, Gaston. 1968. *O Novo Espírito Científico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Barata, André. 2014. *Pensamento Crítico Contemporâneo*. Lisboa: Edições 70.
- Boavida, João, e João Amado. 2006. *Ciências da Educação: Epistemologia, Identidade e Perspectivas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Boff, Leonardo. 2001. *Jesus Cristo Libertador*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Bourdieu, Pierre. 1994. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel.
- Bourdieu, Pierre. 1996. *Razões Práticas: Sobre a Teoria da Ação*. Campinas: Papirus.
- Bunge, Mario. 2002. *Epistemología: Curso de Actualización*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.
- Cabral, Ruben Freitas. 1995. «Gestão escolar em tempo de mudança». *Broteria*, 140, 155-177.
- Capra, Fritjof. 1996. *La Trama de la Vida: Una Nueva Perspectiva de los Sistemas Vivos*. Barcelona: Anagrama.
- Castro, Augusto de. 1916. *Fumo do Meu Cigarro*. Lisboa: Santos & Vieira, 1916.
- Comte, Auguste. 1989. *Cours de Philosophie Positive*. Paris : Nathan.
- Damásio, António. 2018. *A Estranha Ordem das Coisas*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Deleuze, Gilles. 1983. *L'Image-Mouvement. Cinéma 1*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Deleuze, Gilles. 1985. *L'Image-Temps. Cinéma 2*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1985.
- Derrida, Jacques. 1990. *Du Droit à la Philosophie*. Paris: Éditions Galilée.
- Dicastério para os Leigos, A Família e a Vida. 2018. *Dar o Melhor de Si*. Lisboa: Paulinas.
- Drucker, Peter F. 1994. *Post-Capitalist Society*. Abingdon: Taylor & Francis Ltd.
- Drucker, Peter F. 2003. *Sociedade Pós-Capitalista*. Lisboa: Actual Editora.
- Eco, Umberto. 1968. *La Struttura Assente*. Milano: Casa Editrice Valentino Bompiani & C.S.p.A.
- Elias, Norbert, e Eric Dunning. 1992. *A Busca de Excitação*. Lisboa: Difel.
- Fernandes, António Teixeira. 1985. *Sociedade e Sócio-Lógica*. Porto: Brasília Editora.
- Ferreira, Vergílio. 1994. *Invocação ao Meu Corpo*. Lisboa: Bertrand.
- Ferry, Luc, e Jean-Didier Vincent. 2003. *O Que É o Homem?* Lisboa: Edições ASA.
- Feyerabend, Paul. 1981. *Tratado contra el Método*. Madrid: Tecnos.
- Fiévet, Gil. 1993. *Da Estratégia Militar à Estratégia Empresarial*. Mem Martins: Editorial Inquérito.
- Franco, José Eduardo, e Luís Machado de Abreu, coord. 2018. *Compreender o Mundo e Atualizar a Igreja: Grandes Textos do Padre Manuel Antunes, SJ*. Lisboa: Gradiva.
- Geertz, Clifford. 1992. *La Interpretación de las Culturas*. Barcelona: Gedisa.

- Gil, José. 2019. *Trajectos Filosóficos*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Godard, Jean-Luc. 1983. *Jean Luc-Godard par Jean Luc-Godard*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Gusdorf, Georges. 1974. *Introduction aux Sciences Humaines: Essai critique sur leurs origines et leur développement*. Paris: Editions Ophrys.
- Habermas, Jürgen. 1988. *Teoria de la Acción Comunicativa I-II*. Madrid: Taurus.
- Heidegger, Martin. 1990. *A Origem da Obra de Arte*. Lisboa: Edições 70.
- Hottois, Gilbert. 2003. *História da Filosofia: Da Renascença à Pós-Modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Jaeger, Werner. 2001. *Paidéia: A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes.
- Japiassu, Hilton. 1981. *Questões Epistemológicas*. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Japiassu, Hilton. 1982. *Nascimento e Morte das Ciências Humanas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora.
- Jorge, Maria M. Araújo. 2001. *As Ciências e Nós*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Koyré, Alexandre. 1962. *Du Monde Clos à l'Univers Infini*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Küng, Hans. 2011. *O Princípio de Todas as Coisas*, Lisboa: Edições 70.
- Ladrière, Jean. 1977. *A Articulação do Sentido*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.
- Le Breton, David. 2001. *Les Passions Ordinaires: Anthropologie des Émotions*. Paris: Colin.
- Lima, Sílvio. 1939. *Desportismo Profissional: Desporto, Trabalho e Profissão*. Lisboa: Editorial Inquérito.
- Lima, Sílvio. 2002. *Obras Completas I-II*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lipovetsky, Gilles. 2018. *Os Tempos Hipermodernos*. Lisboa: Edições 70.
- Lipton, Bruce H. 2015. *A Biologia da Crença*. Lisboa: Sinais de Fogo.
- Luz, José L. Brandão. 2002. *Introdução à Epistemologia: Conhecimento, Verdade e História*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Lyotard, Jean-François. 1989. *A Condição Pós-Moderna*. Lisboa: Gradiva.
- Magalhães, Álvaro. 2004. *A História Natural do Futebol*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Martins, Guilherme Oliveira. 2007. *Portugal: Identidade e Diferença*. Lisboa: Gradiva.
- Mendonça, José Tolentino. 2018. *Elogio da Sede*. Lisboa: Quetzal.
- Merleau-Ponty, Maurice. 1945. *Phénoménologie de la Perception*. Paris: Gallimard.
- Miranda, Margarida. 2018. «As Humanidades são úteis?». *Brotéria* 187, n.º 5: 562-570.
- Morin, Edgar. 1982. *Ciência com Consciência*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Morin, Edgar. 1991. *O Paradigma Perdido: A Natureza Humana*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Morin, Edgar. 2002. *Reformar o Pensamento*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Morin, Edgar. 2014. *La Méthode: 6. Éthique*. Paris: Points.
- Murad, Maurício. 2007. *A Violência e o Futebol*. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- Nietzsche, Friedrich. 1972. *Origem da Tragédia*. Lisboa: Guimarães.
- Nunes, Adérito Sedas. 1993. *Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença.

- Ordine, Nuccio. 2013. *L'Utilità dell'Inutile*. Milão: Bompiani.
- Pastor Pradillo, José L. 2007. *Motricidad, Ámbitos y Técnicas de Intervención*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá.
- Pereira, Duarte Costa. 2007. *Nova Educação na Nova Ciência para a Nova Sociedade: Volume I*. Porto: Editora da Universidade do Porto.
- Pessoa, Fernando. 2016. *Livro do Desassossego*. Lisboa: Tinta da China.
- Piaget, Jean. 1967. *Biologie et Connaissance: Essai sur les relations entre les régulations organiques et les processus cognitifs*. Paris: Gallimard.
- Piaget, Jean. 1967. *Logique et Connaissance Scientifique*. Paris: Gallimard.
- Pinto, José da Costa. 2003. *A Emergência da Subjectividade em Roger Garaudy*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica.
- Platão. 2000. *Fédon (Ou Acerca da Alma)*. Lisboa: Guimarães Editores.
- Platão. 2005. *Timeu*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Platão. 2010. *O Banquete*. Lisboa: Edições 70.
- Popper, Karl. 1990. «Alguns problemas práticos da democracia». In *Balanço do Século: Ciclo de Conferências Promovido pelo Presidente da República*, org. Fernando Gil. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 73-86.
- Popper, Karl. 1991. *Um Mundo de Propensões*. Lisboa: Editorial Fragmentos, Lisboa.
- Popper, Karl. 1998. *A Lógica da Pesquisa Científica*. São Paulo: Cultrix.
- Popper, Karl. 2003. *Conjecturas e Refutações: o Desenvolvimento do Conhecimento Científico*. Coimbra: Almedina.
- Popper, Karl. 2004. *Lógica das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- Popper, Karl. 2012. *A Sociedade Aberta e os Seus Inimigos: I. O Sortilégio de Platão*. Lisboa: Edições 70.
- Popper, Karl. 2012. *Busca Inacabada: Autobiografia Intelectual*. Lisboa: Esfera do Caos Editores.
- Prigogine, Ilya. 1990. *Entre o Tempo e a Eternidade*. Lisboa: Gradiva.
- Prigogine, Ilya. 1996. *O Fim das Certezas*. Lisboa: Gradiva.
- Prigogine, Ilya. 2008. *Les Lois du Chaos*. Paris: Flammarion.
- Ratzinger, Joseph. 2005. *A Igreja e a Nova Europa*. Lisboa: Verbo.
- Real, Miguel. 2017. *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Planeta.
- Ribeiro, Agostinho. 2003. *O Corpo Que Somos: Aparência, Sensualidade, Comunicação*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Ribeiro, António Sousa. 2002. «As humanidades como utopia». *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 63: 199-207.
- Santos, Boaventura de Sousa, 1999. *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós-Modernidade*. Porto: Edições Afrontamento.
- Santos, Boaventura Sousa. 1989. *Introdução a Uma Ciência Pós-Moderna*. Porto: Afrontamento.
- Sartre, Jean Paul. 1943. *Les Mouches*. Paris: Gallimard.
- Sartre, Jean-Paul. 1943. *L'Être et le Néant: Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard.

- Sartre, Jean-Paul. 1960. *Critique de la Raison Dialectique*, I. *Théorie des Ensembles Pratiques*. Paris: Gallimard.
- Sartre, Jean-Paul. 1968. *Situações I*. Lisboa: Publicações Europa-América.
- Savater, Fernando. 2011. *História da Filosofia*. Lisboa: Planeta.
- Schmitt, Carl. 1988. *Théologie Politique*. Paris: Gallimard.
- Sembrún, Jorge. 2013. *A Linguagem é a Minha Pátria. Entrevistas com Franck Appréderis*. Lisboa: Bizâncio.
- Sérgio, Manuel. 1974. *Para Uma Nova Dimensão do Desporto*. Lisboa: Direção-Geral dos Desportos.
- Sérgio, Manuel. 1976. *Desporto em Democracia*. Lisboa: Seara Nova.
- Sérgio, Manuel. 1981. *Filosofia das Actividades Corporais*. Lisboa: Compendium.
- Sérgio, Manuel. 1987. *Para Uma Epistemologia da Motricidade Humana*. Lisboa: Compendium.
- Sérgio, Manuel. 1999. *Algumas Teses sobre o Desporto*. Lisboa: Compendium.
- Sérgio, Manuel. 2004. *Alguns Olhares sobre o Corpo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sérgio, Manuel. 2009. *Filosofia do Futebol*. Estoril: Prime Books.
- Sérgio, Manuel. 2012. *Crítica da Razão Desportiva*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sérgio, Manuel. 2016. *Desporto em Palavras*. Porto: Afrontamento.
- Sérgio, Manuel. 2017. *Para Um Desporto do Futuro*. Porto: Afrontamento.
- Sérgio, Manuel. 2018. *Para Uma Epistemologia da Motricidade Humana: Prolegómenos a Uma Nova Ciência do Homem*. 4.^a edição. Lisboa: Nova Vega.
- Silva, Augusto Santos, e José Madureira Pinto. 1989. *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.
- Soros, George. 1999. *A Crise do Capitalismo Global, Sociedade Aberta Ameaçada*. Lisboa: Temas e Debates.
- Tavares, Gonçalo M. 2013. *Atlas do Corpo e da Imaginação*. Lisboa: Caminho.
- Teilhard de Chardin, Pierre. 1959. *L'Avenir de l'Homme*. Paris: Seuil.
- Teixeira, Alfredo. 2004. *Não Sabemos já donde a Luz Mana*. Lisboa: Edições Paulinas.
- Umbelino, Luís A. F. Correia. 2010. *Somatologia Subjectiva: A Percepção de Si e Corpo em Maine de Biran*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Varela, Francisco, Evan Thompson, et Eleanor Rosch. 1993. *L'Inscription Corporelle de l'Esprit: Sciences Cognitives et Expérience Humaine*. Paris: Seuil.
- Weber, Max. 2017. *A Política como Vocação / A Ciência como Vocação*. Silveira: Book Builders.
- Wittgenstein, Ludwig. 2008. *Tratado Lógico-Filosófico. Investigações Filosóficas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Yáñez Casal, Adolfo. 1996. *Para Uma Epistemologia do Discurso e da Prática Antropológica*. Lisboa: Edições Cosmos.



CATOLICA
INSTITUTO DE
ESTUDOS DE RELIGIÃO

BRAGA·LISBOA·PORTO



CÁTEDRA
MANUEL
SÉRGIO

DESPORTO, ÉTICA
E TRANSCENDÊNCIA

Começar esta coleção com uma coletânea de textos de Manuel Sérgio é um gesto fundador, com a força simbólica própria dos gestos que dão origem a uma história. Na sua obra, encontramos o mais importante esforço de construção de uma filosofia do desporto, em Portugal, e o contributo mais decisivo para a formulação de um novo paradigma: a motricidade humana. Em Manuel Sérgio, a «meditação» sobre o desporto é uma forma de pensar o mundo da vida.

Manuel Sérgio nasceu em Lisboa, a 20 abril de 1933, é licenciado em Filosofia pela Universidade de Lisboa e Doutor e Professor Agregado em Motricidade Humana pela Universidade Técnica de Lisboa. A sua tese de doutoramento, intitulada «Para uma Epistemologia da Motricidade Humana», foi decisiva para a criação, em Portugal de um novo olhar sobre o desporto, a partir da ciência da motricidade humana. Manuel Sérgio é Provedor da Ética no Desporto no âmbito do Plano Nacional de Ética no Desporto.

PATROCÍNIO

